



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

(Re)pensando a história da literatura norte-rio-grandense: Luís da Câmara Cascudo e suas posturas regionalistas nos anos de 1920

Francisco Firmino Sales Neto

Natal/RN
2006

FRANCISCO FIRMINO SALES NETO

(Re)pensando a história da literatura norte-rio-grandense: Luís da Câmara Cascudo e suas posturas regionalistas nos anos de 1920

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Natal/RN
2006

FRANCISCO FIRMINO SALES NETO

(Re)pensando a história da literatura norte-rio-grandense: Luís da Câmara Cascudo e suas posturas regionalistas nos anos de 1920

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Aprovada em _____ de dezembro de 2006.

Nota: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)

Prof. Ms. Maria da Conceição Guilherme Coêlho

Prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha (Suplente)

**Natal/RN
2006**

*À memória de meus amados e saudosos
avôs Francisco Firmino Sales e Caetana
Álvares Sales.*

AGRADECIMENTOS

Se escrever a monografia já foi uma tarefa difícil, imaginem escrever os agradecimentos para as pessoas que marcaram minha trajetória acadêmica! Geralmente os agradecimentos são escritos de última hora, após o término do texto e no fervor de emoções apressadas, não podendo ser algo por demais ponderado, sendo apenas lembranças instantâneas.

Por esse motivo decidi escrever essa parte dedicada aos agradecimentos antes mesmo do término da própria monografia. Sei que, com isso, corro o risco de atropelar a escrita do texto pelo qual serei realmente avaliado, bem como há a possibilidade de, no texto final, estarem excluídos dos agradecimentos prováveis eventos e sensibilidades que possam vir a ocorrer nesse mês que separa a realização do presente texto e a conclusão da monografia. De todo modo, assumo os riscos dessa precipitação para prestar homenagens com a calma e a atenção que tal atitude requer. Afinal, foram cinco anos de prazerosas amizades e de novas maneiras de perceber e sentir o mundo, advindas dessa experiência singular que foi cursar a Faculdade de História.

Então, gostaria de começar agradecendo a Deus, que me capacitou a suportar tão transformador curso. Transformador a tal ponto que modificou a minha própria maneira de conceber esse Deus. Um Deus que continuou, nesses cinco anos, presente em minha vida, mas que a Universidade e o conhecimento histórico me fizeram separá-lo da Instituição através da qual eu O conheci. Mas nem por isso chegaram a provocar questionamentos quanto à certeza de que sempre necessitarei desse Deus a guiar meus passos e a me proporcionar outros e outros e outros cinco anos na companhia de pessoas tão caras.

Agradeço à minha família, pois acredito que a família é a base de sustentação de qualquer indivíduo, inclusive meu sustentáculo, e também é através dela que estabelecemos

toda e qualquer relação com o mundo. Por isso agradeço, em especial, sobretudo e todos, aos meus amados pais Lourdes e Paulo, que sempre se dedicaram a mim, dando-me o amor que trazem em si e possibilitando-me, muitas vezes, além do que podiam. Espero poder retribuí-los, pai e mãe, todo o amor e o desvelo a mim dispensados. Vocês dois são a parte mais importante da minha vida!

Agradeço a meu irmão Ranieri que foi uma força direta a estimular-me. Às minhas tias Marias (Conceição, Graça, Piedade, Rosário, Salete e Soledade), a meu tio Manoel e aos meus padrinhos, Elias e Taciana, pelas palavras experientes, o carinho e a confiança depositada em mim. Aos meus primos queridos, minhas companhias mais especiais, principalmente Caroline, Kaline, Lidiane, Pedro, Rayane, Rogério e Valéria, que estiveram ao meu lado como amigos e, mais do que isso, suportaram a luz acesa à noite, para que eu pudesse estudar; que literalmente me arrastaram para ir a alguma festa ou à Igreja, quando achavam que eu estava passando do limite; que dividiram o computador comigo; e que, até mesmo, pesquisaram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para mim. Aos meus lindos e sorridentes afilhados Ismael, Juan, Rafaela e Victor. Aos meus amigos de infância, também membros da minha família, Ana Paula, Júnior, Romualdo e Rose, que acompanharam (e também reclamaram) a cada dia minha ausência maior na Nascimento, mas que entendiam nossa amizade à distância. Eu amo muito todos vocês!

Aos mestres com carinho, como sempre vemos nos convites de formatura. Agradeço a todos os professores, sem exceção, que fizeram da minha graduação um excelente curso universitário. Particularmente, gostaria de citar os nomes de cinco professores cuja relação ensino-aprendizagem foi acompanhada de uma prazerosa amizade: Aurinete com sua eterna disponibilidade e carinho; Conceição Guilherme, a quem muito devo como minha primeira orientadora, me acompanhando nos primeiros passos acadêmicos e fazendo com que eu me apaixonasse por determinados temas na história da arte e da Igreja no Brasil; Milena que,

mesmo sendo professora substituta, certamente deixou enormes marcas de aprendizado e de amizade na minha turma; Raimundo Arrais que, embora através de uma relação mais formal, esteve sempre disposto a ajudar-me na empreitada desta monografia, cujo tema ele conhece tão bem; Raimundo Nonato, alguém que hoje vejo pouco, mas que o tenho numa enorme estima, pela perfeita disciplina sobre o Brasil colonial, pelo incentivo que me deu para participar da seleção para bolsista do Professor Durval e, principalmente, pelas palavras de amizade que em um específico dia ouvi.

E, claro, agradeço ao meu orientador Durval Muniz. Esses dois anos e meio convivendo com Durval foram, absolutamente, de um enorme aprendizado. Como bolsista dele, certamente, obtive um valoroso aprendizado acadêmico, no qual pude aprimorar, sobretudo, a escrita e a visão teórica e empírica da pesquisa histórica, cuja monografia é, espero, um primeiro resultado. Porém, quero ainda ressaltar um outro aspecto, pois Durval me fez refletir sobre a vida. Como ele percebia bem, muitas vezes essa reflexão me angustiava, posto nunca houvesse refletido sobre o mundo em que vivo e hoje considero isso indispensável. Acredito que, com Durval, aprendi algo muito importante: a necessidade de associar as palavras “diferença” e “respeito” – sei que não preciso explicar em qual sentido essas palavras estão aqui empregadas. Portanto, mesmo de uma maneira não tão efusiva, acho que posso e devo dizer: “- Da terceira margem também so(u)rrio”!

Aos funcionários e diretores das instituições em que realizei pesquisas para a concretização dessa monografia. Escolho dois nomes para representarem todas essas pessoas que me auxiliaram: Dona Lúcia e Daliana Cascudo. O que teria sido de minha pesquisa no Instituto Histórico sem o auxílio constante de Dona Lúcia? Contando com aquele carinho verdadeiro e aquela alegria contagiante que ela possui, a pesquisa no IHGRN se tornou muito mais fácil. Não importa o que diga aqui, sei que nunca agradecerei o suficiente para essa mulher que, certamente, foi uma honra conhecer. Daliana Cascudo também foi uma das gratas

surpresas que tive nas instituições onde pesquisei. Graças ao tão criticado orkut, pude conhecê-la e pesquisar no Memorial Câmara Cascudo. Sempre disposta a ajudar-me, ela disponibilizou material importante para a minha pesquisa e deu dicas muito pertinentes que pude verificar na documentação e que agora compõem nosso texto. Obrigado a essas duas alegres e simpáticas mulheres.

Aos colegas da faculdade que, de alguma forma, deixaram marcas na minha vida, em especial aos meus queridos amigos: Ana Cláudia, Arlan, Arthur, Aryana, Bruna, Bueno, Consolação, Daianne, Elizângela, Gustavo, Isabel, João Carlos, Juliany, Kamylla, Kedmiell, Larissa, Manuel, Marília, Olívia, Úrsula e Vanessa. Tem coisas que não precisam ser ditas porque são visíveis. Então, a vocês amigos, a única coisa que ainda acho ser necessário dizer é: adoro vocês!

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

Esse estudo tem por objetivo repensar a atuação intelectual de Luís da Câmara Cascudo, durante os anos de 1920, momento em que esse escritor ocupou o lugar de sujeito de crítico literário. Tencionamos mostrar como foi construída uma versão para esse capítulo da biografia de Câmara Cascudo, acentuando suas relações com o Movimento Modernista e silenciando as relações por ele mantidas com o Movimento Regionalista-Tradicionalista. Agindo assim, objetivamos romper com o silêncio em torno do Cascudo regionalista, trazendo-o à luz. Para tanto, dividimos o trabalho em três partes. Na primeira delas apresentamos o processo de construção de uma imagem modernista para Câmara Cascudo que, em contrapartida, acarretou um silêncio em torno da postura regionalista desse escritor. No segundo capítulo, o inserimos no contexto de produção literária da qual ele, inicialmente, fazia parte: uma tradição regionalista-provinciana. E, por fim, no terceiro capítulo, expomos a efetiva atuação regionalista-tradicionalista de Câmara Cascudo, notadamente sua aproximação a Gilberto Freyre, junto ao Centro Regionalista do Nordeste.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 A CONSTRUÇÃO DO MODERNISTA E O REGIONALISTA SILENCIADO	28
1.1 <i>Um breve olhar sobre a obra cascudiana</i>	30
1.2 <i>No princípio era o Regionalismo</i>	34
1.3 <i>... e o Regionalismo se fez Moderno</i>	42
1.4 <i>Uma tese modernista</i>	50
1.5 <i>Modernismo e (...): anos 20 no Rio Grande do Norte</i>	56
CAPÍTULO 2 LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, UM REGIONALISTA DE OCASIÃO?	65
2.1 <i>Cascudo entre passadistas e futuristas</i>	66
2.2 <i>O crítico literário e o folclorista: herdeiros de um legado regionalista provinciano</i>	72
2.3 <i>Caros amigos: a projeção intelectual de Câmara Cascudo em outras plagas</i>	81
CAPÍTULO 3 DE RECIFE: O CASCUDO PASSADISTA E TRADICIONALISTA	92
3.1 <i>Novas Instituições, antigos saberes: Luís da Câmara Cascudo, aluno da Faculdade de Direito do Recife e sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano</i>	93
3.2 <i>Um tradicionalista em destaque: o envolvimento de Luís da Câmara Cascudo com o Centro Regionalista do Nordeste, com o Livro do Nordeste e com o I Congresso Regionalista do Nordeste</i>	106
CONCLUSÃO	130
BIBLIOGRAFIA	139

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

a) **Imagens de capa (De cima para baixo):**

- Os jovens escritores Joaquim Inojosa e Luís da Câmara Cascudo (Anos 20) – *A República*, Natal, 14 out. 1984.
- O jovem Luís da Câmara Cascudo ladeado por duas pessoas não identificadas (Anos 20) – Acervo Memorial Câmara Cascudo.
- O folclorista Luís da Câmara Cascudo recebendo a Medalha Massangana das mãos do escritor Gilberto Freyre (1984) – Acervo Fundação Gilberto Freyre.

- b) **Figura 1** Requadro de história em quadrinhos, que reproduz um auto popular assistido por Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo, em Natal, no ano de 1928 – *A República*, Natal, 30 dez. 1979.....46
- c) **Figura 2** Câmara Cascudo recebendo a Medalha Massangana das mãos de Gilberto Freyre – *A República*, Natal, 02 set. 1984.....47
- d) **Figura 3** Abraço entre Inojosa e Cascudo, por ocasião da visita do escritor pernambucano a Natal – *A República*, Natal, 14 out. 1984.....49
- e) **Figura 4** Propaganda do jornal *A Imprensa*, anunciando a venda do livro *Palanquim dourado*, do escritor pernambucano Mário Sette – *A Imprensa*, Natal, 22 dez. 1922.....87
- f) **Figura 5** Timbre do papel da carta enviada por Freyre a Cascudo, em 17 mar. 1925 – Acervo Memorial Câmara Cascudo.....113
- g) **Figura 6** Programa-convite do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste – AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.....120
- h) **Figura 7** Fotografia da instalação do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste – *Revista de Pernambuco*, Recife, a. 3, n. 21, mar.1926.....127

INTRODUÇÃO

Esse estudo tem por objetivo repensar a atuação intelectual de Luís da Câmara Cascudo, durante os anos de 1920, momento em que esse escritor ocupou o lugar de sujeito de crítico literário. Tencionamos mostrar como foi construída uma versão para esse capítulo da biografia de Câmara Cascudo, acentuando suas relações com o Movimento Modernista e silenciando as relações por ele mantidas com o Movimento Regionalista-Tradicionalista. Agindo assim, objetivamos romper com o silêncio em torno do Cascudo regionalista, trazendo-o à luz.

Para realizar essa releitura, não nos restringimos a década de 1920, visto que a construção do sujeito a que chamamos de Luís da Câmara Cascudo modernista se deu posteriormente a essa época. Nesse sentido, nosso estudo não segue uma cronologia rigorosa. Antes, passa por variados momentos da vida e da obra de Câmara Cascudo, sempre que essa postura trouxe informações pertinentes a nossa análise do Câmara Cascudo crítico literário. Assim sendo, nosso trabalho está organizado retrospectivamente, partindo da compreensão do processo que construiu uma imagem de modernista para Cascudo, para só então retornarmos à década de 1920 e começarmos a discutir as ações do escritor norte-rio-grandense pautadas por princípios regionalistas.

É do conhecimento de todos a relação de Câmara Cascudo com o Movimento Modernista, mas a versão existente na história da literatura do Rio Grande do Norte, sobre o conteúdo modernista da obra de Cascudo, mais exalta o modernismo do que o explica, reduzindo a agitação literária no Estado, nos anos 20, apenas a esse movimento.¹ Por isso, analisando a mesma década de 1920, buscamos expor um outro sujeito que conviveu

¹ Como exemplo dessa postura ver ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.
Id., *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN: SESI, 1998.

simultaneamente com os modernistas, ao qual chamamos de Luís da Câmara Cascudo regionalista, cuja atuação permanece ignorada.

De início, é preciso definir em qual sentido os Movimentos Modernista e Regionalista-Tradicionista aparecem ao longo do texto, uma vez que não é nosso objetivo recontar a história desses movimentos no Rio Grande do Norte, de modo que essas explicações foram tomadas como pressupostas. Partimos do conhecimento já existente sobre o que foram esses dois movimentos, detendo-nos apenas na análise das relações de Câmara Cascudo com essas duas correntes culturais e literárias. Assim sendo, antes de nos debruçarmos sobre a nossa questão específica, é necessário deixar claro, mesmo que de maneira sucinta, o que entendemos por modernismo e regionalismo.

O Movimento Modernista é, certamente, o estilo estético-literário mais estudado na história da literatura brasileira, devido à ruptura que instaurou na concepção de arte e de literatura nacional. O seu marco cronológico, como é de conhecimento geral, foi a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, quando artistas e intelectuais questionaram os princípios vigentes na literatura brasileira e se propuseram a criar uma nova arte para o país, apoiada em princípios de vanguarda oriundos da Europa.

Ainda em 1922 o modernismo chegou à cidade do Recife, por intermédio do jovem estudante e jornalista Joaquim Inojosa, que esteve em São Paulo naquele mesmo ano, tendo conhecido os representantes desse movimento e as idéias por eles defendidas. Logo ao retornar ao Recife, Inojosa iniciou uma campanha para divulgar as idéias que, naquele momento, ainda recebiam o nome de “futurismo”. Através do *Jornal do Comércio* Inojosa passou a expor as idéias de vanguarda, no Recife, tendo encontrado uma forte oposição por parte dos escritores que concebiam a iniciativa futurista de Inojosa como uma “atitude iconoclasta, destruidora, [e] contrária à tradição”.²

² AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996. p. 46.

Nesse sentido, conforme Neroaldo Pontes de Azevedo, a proposta inicial de Inojosa, para o futurismo em Pernambuco, era a “destruição do passado para tentar construir o futuro”.³ Fato que provocou resistência entre os adeptos do regionalismo, que não admitiam tal proposta. Os “passadistas”, como eram chamados os adeptos dessa resistência regionalista, estavam apoiados em princípios provincianos existentes desde o século XIX e que, durante a década de 1920, sob a coordenação de Gilberto Freyre, foi acrescido de um forte apego à tradição. Disso resultou o surgimento do Movimento Regionalista-Tradicionalista, claramente apoiado no regionalismo provinciano do século XIX, mas que possuía uma outra finalidade: criar uma tradição que impusesse uma contenção às idéias renovadoras.⁴

A partir do ano de 1924, passadistas e futuristas deram novos passos para a propagação das idéias que defendiam. Em 28 de abril de 1924 foi criado, em Recife, o Centro Regionalista do Nordeste, agremiação que se propunha a ampliar o sentimento de unidade dessa região.⁵ A criação desse centro regional permitiu a confluência dos indivíduos de toda a região Nordeste, que concordavam com as idéias passadistas, para um ambiente de discussão comum. Através do Centro Regionalista e das ações por ele desenvolvidas, o regionalismo deixou de querer apenas reagir ao futurismo, e iniciou um processo de construção de uma tradição regionalista que servisse de suporte para as idéias desse movimento. Então, o termo passadista deu lugar à expressão regionalista – também tradicionalista e nordestino – que implicava em uma maior abrangência de ação em relação ao significado do termo antecessor: os regionalistas deviam, a partir de então, colaborar na construção de um sentimento de brasilidade, ofertando a parcela nordestina de tal sentimento.⁶

³ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, p. 44.

⁴ O regionalismo provinciano foi uma postura literária praticada no Brasil do final do século XIX até a década de 10 do século XX, aproximadamente. Nessa postura regional, o que definia o caráter do saber produzido era o espaço estadual, ou seja, era um regionalismo praticado em cada província e circunscrito por esse espaço. Acerca disso ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. (Estudos e pesquisas, 104). p. 40-47.

⁵ CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 maio 1924.

⁶ FREYRE, Gilberto. Regionalismo criador. In: PRIMEIRO Congresso Regionalista Brasileiro. *A Imprensa*, Natal, 01 abr. 1925.

Com essa mesma concepção de brasilidade, os futuristas resignificaram sua atuação a partir de 1924. Com a plaquete *A Arte Moderna*, Joaquim Inojosa difundiu amplamente por toda a região Nordeste as idéias desse movimento, levando Cascudo a escrever que “a ‘carta’ [*A Arte Moderna*] fez mais barulho que a confederação do Equador”.⁷ Em seguida, em 1925, com a plaquete *O Brasil Brasileiro*, Inojosa deixou de querer somente destruir o passado, na tentativa de construção do futuro, para pensar como a arte poderia contribuir na idéia de brasilidade.⁸

Foi nesse segundo momento, quando o futurismo começou a se configurar como o modernismo que hoje conhecemos, que as idéias modernas ganharam repercussão em Natal. Nesse mesmo período, o regionalismo – em sua dimensão provinciana e local – já era conhecido no Rio Grande do Norte e, por isso, os jornais locais cederam espaço para as novas discussões e idéias em arte, posto que as mesmas ainda eram desconhecidas na esfera local. O regionalismo, contudo, não desapareceu. Os dois movimentos passaram a coexistir. Portanto, a oposição que se formou entre passadistas e futuristas e, mais tarde, ente regionalistas e modernistas foi um caso muito particular a Pernambuco, não aplicável da mesma maneira para Natal. De modo que, na metade dos anos 20, regionalismo-tradicionalista nordestino e modernismo estavam sendo elaborados, dentro do Rio Grande do Norte, de maneira conjunta e não conflituosa, uma vez que esses movimentos não estavam mais se preocupando em destruir-se mutuamente. Como ambos queriam, a seu modo, pensar uma arte que tornasse, permitam-me a redundância, o Brasil brasileiro, as articulações eram possíveis.

Sendo assim, Luís da Câmara Cascudo foi um sujeito emblemático, pois buscou ler e conhecer tanto as idéias modernistas quanto as tradicionalistas. Como crítico literário, Cascudo foi conhecedor dos dois movimentos e manteve, como veremos, articulações com ambos. O fato de estar cursando a Faculdade de Direito do Recife, entre 1924 e 1928,

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Registro Bibliográfico – *A Arte Moderna*. *A Imprensa*, Natal, 22 ago. 1924.

⁸ Acerca das duas plaquetes ver INOJOSA, Joaquim. *A arte moderna (1924-1974)*; *O Brasil brasileiro (1925-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. Meio-dia, 1977.

contribuiu bastante nesse sentido, uma vez que Cascudo pôde freqüentar ambientes específicos de cada corrente artístico-literária, tornando-se representante de ambos em Natal. Todavia, como apenas a participação de Cascudo no Movimento Regionalista-Tradicionalista permanece rodeada de penumbra, foi nessa participação que nos detivemos.

Dessa forma, nosso estudo é parcial, no sentido de que apresenta apenas uma parte da questão, a ação regionalista, abdicando de expor a atuação modernista de Câmara Cascudo e fazendo referências esporádicas a esse movimento apenas quando necessário. Por outro lado, queremos deixar claro não termos desejado mostrar que somente o regionalismo-tradicionalista existiu em Natal, mas expor que outras visões artístico-literárias também foram possíveis na década de 20. Portanto, reiteramos que, em Natal, o regionalismo-tradicionalista conviveu com o modernismo sem grandes desacordos e/ou enfrentamentos.

Isso posto, voltemos ao ano de 1918, pois foi nesse ano que Cascudinho – como era então chamado o hoje consagrado Luís da Câmara Cascudo – publicou seus primeiros textos. No dia 10 de outubro daquele ano, o jovem Cascudo, na ocasião com 20 anos incompletos, assinou uma coluna intitulada *Bric-à-Brac*, no jornal *A Imprensa*⁹, de propriedade de seu pai, o Coronel Francisco Cascudo. Nesse artigo, Cascudinho realizava uma crítica literária do livro *Bosque Sagrado*, da autoria de Leal de Souza.¹⁰ Durante os anos que se seguiram, o jovem escritor norte-rio-grandense publicou inúmeros artigos na coluna *Bric-à-Brac*. A maioria desses artigos refletia sobre os aspectos da literatura patrícia, inclusive, nesse período, também publicou dois livros de crítica literária: *Alma Patrícia*, publicado em 1921, e *Joio*,

⁹ O Jornal *A Imprensa* foi criado pelo rico comerciante Coronel Francisco Cascudo no ano de 1914 e circulou em Natal até o ano de 1927. No entanto, são raros os exemplares existentes desse periódico nos arquivos locais e, quando existem, se encontram em péssimo estado de conservação. Mesmo assim, conseguimos localizar um número razoável de artigos, de modo a permitir nossas interpretações.

¹⁰ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Bric-à-Brac*. *A Imprensa*, Natal, 18 out. 1918.

Por questão de praticidade e organização, não citaremos as fontes deste trabalho na bibliografia para não ocuparmos inúmeras páginas listando todos os artigos consultados, sobretudo, nos jornais *A Imprensa*, *A República* e *Diário de Pernambuco*. Apenas constarão na bibliografia os textos que foram consultados em formato de livros ou artigos acadêmicos. Enquanto isso, os artigos em jornais, que serviram de fontes, só constarão nas notas de rodapé.

publicado em 1924.¹¹ Então, a função de crítico literário foi o lugar de sujeito ocupado por Cascudo em seus primeiros passos intelectuais, sem no entanto reduzir-se a essa função, visto que nessa mesma época ele já escrevia sobre folclore e história.

A preferência pela crítica literária por parte de Cascudo apoiou-se em três pontos básicos: 1) uma formação erudita; 2) a grande importância da literatura no final do século XIX e início do século XX, quando o bacharel era também o homem de letras; e 3) a aproximação existente entre a literatura e a imprensa no início do século XX.

Em relação ao primeiro ponto, Cascudo pôde contar com uma educação esmerada e culta, em virtude do excelente cabedal financeiro de sua família, que disponibilizou excelentes professores e uma literatura clássica como instrumento de formação educacional; e ao cuidado excessivo dos seus pais que, devido à morte prematura dos filhos anteriores, propiciou a ele uma infância de livros e saberes.¹² No tocante à importância da literatura na passagem do século XIX para o século XX, Cascudo surgiu intelectualmente em um momento marcado por um traço sócio-cultural notável, segundo o qual eram os membros das elites políticas e econômicas que compunham os quadros da intelectualidade e das academias de saber. Nesse sentido, Cascudo como filho do homem mais rico da cidade do Natal, relacionou-se freqüentemente com a intelectualidade norte-rio-grandense e a ela veio a pertencer.¹³ Por fim, temos os caminhos muito próximos entre a literatura e a imprensa periódica no Brasil. Os jornais se constituíam no principal meio de circulação de notícias,

¹¹ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia*: crítica literária. Edição Fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção mossoroense, série C, n. 743).

Id., *Joio*: páginas de literatura e crítica. Edição Fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção mossoroense, série C, n. 749).

Sobre as colunas literárias com tons patrióticos, a título de exemplo, podemos citar Id., *Bric-à-Brac*. *A Imprensa*, Natal, 20 out. 1918.

E também, Id., *Bric-à-Brac*: Dioclécio D. Duarte. *A Imprensa*, Natal, 28 nov. 1918.

¹² Acerca da educação de Câmara Cascudo ver MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo*: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968. Natal: Fundação José Augusto, 1970. v. 1. t. 1. p. 11-12.

¹³ Acerca da relação entre elite político-econômica e elite intelectual, bem como das figuras de saber que existia nesse momento ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. *Trajetos*. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

abrangiam em grande proporção o meio letrado e tinham como função, além de veicular as notícias, deleitar o público com páginas de literatura. Raro o escritor que, naquele momento, não se utilizou da imprensa para divulgar seus escritos.¹⁴

Portanto, Câmara Cascudo surgiu para a escrita em um douto cenário de letras. Uma vez integrado a esse círculo letrado estadual, Cascudo se projetou para além dos limites territoriais do Rio Grande do Norte, tornando-se o responsável pela interação da intelectualidade local com escritores de outros Estados. Essa interação se fez possível porque, nesse período, Cascudo residiu em grandes centros culturais do país, tendo estado na cidade de Salvador, em 1918, e no Rio de Janeiro, entre 1919 e 1922, enquanto cursava a Faculdade de Medicina; e entre 1924 e 1928 esteve na cidade do Recife, conforme já dissemos, cursando a Faculdade de Direito. Nessas temporadas em outras cidades, Cascudo se relacionou com inúmeros escritores e conviveu com os meios literários locais.

Mesmo assim, o período que vai da publicação do primeiro artigo *Bric-à-Brac*, em 1918, à chegada de Mário de Andrade em Natal, em 1928, foi pouco explicado pelos escritores que se detiveram a analisar esse momento da trajetória intelectual de Cascudo. O único ano que vem merecendo atenção é o de 1924, por um motivo simples, foi nesse ano em que começou a amizade epistolar entre o jovem crítico local e aquele escritor que seria monumentalizado junto ao modernismo, Mário de Andrade.¹⁵ Também é sempre mencionada a estada de Mário de Andrade, em Natal, entre dezembro de 1928 e janeiro de 1929.¹⁶

¹⁴ Acerca da relação entre imprensa e literatura ver BARROS, Souza. O papel da imprensa e a sua renovação. In: _____. *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Rio de Janeiro: Graf. Ed. Acadêmica, 1977. p. 175-189.

¹⁵ Cascudo possuía o hábito de, após escrever e publicar seus artigos, enviá-los aos sujeitos sobre quem tratava, criando laços intelectuais. O caso mais conhecido dessa prática foi o envio do artigo *O sr. Mário de Andrade*, publicado no jornal *A Imprensa* de 11 de junho de 1924, para o escritor modernista, em São Paulo. O envio desse artigo deu início à amizade entre os dois escritores.

Ver CASCUDO, Luís da Câmara. *O sr. Mário de Andrade*. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1924.

¹⁶ Mário de Andrade permaneceu no Rio Grande do Norte de 14 de dezembro de 1928 a 27 de janeiro de 1929. No entanto, ele já havia estado em Natal, em uma rápida passagem no dia 7 de agosto de 1927, quando retornava de uma viagem à região Norte do Brasil e à Bolívia, conhecendo Cascudo pessoalmente.

Acerca da passagem de Mário de Andrade por Natal ver ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 191 e 228-306.

Não obstante, esses estudos, dos quais podemos já citar, sobretudo, os de Veríssimo de Melo, no final da década de 1980, e Humberto Hermenegildo, a partir da década de 1990, reduzem a atividade intelectual de Câmara Cascudo à sua relação com Mário de Andrade. Com efeito, exploram os referidos anos de 1924, 1928 e 1929 e abdicam do direito – para não dizer dever – de problematizar as múltiplas faces do Luís da Câmara Cascudo crítico literário, quais sejam, sobretudo, a sua aproximação com o Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordestino;¹⁷ além do fato de não historicizarem a época, pensando a década como um bloco homogêneo, cujos anos citados é que explicam todos os eventos e as circunstâncias vividas por Cascudo, naquele tempo.

Isso decorre de enunciados que foram agenciados pós-anos 20. O Movimento Modernista se consagrou no país ao longo do século XX e passou a ser explorado e estudado como raríssimos temas na história literária brasileira. Assim sendo, o modernismo brasileiro, tal qual conhecemos hoje, é uma construção discursiva calcada na vitória das idéias desse movimento, e, conseqüentemente, a história do modernismo tem sido constantemente confundida com a propaganda que se fez dele. É por isso que os estudos não conseguem escapar ao encanto de um discurso exaltador e a ele retornam com freqüência – tentação que esperamos dominar, escapando das teias discursivas dos estudos já existentes.

Para mapearmos alguns momentos dessa construção de uma imagem mítica do modernismo e, assim, demonstrarmos em que medida esses enunciados interferiram nos estudos que antecederam a realização de nossa pesquisa, abordaremos agora e de maneira sucinta, alguns ensaios sobre o modernismo e o regionalismo, escritos por Mário de Andrade,

¹⁷ Acerca dessa postura, por exemplo, ver MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, série B, n. 1480).

Id., (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.

Ou ver ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*.

Id., *Asas de Sôfia: ensaios cascudianos*.

Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre. Esses autores, enquanto participantes dos referidos movimentos, influenciaram o modernismo e o regionalismo brasileiro, notadamente o nordestino, e, com a propaganda de seus livros, interferiram na idéia que hoje se faz desses movimentos.

A figura de Mário de Andrade é, certamente, a que mais se destacou no Movimento Modernista. Seu papel de moderador e agrupador dos diversos subgrupos internos ao modernismo, aliado a sua capacidade intelectual, conferiram a ele uma enorme visibilidade e uma posição de destaque à frente dos inúmeros outros modernistas de primeira hora. Destacamos, nesse sentido, um evento ocorrido em 1942, ou seja, no aniversário de vinte anos da Semana de Arte Moderna. Na ocasião, Mário de Andrade realizou uma conferência no Rio de Janeiro, na qual articulou sua trajetória intelectual à história do modernismo. O texto foi todo escrito na primeira pessoa do singular, ou seja, era o “eu” Mário de Andrade quem abordava o modernismo, conferindo ao seu texto um caráter de depoimento e representando a sua centralidade junto à história desse movimento. Como resultado, pois, o modernismo aparece na conferência como sinônimo do próprio Mário de Andrade.¹⁸

Além disso, as palavras iniciais de Augusto Almeida Filho, naquele ano de 1942, apresentando Mário de Andrade ao público da conferência, demonstram como o modernismo já havia se notabilizado. Assim se pronunciou Almeida Filho: “Hoje, passado a fase heróica, de combates e de lutas, ser modernista é uma posição cômoda e fácil. Ontem chegou a ser confundida com sérias e perigosas psicoses e era quase um caso de polícia...”¹⁹. Portanto, com o modernismo em uma posição cômoda e fácil, Mário de Andrade construiu, através desta conferência, uma versão oficial para o modernismo, apagando da narrativa todos os percalços que essa corrente de renovação literária tinha enfrentado. A história seria, para Mário, então,

¹⁸ Ver ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

¹⁹ ALMEIDA FILHO, Augusto. Palavra de apresentação. In: ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*, p. 7-8.

uma teleologia: a Semana de 1922 já apontaria seu rumo e seguiria no destino de uma renovação das artes e, por conseguinte, de consagração das novas idéias.

Porém, foi a atuação dos escritores pernambucanos Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre que, decisivamente, tornou o modernismo ainda mais polêmico. Embora Freyre tenha se mantido vinculado sempre ao regionalismo, ele escreveu inúmeros trabalhos no intuito de trazer para si os louros da fama do modernismo, a exemplo de Joaquim Inojosa, que também agiu do mesmo modo, escrevendo sobre o modernismo a partir de si mesmo. Cada um deles, em virtude de um desentendimento intelectual, construiu-se como sendo o responsável por trazer as novas idéias para o Nordeste, mormente, para o Recife. Acerca disso, assim tratou Neroaldo Pontes de Azevedo:

A leitura da obra e dos depoimentos dos intelectuais que tiveram atuação destacada na década de 20 em Pernambuco deixa clara a importância daquele momento. Mas também revela o interesse de cada um em salientar o mérito de sua atuação e de seu grupo, em detrimento dos outros, através de enganos propositais e, sobretudo, de omissões.²⁰

Gilberto Freyre, em especial, tentou modificar a história do Movimento Regionalista-Tradicionista. Em 1951, por ocasião dos vinte e cinco anos da realização do Congresso Regionalista de 1926, Freyre leu um Manifesto Regionalista, argumentando que esse texto havia sido lido no evento de 1926.²¹ Isso mais tarde veio a ser refutado, pois descobriu-se que o texto datado de 1926 fora, na verdade, escrito em 1951. O Manifesto Regionalista não fora lido no Congresso de 1926.²² Além disso, Freyre buscou incorporar seu regionalismo no

²⁰ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, p. 17.

²¹ Ver FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista de 1926*. Ministério da educação e cultura. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1955.

²² Acerca dessa polêmica em torno do Manifesto Regionalista ver AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. Op. cit., p. 150-165.

conjunto vitorioso de idéias modernistas, passando a escrever sobre o Movimento Regionalista-Tradicionalista chamando-o de “movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife”. Não há dúvida que o regionalismo também possuía uma postura moderna, mas não era esse o interesse de Freyre. O líder do regionalismo havia percebido a dimensão que o modernismo havia alcançado e sentira a necessidade de vincular a imagem daquele movimento ao discurso modernista. Isso nos mostra como a década de 1920 passou por um processo posterior de fabricação de fontes e, indiretamente, ocasiona algumas análises deturpadas tanto do modernismo quanto do regionalismo.²³

Na contramão da explicação de Gilberto Freyre, temos Joaquim Inojosa. Como responsável pela mediação das idéias da Semana de Arte Moderna de 1922, entre São Paulo e Pernambuco, Inojosa reagiu fortemente contra as tentativas de Freyre em propagar antecipações modernas dos regionalista-tradicionalistas nordestinos aos modernistas paulistas. A bibliografia de Joaquim Inojosa, nesse sentido, fez o percurso inverso, buscou mostrar o lado da moeda em que ele próprio, Inojosa, era a efigie. O estudo em três volumes *O movimento modernista em Pernambuco*, aqui em particular, foi um grito em resposta a Gilberto Freyre. Nele, Inojosa critica inúmeras posições de Gilberto Freyre, dentre elas o falso Manifesto Regionalista, ao dizer: “Documento forjado como se fôra o bicho-papão do regionalismo tradicionalista, (...), indicando-o como ponto de partida da renovação literária e artística que se deve atribuir, isto sim, ao modernismo da Semana de 22”.²⁴ Deste modo, Inojosa ficou no extremo oposto a Freyre, enquanto visão acerca da década de 1920, sendo o próprio Joaquim Inojosa o personagem principal de seus livros; logo, Freyre seria o antagonista das idéias modernistas. Mesmo assim, Inojosa também produziu, a exemplo de

²³ Ver FREYRE, Gilberto. Presença do Recife no movimento modernista brasileiro. Separata de *Caderno Moinho Recife*. Recife, n. 10, 1972.

Id., O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife. In: ____. *Manifesto regionalista*. 6. ed. Recife: INPJS: Ministério da Educação e Cultura, 1976. p. 12-36.

²⁴ INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1968/1969. v.1. p. 207.

Ver também Id., *Um “movimento” imaginário: resposta a Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1972.

Gilberto Freyre, um discurso moldado e orientado no sentido de impor seu próprio ponto de vista como a “verdadeira história” do modernismo no Nordeste.

Portanto, não se trata de entendermos quem tinha razão nessa discussão: Freyre ou Inojosa. O importante é tomarmos esses exemplos para não perdermos de vista que estamos pisando em terreno minado, onde a qualquer momento podemos incorrer em interpretações deturpadas, em virtude do alto grau de agenciamentos presentes nos discursos modernista e regionalista. Não podemos esquecer também que os dois movimentos podem ser chamados de modernos, uma vez que suas idéias apareceram em um mesmo contexto de renovação da cultura nacional. Muito embora os regionalistas tenham se preocupado, em especial, com a cultura nordestina no sentido histórico-patrimonial, e os modernistas tenham se voltado com maior atenção para os aspectos de uma literatura nacional, ambos foram modernos ao pensar a cultura através de idéias de vanguarda. Por esse modo, concordamos com as idéias de Durval Muniz, segundo as quais

Tomar, pois, estes movimentos como antitéticos é assumir a imagem que cada movimento quis construir para si, em oposição ao outro, e embarcar nas posturas regionalistas que fizeram emergir estes discursos, além das próprias disputas que envolveram modernistas e regionalista pela hegemonia cultural, não só em nível nacional, mas também da própria região.²⁵

Fugir, pois, dessas posturas construídas em torno do modernismo e do regionalismo-tradicionalista facilitará a compreensão da atuação de Luís da Câmara Cascudo nesses dois movimentos. Conforme veremos, sobretudo, no primeiro capítulo, as explicações existentes acerca desse momento da obra de Câmara Cascudo seguem o mesmo diapasão dos discursos acima citados. Os estudiosos do pensamento cascudiano foram, passo a passo, construindo um

²⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 93.

Cascudo modernista, sem dar margens para que o Cascudo regionalista pudesse ser visualizado, ou melhor, fazendo com que o Cascudo regionalista desaparecesse da biografia desse escritor. Como um *a posteriori* histórico, construiu-se uma mitificação do modernismo no Rio Grande do Norte, sem levar em conta todas as manifestações culturais da década de 1920 e apoiado apenas na consagração nacional de Mário de Andrade, digo, do Modernismo. Com isso, resultou um personagem adepto do modernismo, iniciador de novos, infenso ao regionalismo, crítico de Gilberto Freyre e, principalmente, amigo de Mário de Andrade: o Luís da Câmara Cascudo, representante do modernismo no Rio Grande do Norte.

Para abordar nosso problema, nos apoiamos em algumas idéias de Michel Foucault. Com Foucault pudemos refletir sobre as circunstâncias e os interesses que possibilitaram a construção do Cascudo modernista, bem como pudemos identificar as lacunas que foram sendo incessantemente repetidas para formular uma regularidade discursiva capaz de silenciar o Cascudo regionalista.²⁶

Além disso, nos apoiamos em suas idéias acerca da análise de discurso, não para identificar na obra de Cascudo o que é regionalista e o que é modernista, mas sim para perceber os jogos de força que pautaram a elaboração desses discursos. De acordo com Foucault, o discurso é materialidade, são práticas que instauram objetos de saber e poder. Assim sendo, utilizar a análise de discurso é buscar perceber como determinadas práticas foram sendo agenciadas de maneira a alcançar os fins últimos a que se propunham.²⁷ Notadamente, em se tratando de nosso trabalho, é tentar identificar como as práticas discursivas sobre Câmara Cascudo e dos partidários do modernismo foram moldando os contornos do Cascudo modernista e silenciando o envolvimento de Câmara Cascudo com o Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordeste. As idéias de Foucault, assim, foram

²⁶ Ver FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

²⁷ Ibid.

tomadas para perceber o grau de agenciamento por que passaram os discursos regionalistas da década de 1920.

Em se tratando das fontes, para realizarmos nosso estudo, pesquisamos em uma variada gama de documentos referentes ao modernismo e ao regionalismo, precisamente, os que se relacionavam à atuação de Luís da Câmara Cascudo nesses movimentos. Sendo assim, para ilustrarmos nossa pesquisa, listemos aquelas fontes que em muito contribuíram para a realização de nosso trabalho: os periódicos locais *A Imprensa* (1917-1927)²⁸ e *A República* (1918-1987)²⁹; os jornais recifenses *Diário de Pernambuco* (1924-1926) e *Jornal do Comércio* (1924 e 1978); algumas revistas da década de 1920, de circulação local e nacional, tais como a *Revista do Centro Polymathico* e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte* (Rio Grande do Norte), *Feira Literária* e *Revista do Brasil* (São Paulo), *Revista de Pernambuco*, *O Tacape* e *A Pilhéria* (Pernambuco), e *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro); algumas correspondências expedidas e recebidas por Cascudo; fotografias e imagens produzidas em torno dos dois movimentos a que estamos nos referindo; parte da documentação produzida pelo Centro Regionalista, que está abrigado pela Fundação Gilberto Freyre; alguns estudos sobre o modernismo também foram tomadas como fontes primárias, especialmente no primeiro capítulo, tais como os de Veríssimo de Melo³⁰, Humberto Hermenegildo³¹ e José Luiz Ferreira³²; e, por fim, alguns livros do próprio Câmara Cascudo³³.

Toda essa documentação, pois, foi consultada a partir das idéias de Michel Foucault, tentando

²⁸ Excetuando-se o ano de 1926, ano para o qual não localizamos artigo algum do jornal *A Imprensa*.

²⁹ Devido a períodos sem publicações e períodos em que não existem exemplares do jornal *A República*, nas instituições de pesquisa locais, não conseguimos ler os artigos de todos os anos compreendidos no espaço cronológico referido. A título de informação, os anos consultados foram: 1918 a 1920; 1922 a 1929; 1931; 1933 a 1936; 1938-1940; 1942; 1949 a 1950; 1956; 1958 a 1960; 1972 a 1976; 1978 a 1987.

³⁰ Ver MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*. Id., (Org.). Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo.

³¹ Ver, por exemplo, ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Id., *Asas de Sófia*: ensaios cascudianos.

³² Ver FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20*. 2000. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

³³ Ver, por exemplo, CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Instituto Nacional do Livro. (Coleção documentos brasileiros, 186). Id., *Na ronda do tempo*: diário de 1969. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

perceber como e por que o Luís da Câmara Cascudo modernista foi exaltado, enquanto o Cascudo regionalista foi ignorado.³⁴

Diante disso, estruturamos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, mostramos como Luís da Câmara Cascudo, ao contrário de escritores como Mário de Andrade e Joaquim Inojosa, por exemplo, não construiu uma imagem modernista de si. Os elementos que hoje o definem como tal foram determinados por autores que se detiveram no estudo de seu pensamento, através de um processo iniciado a partir do final da década de 1970. Não foram, em momento algum, posturas assumidas por ele próprio.

Nesse sentido, o Luís da Câmara Cascudo modernista foi construído discursivamente, através do agenciamento de enunciados remetiam à aceitação e à mitificação do modernismo durante a década de 1970. Isto quer dizer que foram os enunciados sobre a atuação literária de Câmara Cascudo que moldaram uma imagem modernista para Cascudo. Os estudos de Veríssimo de Melo são os maiores exemplos dessa prática, as quais incorporaram Cascudo retrospectivamente ao modernismo, partindo dos anos de 1970 e 1980 para se referirem a década de 1920, sem, no entanto, historicizá-la, sem percebê-la na sua amplitude.

Ao mesmo tempo em que construíram a imagem de escritor modernista para Cascudo, autores como Veríssimo de Melo e, em um segundo momento, Humberto Hermenegildo silenciaram a aproximação que havia perdurado da década de 1920 até meados de 1970: a de Luís da Câmara Cascudo adepto do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Portanto, no primeiro capítulo, mostramos como e por que foi construída uma imagem modernista para Cascudo nas últimas décadas do século XX, em detrimento da imagem regionalista que existia até então, a qual, a partir dali, foi silenciada.

No segundo capítulo, levantamos uma questão sugerida a partir das idéias de Humberto Hermenegildo. De acordo com esse autor, Cascudo seria um regionalista de

³⁴ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

ocasião; ou seja, Cascudo seria um escritor modernista que, por residir em uma província onde o regionalismo fazia parte do cotidiano, em alguns raros momentos pôde escrever sobre o regionalismo.³⁵ Diante disso, formulamos e respondemos à seguinte questão: seria Luís da Câmara Cascudo um regionalista de ocasião?

Ao longo desse segundo capítulo, expomos como Cascudo foi solicitado por escritores passadistas e futuristas para fazer parte do grupo de intelectuais que compunha cada uma dessas correntes de pensamento; defendemos também que o crítico literário Luís da Câmara Cascudo surgiu vinculado a uma tradição local de escrita representada, sobretudo, pelo escritor regionalista Henrique Castriciano, não tendo ainda nenhuma ligação com o modernismo; apresentamos sob que circunstâncias se iniciaram os estudos folclóricos realizados por Cascudo, trajetória começada anos antes do modernismo repercutir no Rio Grande do Norte; e argumentamos, por fim, que a projeção intelectual de Câmara Cascudo iniciou-se antes dele conhecer Mário de Andrade, tendo sido principiada já nos primeiros anos da década de 1920, quando Cascudo já mantinha contatos, por exemplo, com Monteiro Lobato e Mário Sette. Essas observações, assim, refutam a possibilidade de Cascudo ser apenas um regionalista de ocasião, pois o insere no meio regionalista provinciano do qual o jovem escritor Cascudinho foi oriundo.

No terceiro e último capítulo, abordamos os anos compreendidos entre 1924 e 1926, auge da repercussão do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Através da documentação referente a esse movimento, mostramos como em meados da década de 1920, quando Cascudo estava residindo em Recife, ele frequentou e interagiu com escritores regionalista-tradicionalistas. Assim sendo, em 1924, Cascudo entrou para a Faculdade de Direito do Recife, onde manteve contatos com Gilberto Freyre, por exemplo; em 1925, através de seu amigo Mário Melo, tornou-se sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico

³⁵ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sôfia: ensaios cascudianos*. p. 51.

Pernambucano, reduto de idéias passadistas; também em 1925, foi convidado a participar das comemorações do *Diário de Pernambuco*, organizada por Gilberto Freyre; e, em 1926, visitou o Centro Regionalista do Nordeste, ofertando seu apoio às ações desse Centro, mesmo que tenha desistido de participar do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Portanto, no conjunto, a monografia apresenta uma outra face de Câmara Cascudo, sua postura regionalista. Para esse fim, os três capítulos foram organizados de modo a indicar como a leitura da atuação intelectual de Luís da Câmara Cascudo, na década de 1920, tem sido feita de forma inversa ao que nos mostra a documentação. A imagem que existe na bibliografia já citada é a de que Cascudo foi um escritor modernista que, algumas vezes, pensou de maneira regionalista. Quando, ao contrário, deve-se percebê-lo como um escritor vinculado a uma tradição regionalista provinciana, tornando-se depois um regionalista-tradicionalista e, só ao final da década de 1920, veio a ser claramente um escritor modernista.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO MODERNISTA E O REGIONALISTA SILENCIADO

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira reflectida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso.³⁶

Michel Foucault

Recentemente, em julho de 2006, foi inaugurada uma exposição no Memorial Câmara Cascudo, em Natal, em memória dos vinte anos da morte desse escritor, que falecera a 30 de julho de 1986. A exposição *Câmara Cascudo 20 anos de encantamento*³⁷ foi orientada de modo a passar por toda a vida de Cascudo. Curioso foi constatar que, na parte referente à década de 1920, havia uma foto de Mário de Andrade entre a foto do casamento de Cascudo com a jovem Dahlia Freire, ocorrido no ano de 1929, e a foto do jovem Cascudinho em sua biblioteca, que sugeria o início da sua atividade intelectual. Isso nos fez refletir e cogitar as seguintes questões: 1) em que sentido a imagem do paulista Mário de Andrade foi colocada ao lado da representação de dois momentos tão importantes na vida de Câmara Cascudo, o surgimento do escritor e a união marital com a sua “flor sem espinhos”? 2) obedecendo a que princípios essas três fotos foram escolhidas como os momentos mais significativos para ilustrar aquela fase da vida de Câmara Cascudo? 3) por que o início da amizade entre os dois escritores foi destacado como um marco na biografia de Câmara Cascudo?

Ressaltemos que esse tipo de discurso não é apenas imagético, como está configurado na exposição, é, também e sobretudo, textual. Logo após termos assistido a essa exposição,

³⁶ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?*. 4. ed. Lisboa: Vega, 2000. p. 141.

³⁷ Essa exposição foi inaugurada no dia 24 de julho de 2006 e hoje, dia 21 de setembro de 2006, ainda está ocorrendo nas dependências do Memorial Câmara Cascudo, sem previsão para encerramento.

iniciamos a leitura de uma das muitas biografias que existem sobre Câmara Cascudo e lá se encontrava, novamente e já na primeira página, Mário de Andrade, através de uma citação. O livro que começamos a ler foi o de Diógenes da Cunha Lima, *Câmara Cascudo um brasileiro feliz*, publicado em 1978, o qual possui a seguinte declaração de Mário de Andrade, sob a forma de epígrafe: “Luís da Câmara Cascudo, inteirinho, da cabeça aos pés, de corpo e alma Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, eu Brasil, nós Brasil, Brasil, Brasil”.³⁸ Essa epígrafe teria sido usada por Cunha Lima apenas pela beleza e força retórica da citação ou, mais uma vez, para associar Cascudo e Mário?

Partindo dessas constatações contemporâneas, tencionamos, nesse capítulo, observar os pontos de surgimento e de consolidação do Cascudo modernista e o paralelo silenciamento do Cascudo regionalista. Então, para começarmos nossa análise no sentido da compreensão das relações intelectuais de Câmara Cascudo, nos anos 20, e para apresentarmos o processo de (des)construção do Cascudo modernista, enfocaremos, a princípio, os anos posteriores à década de 1920, uma vez que esse processo começou a ser construído, separado da agitação literária dos anos 20, ou seja, pelas décadas seguintes a essa data, chegando até os dias atuais. Não se trata, é claro, de negar a existência do escritor modernista, pois, como já ressaltamos na introdução, ele existiu. Trata-se, no entanto, de relativizá-lo, explicando como as associações que acabamos de ver entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo decorrem de alguns discursos que atribuíram à história do modernismo no Rio Grande do Norte uma verdade única e singular, a qual silenciou uma outra visão possível: o Luís da Câmara Cascudo regionalista.

³⁸ LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo, um brasileiro feliz*. Natal: RN Econômico, 1978. p. 23.

1.6 Um breve olhar sobre a obra cascudiana

Saindo da década de 1920 e seguindo pelas décadas posteriores, a relação de Câmara Cascudo com o conhecimento foi passando por inúmeros rearranjos, de tal modo que seu pensamento se aproximou de vários outros lugares de saber: a política, a história, a geografia, a etnografia, o folclore, etc. Mesmo que a literatura, enquanto prática de escrita preocupada com estilos de linguagem, modos de expressão e representação da realidade, não tenha sido abandonada no todo por Cascudo – ressalte-se, por exemplo, seu envolvimento na criação e implantação da Academia Norte-riograndense de Letras, em 1936-1937, da qual fez parte também do seu quadro de imortais³⁹ –, seus livros publicados a partir dos anos de 1930, detiveram-se a estudar outras áreas do conhecimento. O crítico literário como lugar de sujeito central na obra cascudiana ficou nos anos de 1920, reaparecendo apenas como um saber secundário no trabalho do historiador e do folclorista, principalmente.

Devido ao grande número de livros publicados por Câmara Cascudo e pelos limites temporais para execução de nosso estudo, não tivemos como consultar toda a obra de Cascudo para verificarmos até que ponto existe nela referências ao modernismo. Todavia, consultando alguns livros, foi possível constatar que as referências de Cascudo ao período da década de 1920, a Mário de Andrade e ao modernismo se fazem apenas como um aspecto de evocação de sua memória, sem mostrar algum tipo de posicionamento apologético a esse movimento. Aliás, o tom memorialístico foi um traço marcante na obra de Câmara Cascudo. É comum encontramos nos seus estudos, em especial os de história e os de folclore, a referência a eventos ou manifestações que o próprio autor tenha participado ou assistido. Isso está associado às suas concepções teóricas, segundo as quais ele via na memória um

³⁹ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. Há treze anos.... *A República*, Natal, 09 ago. 1949.

argumento de autorização de seu discurso. As informações escritas por ele eram, assim, reforçadas pelo testemunho vivo de alguém que as presenciou e que, por isso, podia falar com propriedade.

Um exemplo muito claro dessa postura é o livro *Literatura oral no Brasil*, de 1952. Esse estudo se propõe a tratar dos aspectos das manifestações literárias orais e da importância da inserção dessas manifestações na história da literatura tida como erudita. Nesse trabalho, Cascudo fez algumas referências à década de 20, à literatura e a Mário de Andrade. Sobre este, assim escreve: “em dezembro de 1928, no Alecrim, bairro do Natal, Mário de Andrade e eu assistíamos a um ensaio do ‘Bumba-Meu-Boi’ que se ia exhibir na *Noite de Festa* (Grifo do autor).”⁴⁰ Diante disso, não se tratava apenas de trazer o nome e a imagem de Mário de Andrade, de citar um autor consagrado na literatura nacional para ilustrar o texto. Tratava-se, também, de evocar uma memória para fazê-la funcionar como argumento de autoridade. Cascudo e Mário, nesse caso, já teriam preocupações com as manifestações da literatura oral desde a década de 1920 e, por isso, o primeiro deles podia sistematizá-la em livro. É nesse sentido que a citação em questão pode ser entendida no livro *Literatura oral no Brasil*, de Câmara Cascudo.

Aproximando-se ainda mais da questão da memória, podemos citar o caso do livro *Na ronda do tempo*, publicado em 1971, mas que foi escrito ao longo de todo o ano de 1969. Trata-se do diário escrito por Cascudo naquele ano. De acordo com o próprio autor, esse livro foi um “registro de visitas e pensamentos que o procuraram durante um ano. Nem mesmo viagem em torno de mim mesmo. Mas, de dentro para fora, como num exame de sangue”.⁴¹ Nesse exame interior, localizamos uma passagem relacionada ao modernismo que revela, de maneira rápida, como Cascudo recordava a sua atuação literária. Há uma recordação da década de 1920, no capítulo referente ao dia 11 de janeiro, escrito quando Cascudo passava

⁴⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*, p. 25

⁴¹ Id., *Na ronda do tempo*: diário de 1969, p. 25.

uma temporada no Rio de Janeiro e recebia a visita de Joaquim Inojosa, o principal representante nordestino do Movimento Modernista e de quem já falamos na introdução desse estudo. Acerca dessa visita, assim escreveu Cascudo:

Abraço um amigo de 45 anos, Joaquim Inojosa, *leader* do “Movimento Modernista em Pernambuco”, que expôs e documentou em 700 páginas ágeis (dois tomos, 1968). Alegria de reviver meu tempo de “*Acadêmico de Direito*” no Recife, e a fase ainda juvenil da agitação literária, *clímax* com a vinda de Guilherme de Almeida lendo o *Raça*. Inojosa está sólido, maciço, imperturbável. Duas horas de viagens mentais bem superiores, para nós, ao trajeto sideral da “Apolo 8”. (Grifos do autor).⁴²

Essa citação ressalta um ponto importante sobre os anos 1920, de acordo com a qual Cascudo não se assumiu diretamente como modernista e como participante do movimento liderado por Inojosa, ele apenas se declarou como um jovem agitador literário. Para Cascudo, a visita de Inojosa o fez rememorar os tempos de estudante de direito no Recife (1924-1928) e, em particular, a sua fase de agitação literária, que teria tido como ápice a presença de Guilherme de Almeida em Recife. Foi em termos de agitação literária que Cascudo recordou a década de 20.

O responsável por esse *clímax* referido por Cascudo, Guilherme de Almeida, foi um dos representantes do modernismo e sua estada na capital pernambucana, em novembro de 1925, quando leu seus poemas no Teatro Santa Isabel, causou agitação no meio literário pernambucano. Mesmo Cascudo estando presente a esse evento, não podemos atribuir uma maior relação entre ele e Guilherme de Almeida. Analisando as fotografias tiradas na época e publicadas no livro *O movimento modernista em Pernambuco*, de Joaquim Inojosa, as quais retratam o que o autor do livro chamou de “grupo modernista”, não consta a presença de

⁴² CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo: diário de 1969*, p. 41-42.

Câmara Cascudo em quaisquer uma delas.⁴³ Além disso, Cascudo escreveu no seu livro *Gente Viva*, de 1970, sua opinião a respeito daquele dia de novembro de 1925. Assim disse:

O poeta da DANÇA DAS HORAS e do MESSIDOR [Guilherme de Almeida] não se impressionou com o meu plastron negro, o colete de fustão e as polainas de linho branco. Nem aludiu ao meu HISTÓRIAS QUE O TEMPO LEVA, publicado por Monteiro Lobato, prefácio de Rocha Pombo, que eu julgava tão divulgado como a Santa Bíblia, para *um escritor e jornalista* constituía agressão premeditada, desliguei-o da consagrada concordância. Perdera um leitor em Natal. (Grifos do autor).⁴⁴

Isso corrobora que Luís da Câmara Cascudo não se envolveu de maneira muito participativa no evento em torno de Guilherme de Almeida. Ele não interagiu com o “grupo modernista”; sua participação fora apenas de espectador e nem ao menos fora citado pelo poeta paulista. Aliás, fato esse que desagradou ao vaidoso Cascudo. Essa citação também nos ajuda a entender que o “clímax” recordado por Cascudo na citação anterior – a visita de Guilherme de Almeida –, deva corresponder a um dos temas conversados por ele e Inojosa em 1969, uma vez que o envolvimento de Cascudo nesse “clímax” foi discreto; apenas como observador, na platéia.

Nenhuma das duas citações se trata de um depoimento da época, mesmo assim, apontam para uma leitura em que o modernismo foi dissolvido por quem escreve, Cascudo, no contexto geral da década de 1920, dentro de um momento de agitação literária. Foi dessa maneira que Cascudo se referiu ao modernismo nos livros que consultamos. O modernismo não aparece com o mesmo destaque que se vê na obra de Inojosa, por exemplo. Desta forma, Cascudo não confessou claramente, em sua obra, seu lado modernista – pelo menos, não com a mesma ênfase e sentido com que Mário de Andrade, Inojosa e outros fizeram. Para

⁴³ Ver INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. v. 1.

⁴⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Gente viva*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 62.

Cascudo, muito mais do que um período do modernismo, os anos 20 foram um período de agitação literária, um período em que ele se envolveu com a construção de uma literatura nacional. Deste modo, Cascudo não construiu uma versão modernista de si em sua obra, esses discursos são externos a ele, partiram de explicações extemporâneas e só depois chegaram aos anos 1920.

1.7 No princípio era o Regionalismo...

Se Cascudo não construiu sua imagem de escritor modernista, como e por que essa imagem pode, nos dias de hoje, estar tão cristalizada, tão naturalizada e tão subjetivada no Rio Grande do Norte? A leitura do jornal *A República*, órgão oficial do Estado do Rio Grande do Norte, para o qual Cascudo se transferiu após o fechamento do jornal que ele dirigia – *A Imprensa* – e do qual Cascudo veio a ser articulista e diretor, ajuda-nos a responder essa questão, pois foi nas páginas desse periódico que a construção do personagem modernista começou.

Entre 1931 e 1978, os artigos que localizamos no jornal *A República* não exploravam as relações de Cascudo com as idéias literárias da Semana de Arte Moderna e, quando a citavam, é de uma maneira fortuita e fugidia.⁴⁵ A coluna do próprio Cascudo, nesse jornal, quando tratava do tema era para trazer alguma citação de Mário de Andrade acerca do assunto que estava sendo abordado na coluna.⁴⁶ Até porque o tema principal dos artigos ao longo

⁴⁵ Reiterando, devido a períodos sem publicações e períodos em que não existem exemplares dos jornais nas instituições de pesquisa locais, não conseguimos ler os artigos de todos os anos compreendidos no espaço cronológico referido nesse subitem. Mesmo assim, como pesquisamos a grande maioria dos anos em questão, podemos inferir essa explicação. A título de informação, os anos pesquisados foram: 1918 a 1920; 1922 a 1929; 1931; 1933 a 1936; 1938-1940; 1942; 1949 a 1950; 1956; 1958 a 1960; 1972 a 1976; 1978 a 1987.

⁴⁶ Ver, por exemplo, CASCUDO, Luís da Câmara. Nossas modinhas. *A República*, Natal, 29 mar. 1940.

desses anos não era mais a literatura nacional, era a história do Rio Grande do Norte. Os artigos da coluna *Acta diurna*⁴⁷, por exemplo, buscavam resgatar um passado que estava sendo esquecido e que precisava ser contado e escrevinhado. Luís da Câmara Cascudo não era mais um crítico literário, era um historiador.

Por esse modo, ao contrário do que verificamos nos dias atuais, era a aproximação com o regionalismo que os jornais exploravam até o final da década de 1970. Nesse aspecto, duas aproximações importantes se deram no ano de 1960. A primeira delas ocorreu com a morte de Gustavo Barroso, que deixou uma vaga aberta na Academia Brasileira de Letras (ABL). Logo em seguida à morte de Barroso, foi iniciada uma campanha para que Câmara Cascudo viesse a assumir o lugar deixado por seu amigo na ABL. No entanto, Cascudo não se candidatou à vaga. Mesmo Cascudo não tendo se candidatado, o importante para nosso estudo é que o jornal *A República* publicou alguns artigos em incentivo a essa campanha e é através desses artigos que encontramos indícios do Câmara Cascudo regionalista. Em um dos artigos em incentivo à eleição de Cascudo para a ABL, datado de 9 de fevereiro de 1960, foi reproduzido o texto da indicação do autor potiguar para a vaga do escritor cearense. Reproduziremos parte desse texto, embora longo, porque se faz necessário para nossa explicação. Eis o trecho em questão:

Definida e marcante é, sem favor, do panorama da inteligência brasileira, a posição que ocupa o historiador eminente, o folclorista consagrado e o etnólogo ilustre que se chama Luis da Câmara Cascudo. Figura excepcional, de humanista e sábio, sobretudo no terreno das investigações históricas e dos estudos folclóricos, ainda que se proclamadas renitências provincianas, e por isso *preso pelas raízes de saudável regionalismo a ambiência nordestina em que se formou*, e a que dá relevo e lustre, nem assim, porém, passou Luis da Câmara Cascudo muito tempo ignorado no seu “habitat”.

(...).

Faz-se mister, agora, – e esse é o motivo desta indicação – que prestemos, também nós, os de casa, esse preito de justiça que Luis da Câmara Cascudo está a merecer, pelo

⁴⁷ Coluna publicada por Cascudo no jornal *A República* a partir de 1939 e que continuou a ser publicada por toda a década de 1940.

seu valor, ou a exigir, pela sua obra, de uma geração que tem nele, sem dúvida, um dos seus expoentes máximos. E não vemos melhor forma de consagrá-lo, em definitivo, já que se trata de um grande homem da literatura, do que a de sugerir o seu nome para a vaga aberta, com a morte do seu também eminente companheiro de causa Gustavo Barroso, na Academia Brasileira de Letras. Até porque, **data vênia** ninguém poderia preencher, ali, mais e melhor, do que o Mestre de Natal, o vazio deixado pelo autor de “Terra do Sol”, que vindo da província ilustre de Leonardo Mota, foi igualmente, como ele é, um historiador de fama consagrada e um folclorista de brilhante imorredoura fé do ofício. (Grifo meu).⁴⁸

Antes de comentá-la, leiamos uma segunda aproximação, publicada no mesmo jornal e no mesmo ano. Trata-se de um artigo de Gilberto Freyre, intitulado *O Recife, pioneiro de regionalismo moderno*, no qual esse escritor tratou de livros que seriam frutos da repercussão do Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordeste. Dentre eles, ressaltou algumas obras de natureza histórica ou etnográfica que seriam verdadeiros guias histórico-sentimentais de cidades brasileiras. Nas palavras do próprio Freyre:

Vários outros guias de cidades vêm sendo, desde então [desde a repercussão do regionalismo pernambucano], publicados com o mesmo sentido regional e tradicional, em que a cidade é destacada como síntese e expressão de um conjunto regional; destacando-se (...); o de Natal, por Luís da Câmara Cascudo.⁴⁹

Não podemos ser ingênuos ou, até mesmos, maldosos e impormos essas aproximações como sendo as corretas, como as que realmente expressam a relação de Cascudo com a literatura. Os dois artigos supracitados também obedecem a um regime discursivo de construção de eventos históricos. Dito de outra forma, esses artigos associam Cascudo ao regionalismo, partindo da imagem do consagrado folclorista, nacional e internacionalmente, que já o era nesse momento. No primeiro caso, o autor aproximou Cascudo de Gustavo

⁴⁸ ÍNTEGRA da indicação de Câmara Cascudo para a Academia Brasileira de Letras. *A República*, Natal, 09 fev. 1960.

⁴⁹ FREYRE, Gilberto. *O Recife, pioneiro de regionalismo moderno*. *A República*, Natal, 12 jul. 1960.

Barroso, partindo do princípio de que ambos eram folcloristas renomados. Além do que os dois representariam de maneira notável sua região de origem, o Nordeste. Nada mais justo que, para os defensores dessa candidatura, Luís da Câmara Cascudo sucedesse Gustavo Barroso na Academia Brasileira de Letras. Já no segundo caso, a aproximação que Gilberto Freyre estabeleceu, partiu, sem dúvida, das aproximações com seu pensamento, nesse momento. Ambos eram, em 1960, escritores que pensavam a cultura brasileira, ambos atuavam como construtores de uma parcela regional da cultura brasileira: a nordestina. Foi nesse sentido que Freyre atribuiu às obras etnográficas de Cascudo a continuação das idéias regionalistas dos anos 20, como sendo uma obra escrita por um renomado nome da cultura brasileira.

Os dois casos representam um outro tipo de regionalismo. Não mais o regionalismo-tradicionalista, mas um regionalismo que se aproxima do folclore e da cultura (popular) nordestina, elementos que tencionavam “resgatar” uma forma de organização social que estava a ser redimensionada pelos avanços tecnológicos e pelo processo de modernização da região Nordeste. Outro Nordeste, outros discursos e, logo, outro tipo de regionalismo, muito mais próximo do folclore do que da literatura.

Anos mais tarde, a cultura brasileira, notadamente a nordestina, foi o mote para mais uma associação entre Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e o regionalismo. Em maio de 1978, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, promoveu a I Semana de Cultura Nordestina, nas dependências do Teatro Alberto Maranhão, em Natal. Esse evento contou com a participação de vários escritores brasileiros que pensavam a cultura da região Nordeste, dentre eles três autores a quem o jornal *A República* se referiu como “monstros sagrados” da cultura: Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e José Américo de Almeida.

A notícia de abertura do evento aparece em espaço destacado na primeira página do jornal, sublinhando alguns dos participantes do evento, as solenidades e os fins a que se

propunha o encontro. Segundo a notícia, a I Semana de Cultura Nordestina tinha por objetivo “preservar a cultura do Nordeste, no Estado, reunindo os maiores expoentes da cultura da Região”.⁵⁰ Todavia, apesar do destacado anúncio de abertura da Semana, o jornal *A República* não dedicou outras colunas explicativas durante o evento nem durante os quase dois meses que se seguiram a ele – com raras notinhas na coluna social, que apenas destacavam as confraternizações ocorridas, sem se deter nos aspectos intelectuais da I Semana de Cultura Nordestina.⁵¹

Apenas no dia 16 de julho daquele ano foi que o jornal *A República* voltou a se referir às discussões realizadas na I Semana de Cultura Nordestina. E só então podemos entender o porquê do possível silêncio em torno do evento. Em artigo intitulado *Sobre a 1ª Semana de Cultura Nordestina*⁵², Moacy Cirne desferiu inúmeras críticas ao evento. De acordo com Cirne, a Semana teria contado com a presença de alguns nomes pouco expressivos e deixado de convidar alguns prestigiados estudiosos que se dedicavam à cultura da região. Além disso, o público teria sido tratado com desrespeito, à medida que as mesas teriam servido apenas como um “festival de autopromoção e altas bajulações”, sem terem tentado realizar algum tipo de debate profícuo. Moacy Cirne, ainda nesse artigo, criticou um manifesto que foi lido e depois assinado por quase todos os presentes, mas que o próprio Cirne diz ter se recusado a assinar por ter considerado o chamado “Manifesto do Novo Regionalismo” um texto vazio e que não pensava de fato a cultura nordestina. Segundo ele, o manifesto,

Em suas premissas básicas, [é] um texto que nada diz, que se perde em palavras vázias (sic), que não discute os fundamentos teóricos e práticos do que seria uma cultura

⁵⁰ RN reúne por uma semana maiores expoentes da cultura nordestina. *A República*, Natal, 21 maio 1978.

⁵¹ Acerca disso ver os Jornais do dia 27 e 30 de maio de 1978, quando a jornalista Anna Maria Cascudo fez referências em sua coluna social a um “coquetel regional” que foi realizado na Semana de Cultura Nordestina e também se referiu, rapidamente, ao encerramento deste evento. Vale ressaltar que a realização de um coquetel regional remete aos almoços e lanches realizados pelos regionalistas e tradicionalistas da década de 1920, geralmente, nas reuniões em torno do Centro Regionalista do Nordeste.

⁵² CIRNE, Moacy. Sobre a 1ª Semana de Cultura Nordestina. *A República*, Natal, 16 jul. 1978.

nordestina problematizado no interior da cultura brasileira. Pior ainda: um texto que se omite diante das questões políticas e sociais que fazem a realidade do País, hoje. Um manifesto que já nasceu inútil, portanto.⁵³

Assim sendo, na opinião de um dos seus participantes, o novo tipo de regionalismo que se esboçou na I Semana de Cultura Nordestina não trazia resultados para as questões contemporâneas que tocavam a cultura da região, pois não pensava a cultura dentro dos problemas de natureza política e social do país. Seria esse regionalismo e seu manifesto, no ver do participante Moacy Cirne, obsoletos.

De todo modo, obsoleto ou não, esse novo tipo de regionalismo – mais pensado no sentido de preservação da cultura nordestina do que de criar uma tradição como fez o regionalismo-tradicionalista nordestino – deu ensejo à aproximação entre Cascudo, Freyre e, agora também, José Américo, pois os reuniu em torno de uma mesma questão: pensar a cultura da região. Apesar dessa conexão não ter sido explorada pelo jornal *A República*, que pouco comentou a Semana, os pernambucanos que participaram do evento divulgaram em seu Estado os resultados alcançados e, talvez, pelo forte sentimento de identidade pernambucana, exploraram os pontos de convergência entre o chamado “novo regionalismo” e o regionalismo-tradicionalista da década de 1920.

Em notícia de página inteira, publicada no *Jornal do Comércio*, do Recife, e escrita por um dos participantes da I Semana de Cultura Nordestina, Aldálio Alves, há um outro ponto de vista sobre a Semana, diferente da opinião de Moacy Cirne. De acordo com Alves, a Semana teria tido sim contratempos, mas teria atingido um consenso entre os participantes acerca de quais rumos deveriam tomar aqueles que se interessavam pela cultura da região.⁵⁴

⁵³ CIRNE, Moacy. Sobre a 1ª Semana de Cultura Nordestina. *A República*, Natal, 16 jul. 1978.

⁵⁴ ALVES, Audálio. Fundamentos de um manifesto à Nação. *Jornal do Comércio*, Recife, 04 jun. 1978. Acervo da Fundação Gilberto Freire (FGF). Chamou nossa atenção o fato desse artigo ter sido guardado na FGF junto a outros recortes de jornais que narram os acontecimentos do Congresso Regionalista de 1926, juntamente com um recorte do Jornal *A Imprensa*, de Natal, de 1925, sobre o Primeiro Congresso Regionalista.

Além disso, Alves argumentou que a Semana havia discutido as bases do regionalismo-tradicionalista e chegado à conclusão da significativa contribuição desse movimento para a cultura, depois de passados 50 anos da pregação dessas idéias, em virtude dos caminhos que abrira e as repercussões que obtivera. Nesses termos, para o autor do artigo, a I Semana de Cultura Nordestina teria inaugurado um novo momento na cultura brasileira: uma nova fase regionalista, que reagiria às “distorções criadas pela civilização tecnológica” da sociedade contemporânea ao evento. Ainda para o autor do texto, a presença de Câmara Cascudo, Gilberto Freyre e José Américo atribuía uma maior credibilidade à nova fase regionalista, uma vez que os três escritores teriam estado presentes já na fase da década de 1920, ou seja, teriam feito parte do Movimento Regionalista-Tradicionalista. De acordo com Audálio Alves:

(...) a presença mesma, naquele Manifesto assinado pelos participantes da I SEMANA DE CULTURA NORDESTINA, de três escritores representativos da fase inicial do regionalismo, como é o caso de Gilberto Freyre, José Américo de Almeida e Luís da Câmara Cascudo, emprestou ao NOVO REGIONALISMO o caráter de continuador ou dinamizador de certas tradições, conquanto se reconheça em favor deste último, ao mesmo tempo, o seu cunho renovador, ao dar pela necessidade de urgentes modificações na maneira de ver e tratar as coisas do Nordeste (Grifo do autor).⁵⁵

Portanto, o autor não só articulou os dois movimentos regionalistas, o tradicionalista e o novo, como afirmou a presença de Cascudo em ambos, construindo uma versão eminentemente regionalista.

Esse artigo de Audálio Alves, no *Jornal do Comércio*, reproduziu ainda o já referido “Manifesto do Novo Regionalismo”.⁵⁶ O texto introdutório do manifesto é apenas uma

⁵⁵ ALVES, Audálio. Fundamentos de um manifesto à Nação. *Jornal do Comércio*, Recife, 04 jun. 1978.

⁵⁶ Esse manifesto, de acordo com o artigo, seria da autoria do próprio Audálio Alves, juntamente com Haroldo Bruno, Nilo Pereira e Aluísio Furtado de Mendonça.

justificativa do porquê da produção daquele documento, ressaltando a necessidade dos intelectuais agirem no sentido de humanizar e universalizar a cultura nordestina, que estaria sendo descaracterizada e silenciada pela cultura oriunda de outros Estados. Todos os cinco itens que compõem o manifesto referem-se ao processo de degradação da cultura nordestina, contra o que os participantes da I Semana de Cultura Nordestina queriam reagir. A única solução, ao ver desses homens, era manter o significado de região – ou de área, como eles mesmos se referem – e, conseqüentemente, manter os valores culturais que a construção desse espaço acarretava. Daí o diálogo com o Movimento Regionalista-Tradicionalista, pois foi esse movimento um dos construtores da idéia de Nordeste, selecionando os valores culturais que estariam relacionados a esse espaço.⁵⁷ Reconhecendo o valor do regionalismo-tradicionalista, esses intelectuais poderiam dele se utilizar para servir de fundamento ideológico na sua luta contra as alterações pelas quais passava a cultura nordestina e, por esse modo, manteriam o Nordeste “como espaço marcante do complexo cultural brasileiro”.⁵⁸

Então, ao final da I Semana de Cultura Nordestina, no dia 25 de maio de 1978, foi lido e aprovado um “manifesto à Nação”: o Manifesto do Novo Regionalismo. Dentre os escritores que assinaram esse manifesto, destacamos José Américo de Almeida, Gilberto Freyre, Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo – esse último, por oportuno, voltará a aparecer nas páginas desse estudo. O fato de Luís da Câmara Cascudo ter assinado o manifesto que havia sido formulado a partir das idéias do Movimento Regionalista-Tradicionalista nos permite perceber a aceitação dessas idéias por parte de Cascudo. A julgarmos correto o que disse Aldálio Alves, segundo o qual o trio Cascudo, Freyre e José Américo esteve presente no regionalismo da década de 20 e, por isso, atribuía valor ao Novo Regionalismo, temos mais um indício da efetiva participação de Câmara Cascudo no Centro Regionalista do Nordeste,

⁵⁷ Acerca da idéia de invenção do Nordeste a partir das idéias dos regionalistas-tradicionalistas ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 65-101.

⁵⁸ ALVES, Audálio. Fundamentos de um manifesto à Nação. *Jornal do Comércio*, Recife, 04 jun. 1978.

conforme discutiremos nos capítulos que seguem. Por ora, é interessante apenas chamarmos a atenção para o fato de ter sido clamando pela manutenção de um Nordeste construído pelo regionalismo dos anos 20, que a I Semana de Cultura Nordestina foi encerrada, sendo Câmara Cascudo incorporado às vozes que clamavam pela defesa da região. Com o encerramento da Semana, as referências ao Cascudo regionalista foram interrompidas, pois o ano de 1979 trouxe com ele o surgimento da construção do Cascudo modernista.

1.8 ... e o Regionalismo se fez Moderno

Muito embora as enunciações regionalistas em torno da obra de Câmara Cascudo tenham durado aproximadamente cinco décadas (1930 a 1970), a partir do ano de 1979 o momento modernista da vida de Cascudo foi recuperado, propagado e, principalmente, re-significado; transformou-se em verdade absoluta; tornou-se o eixo de explicação de toda sua obra. O regionalismo na obra de Cascudo foi, a partir de então, sendo silenciado, negado e retirado das explicações que se detinham no estudo do pensamento cascudiano. Mais uma vez, é o jornal *A República* que nos guiará nessa ruptura discursiva, na passagem da enunciação do autor regionalista para o autor modernista.

A primeira tentativa que localizamos nas páginas d'*A República* em querer associar, de maneira incisiva, Cascudo, ao modernismo e a Mário de Andrade se deu na edição do dia 17 de abril de 1979. Naquele dia, o jornal noticiou a estada em Natal do professor de história da arte da Universidade de São Paulo (USP), Professor Walter Zanini. Segundo N. Santos, autor do pequeno artigo, o catedrático da USP estava produzindo um estudo acerca da História da Arte no Brasil e necessitava de algumas informações acerca da viagem de Mário

de Andrade ao Rio Grande do Norte, entre 1928 e 1929. Zanini teria, então, decidido entrevistar Câmara Cascudo para obter maiores informações sobre o fato. Nessa entrevista, de acordo com Santos,

foram abordados assuntos de Cultura em geral, sobretudo no que se relaciona com o Movimento Modernista Brasileiro, iniciado em 1922, por Mário de Andrade e seus amigos do qual Cascudo participou na qualidade de coordenador e comunicador em Natal, e ao que denomina como “uma reformulação de tendências convergentes”.⁵⁹

A visita do professor Walter Zanini não voltou a ser tema de notícias, mas a aproximação de Luís da Câmara Cascudo com o modernismo passou a ser, desde então, o tema principal dos artigos.

Nesse sentido, o artigo de página inteira escrito por Deífilo Gurgel e publicado n’*A República* do dia 16 de junho de 1979, nos parece ser o melhor exemplo da continuidade do processo que passou a ser efetuado naquele ano: recuperar as aproximações do pensamento de Câmara Cascudo com o modernismo, inserindo-o no rol dos consagrados autores modernistas. Nesse artigo, Deífilo Gurgel também abordou a viagem de Mário de Andrade ao Rio Grande do Norte. Segundo ele, o Mário de Andrade que visitou Natal, na passagem do ano de 1928 para o ano de 1929, não era “nenhum caixeiro-viajante, fazendo a praça de Natal. Trata-se na verdade do autor de *Macunaíma*, poeta da Paulicéia Desvairada, líder da Semana de Arte Moderna de 1922, pesquisador de nossa cultura popular, monstro sagrado da cultura brasileira”.⁶⁰ Ao contrário do que expressou Gurgel, não podemos perder de vista que o Mário de Andrade que esteve em Natal no final da década de 1920 era ainda aquele que

⁵⁹ SANTOS, N. Catedrático visita Cascudo. *A República*, Natal, 17 abr. 1979.

⁶⁰ GURGEL, Deífilo. Mário de Andrade em visita a Natal. *A República*, Natal, 16 jun. 1979.

militava em nome do modernismo e não o que iria ser, mais tarde, o maior representante desse movimento e um dos grandes nomes da literatura nacional.

Não estamos dizendo, assim, que Mário de Andrade ainda não fosse um autor reconhecido quando esteve em Natal, mesmo porque bastaria perceber o destaque do jornal *A República*, de 1929, a esse escritor, para percebermos sua importância. Contudo, Deífilo Gurgel exalta Mário de Andrade mais do que os próprios jornais da época o faziam, utilizando como referência uma imagem desse escritor que não existia quando Mário esteve em Natal; ao invés de citar o militante modernista, Gurgel refere-se ao “monstro sagrado”, ou seja, refere-se ao já consagrado escritor Mário de Andrade. Desta forma, Deífilo Gurgel foi um dos autores locais que explorou o modernismo de uma maneira a-histórica, para não dizer anacrônica, partindo do “monstro sagrado” Mário para voltar à década de 1920 sem, no entanto, historicizar esse momento.

Deífilo Gurgel seguiu seu artigo, atribuindo a Cascudo o fato de Mário ter optado por ficar em Natal, ao invés de escolher a Paraíba, ou Alagoas, ou, sobretudo, Pernambuco, que possuía ao mesmo tempo riqueza cultural e arquitetônica. É inegável que a amizade entre Cascudo e Mário foi o motivo primordial da escolha pelo Rio Grande do Norte, mas a maneira como Gurgel põe a questão denota uma tentativa de aliciamento por parte de Cascudo para receber, em terras potiguares, o escritor modernista: “Cascudo cercou Mário por todos os lados, lhe ofereceu todas as vantagens, dentro da proverbial hospitalidade potiguar”. Gurgel escreveu ainda que as obras de Mário de Andrade sobre a música folclórica brasileira, seriam resultado do “cerco” de Cascudo a Mário, pois

Esse trabalho, obra que orgulha o Rio Grande de Norte, temos que reconhecê-lo, não teria sido realizado, não fora a visão profética de Câmara Cascudo que, usando de todo o seu poder de encantamento, conseguiu atrair para Natal, oferecendo-lhe as melhores condições

de trabalho e de lazer, ao fabuloso autor de Macunaíma, o nunca assaz por nós louvado Mário de Andrade.⁶¹

Pareceria irônico dizer *amém* logo após essa citação, mas é a primeira palavra que nos vem à mente diante dessa louvação divina do modernismo, através da exaltação de um dos seus participantes. Exaltação, conforme já foi mostrado, que obedece a uma ordem de discursos posteriores à década de 1920. Portanto, nesse artigo, Deífilo Gurgel foi claramente influenciado pelos desdobramentos do modernismo ao longo dos anos, de maneira a se aproximar da postura de Joaquim Inojosa e construir uma versão retrospectiva e ideal para o modernismo. Por esse modo, o texto de Deífilo Gurgel tinha o intuito de enaltecer Mário de Andrade e mostrar um vínculo entre o escritor paulistano e Cascudo que, assim, estaria vinculado a um grande momento da literatura nacional e ao seu maior representante, o “louvado” Mário de Andrade.

No ano de 1979, outro artigo foi publicado no mesmo sentido. No dia 30 de dezembro, ou seja, no dia do aniversário de 81 anos de Câmara Cascudo, *A República* publicou um caderno especial transformando a biografia desse escritor em uma história para crianças, no formato de quadrinhos.⁶² A história em quadrinhos traçava um panorama da vida e da obra de Câmara Cascudo e, a exemplo de outros artigos destacava a amizade de Cascudo com Joaquim Inojosa e, principalmente, a vinda de Mário de Andrade a Natal. Aliás, Mário de Andrade foi posto no requadro seguinte aos trechos dedicados ao início da trajetória intelectual e ao casamento de Cascudo – feliz coincidência com a exposição *Câmara Cascudo 20 anos de encantamento?* Então, recordando a passagem de Mário de Andrade por Natal, os quadrinhos fizeram uma referência ao final do ano de 1928, quando Mário e Cascudo assistiram a apresentação do Bumba-Meu-Boi no bairro do Alecrim, em Natal.

⁶¹ GURGEL, Deífilo. Mário de Andrade em visita a Natal. *A República*, Natal, 16 jun. 1979.

⁶² REPÚBLICA infantil. *A República*, Natal, 30 dez. 1979.



Figura 1 Requadro da história em quadrinhos (HQ) publicada por um caderno especial do jornal *A República*, durante o aniversário de 81 anos do “menino” Luís da Câmara Cascudo. Nessa imagem, foi ressaltada a amizade e as influências múltiplas exercidas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade.

Fonte: REPÚBLICA infantil. *A República*, Natal, 30 dez. 1979.

Para a equipe que compôs os quadrinhos, fora Cascudo que havia sugerido a Mário olhar para a cultura popular diretamente onde ela era produzida, no seio do povo.⁶³ Por outro lado, Veríssimo de Melo viria a afirmar, mais tarde, que foi em contato com Mário de Andrade e com o modernismo que Cascudo teria se decidido por estudar a cultura popular.⁶⁴ Caminhos diversos, mas destinos iguais. Nas duas formas de interpretação, o objetivo era mostrar que o estudo da cultura popular estaria diretamente relacionado ao modernismo e aos dois escritores, Mário e Cascudo, que teriam se influenciado mutuamente. A história em

⁶³ A equipe que compôs a história em quadrinhos foi: Anchieta Fernandes, roteirista; e João Antônio e Aucides, desenhistas.

⁶⁴ Acerca disso ver MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*.

quadrinhos que tencionava narrar para as crianças a vida de um adulto com espírito de menino, reproduziu, consciente ou inconscientemente, o discurso dizível naquele momento: a construção de um autor modernista.

A despeito da criação do personagem modernista, um outro evento, desta vez ocorrido em 1984, ainda tentou rearticular Cascudo e o regionalismo, mas esse “grito regionalista” não ecoou, pois encontrou como obstáculo para sua reverberação o já consolidado discurso modernista. No dia 02 de setembro de 1984, *A República* noticiou e ilustrou com várias fotos a entrega da Medalha Massangana, ofertada pela Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, a Luís da Câmara Cascudo, pelos relevantes serviços prestados à cultura nacional. A Medalha Massangana foi entregue a Cascudo, em cerimônia realizada em Natal, pelas mãos do diretor da Fundação Joaquim Nabuco, o Sr. Fernando de Melo Freyre, e contou com a presença do escritor Gilberto Freyre.⁶⁵



Figura 2 Uma das várias fotos publicadas pelo jornal *A República*, por ocasião da entrega da Medalha Massangana a Luís da Câmara Cascudo, em 1984. Nessa imagem, Cascudo recebe o prêmio das mãos de Gilberto Freyre.

Fonte: CASCUDO, Anna Maria. Cascudo recebe a Medalha “Massangana”. *A República*, Natal, 02 set. 1984.

⁶⁵ CASCUDO, Anna Maria. Cascudo recebe a Medalha “Massangana”. *A República*, Natal, 02 set. 1984.

Apesar do jornal *A República* ter noticiado o evento em página inteira e com muitas fotografias, seus articulistas não mais se interessaram por continuar tratando da passagem de Gilberto Freyre por Natal – com exceção de uma única foto que foi publicada em outubro daquele ano, na coluna social escrita pela filha de Cascudo, Anna Maria Cascudo.⁶⁶ Nenhuma referência explícita foi feita ao regionalismo, nesse artigo. Então, argumentamos que a passagem de Gilberto Freyre por Natal não repercutiu muito – apenas a colunista Anna Maria Cascudo se interessou em escrever sobre o assunto – porque o discurso modernista já estava consolidado, já havia agenciado uma quantidade de enunciados que o firmaram como eixo explicativo para a obra de Cascudo.

Por esse motivo, na mesma época, quando o escritor Joaquim Inojosa também esteve em Natal, sua estada foi acompanhada e noticiada em detalhes pelo jornal *A República*. Assim sendo, em outubro de 1984, portanto um mês após a estada de Gilberto Freyre em Natal, Inojosa aqui esteve para ser homenageado pelos 60 anos do lançamento da sua plaquete *Arte Moderna* que, no ano de 1924, havia divulgado as idéias modernistas no Nordeste.⁶⁷ Com esse fim, Inojosa foi saudado por Veríssimo de Melo na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e também se tornou sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN). Na ocasião, o novo sócio do IHGRN leu uma conferência que versou sobre alguns aspectos do modernismo.⁶⁸

Não conseguimos localizar o texto da conferência de posse do escritor pernambucano no IHGRN, mesmo assim, sabemos que foi estabelecendo aproximações entre Cascudo e Inojosa que o jornal *A República* noticiou os acontecimentos daquela semana de outubro de 1984.

⁶⁶ Ver CASCUDO, Anna Maria. Coluna social. *A República*, Natal, 14 out. 1984.

⁶⁷ INOJOSA visita Cascudo e recebe homenagens em Natal. *A República*, Natal, 14 out. 1984.

⁶⁸ Conforme COSTA, Fernando Hippolyto da. A fundação do Instituto – 1902. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 79-80, p. 9-75, 1988.



Figura 3 Abraço de Luís da Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa, no ano de 1984, durante a visita do escritor pernambucano a Natal para ser homenageado.

Fonte: INOJOSA visita Cascudo e recebe homenagens em Natal. *A República*, Natal, 14 out. 1984.

De acordo com o jornal, Inojosa estava emocionado em “rever o velho amigo ‘de lutas modernistas’” e reencontrá-lo fôra significativo, uma vez que “Cascudo foi a primeira pessoa, em nosso Estado, a atender seu apelo [de Inojosa], em 1924, para integrar-se ao Movimento Modernista”.⁶⁹ Portanto, através das páginas de um jornal, estavam delimitados os traços gerais que compuseram o personagem Luís da Câmara Cascudo, escritor modernista. O personagem estava criado, no entanto, cabia ainda transformá-lo em uma tese insofismável. Tarefa que Veríssimo de Melo levou adiante. O modernista passou, com Veríssimo de Melo, da fase de construção para a fase de consolidação e repetição.

⁶⁹ INOJOSA visita Cascudo e recebe homenagens em Natal. *A República*, Natal, 14 out. 1984.

1.9 Uma tese modernista

Na qualidade de amigo de alguns escritores envolvidos no Movimento Modernista, notadamente de Ascenso Ferreira e de Joaquim Inojosa, Veríssimo de Melo levou o Cascudo modernista à condição de tese. Buscou Veríssimo provar que a obra folclórica de Câmara Cascudo obedeceu a um programa de estudos iniciado em 1922, com a Semana de Arte Moderna. Já de saída, podemos perceber que as interpretações de Veríssimo de Melo decorreram, notoriamente, de sua aproximação com escritores modernistas e respondem a uma necessidade de associar Cascudo a um jogo de idéias das quais o próprio Veríssimo compartilhou. O modernismo que Veríssimo de Melo observou na obra de Cascudo foi, antes de tudo, o modernismo que o próprio autor defendia como manifestação literária da qual quis ter participado.⁷⁰

Foi nesse sentido que, sob o forte impacto e repercussão da morte de Câmara Cascudo, em julho de 1986, foram publicadas dezenas de artigos ainda no jornal *A República*. Dentre eles, foi publicado um artigo de Veríssimo de Melo, intitulado *A obra folclórica de Cascudo*. Esse artigo tinha por único objetivo mostrar que todos – absolutamente todos – os livros de Câmara Cascudo sobre folclore só foram possíveis graças a um plano de pesquisa iniciado em 1922. Para o autor do artigo, não foi apenas a obra literária de Cascudo que recebeu algum tipo de influência do modernismo, mas também a obra histórica e, principalmente, a obra folclórica. Nas palavras do próprio Veríssimo:

Estou seguramente convicto de que tudo partiu de plano antigo, elaborado antes da publicação do seu primeiro livro no campo folclórico, “Vaqueiros e Cantadores” cujo

⁷⁰ Acerca disso ver MELO, Veríssimo de. (Org.). *Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo*. Natal: Academia Norte-rio-grandense de Letras, 1989.

prefácio está datado de dezembro de 1937, saindo a 2ª edição em 1984, pela Itatiaia, de Belo Horizonte. Esse livro começou a ser escrito - como ele próprio assinala - em 1922, ano do Movimento Modernista no Brasil. Sabe-se que Cascudo foi um dos animadores do Movimento no Rio Grande do Norte, ao lado do único poeta que se destacou como pioneiro das novas idéias no nosso Estado - Jorge Fernandes.

Cascudo foi amigo íntimo e cordial de Mário de Andrade - líder nacional do movimento paulista - tendo mantido com ele assídua e copiosa correspondência.

(...).

O plano da obra folclórica, portanto, foi opção que lhe ocorreu durante a efervescência do Movimento Modernista de 1922, que o iria ocupar pelo resto da existência.⁷¹

Por esse modo, não só o crítico literário como também o folclorista teriam recebido influências do modernismo. Cascudo seria, então, um escritor modernista. Não satisfeito com esse artigo que aproximou, com uma postura aprisionadora, o pensamento de Câmara Cascudo ao Movimento Modernista, Veríssimo de Melo sistematizou ainda mais suas idéias, tentando dar a elas um caráter de tese inédita e incontestável acerca das explicações sobre a vida e a obra do folclorista norte-rio-grandense. O estudo ampliado recebeu o título de *A obra folclórica de Cascudo como expressão do Movimento Modernista* e foi lido na posse de Veríssimo de Melo, na Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências, no ano de 1989, em elogio a Luís da Câmara Cascudo, patrono da cadeira que Veríssimo estava a assumir. De inédito esse texto possuía apenas o esforço de ordenar as idéias sobre o modernismo em um texto mais argumentativo, pois a “tese modernista” vinha sendo construída havia pelos menos 10 anos, ou seja, desde 1979. O estudo de Veríssimo de Melo, portanto, foi possível no diálogo com uma ordem discursiva já bem engendrada, seu discurso é mais um posicionamento diante desta ordem de discursos sobre o modernismo.

Em relação ao teor do texto, antes de tê-lo iniciado, Veríssimo de Melo transcreveu trechos de uma carta de Nilo Pereira, autorizando suas idéias: “Fiquei simplesmente encantado com a sua conferência sobre o Cascudo modernista. O que você disse era o que

⁷¹ MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo*. *A República*, Natal, 26 out. 1986.

estava faltando à biografia do nosso grande e saudoso mestre”.⁷² Ainda citando Nilo Pereira, Veríssimo acrescentou:

Sempre entendi que Cascudo foi um modernista, ao lado de Jorge Fernandes e de Jayme dos Guimarães Wanderley. Vejo, agora, através de sua palavra autorizada, que não estava errado quando assim pensei. Nunca me externei a respeito dessa tese, que é sua, admiravelmente sua, e que você poderia alongar em livro, mostrando as raízes modernistas no folclore do mestre.⁷³

No sentido dessa citação, a tese de Veríssimo de Melo retomou a relação com o folclore para explicar o envolvimento de Luís da Câmara Cascudo com o Movimento Modernista. Para Veríssimo, a grande obra folclórica produzida por Cascudo representou a inclusão desse folclorista “entre as expressões mais significativas do Movimento Modernista”.⁷⁴ Não obstante, foi se apoiando nos mesmos argumentos usados pelos outros escritores que Veríssimo de Melo construiu sua interpretação. Para uma maior compreensão dessa tese de Veríssimo de Melo, vejamos, então e literalmente, os pontos que embasaram seu artigo:

Baseamos nossa dedução nos seguintes pontos:

1. Em repetidas declarações dele [Cascudo] que iria escrever um livro sobre cada aspecto mais significativo do folclore brasileiro;
2. Na afirmação que faz no seu primeiro livro sobre folclore – VAQUEIROS E CANTADORES, editado em 1939, pela Globo, de Porto Alegre, embora a introdução esteja datada do ano de 1937 – de que aquela obra começara a ser escrita em 1922 – ano, como se sabe, da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, que deflagrou o Movimento Modernista;

⁷² MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*, p. 9.

⁷³ *Ibid.*, p. 9.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 11.

3. Na correspondência copiosa que manteve com Mário de Andrade – o principal corifeu daquele Movimento – correspondência que ainda se mantém inédita;
4. No próprio entusiasmo que demonstrou pelo Movimento Modernista em Natal, influenciando poetas como Jorge Fernandes e Jayme dos Guimarães Wanderley – pioneiros do Modernismo no Rio Grande do Norte;⁷⁵

Essa citação demonstra como os pontos argumentativos se repetiram através dos anos e dos autores, estabelecendo uma regularidade discursiva capaz de impor essa interpretação como a mais coerente para a análise da atuação intelectual de Câmara Cascudo. Porém, as idéias de Veríssimo de Melo foram um pouco além, relacionando também a obra folclórica de Cascudo com o modernismo e, em última análise, explicando toda a obra intelectual de Câmara Cascudo a partir de um marco temporal e de significação, exterior ao Rio Grande do Norte: a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Em maior ou menor grau, os argumentos apresentados por Veríssimo de Melo representaram a consolidação da imagem do Cascudo modernista e, mais do que isso, apontaram para o silêncio do Cascudo regionalista.

Por fim, Veríssimo de Melo concluiu sua fala na Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências afirmando que só a leitura das cartas trocadas entre Mário de Andrade e Luís da Câmara Cascudo poderia determinar a confirmação plena de sua dedução.⁷⁶ Veríssimo de Melo, então, foi atrás da plena confirmação de sua inferência. Por solicitação do presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – Diógenes da Cunha Lima – à família Cascudo, Veríssimo de Melo teve acesso, ainda naquele ano de 1989, às cartas de Mário de Andrade para Câmara Cascudo e pôde ampliar o leque de suas interpretações.

As cartas foram transcritas e publicadas com notas e estudo introdutório feitos pelo próprio Veríssimo de Melo. Com o título *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara*

⁷⁵ MELO, Veríssimo de. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*. p. 12-13.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 15.

Cascudo, foram publicados os documentos que poderiam confirmar os argumentos de Veríssimo. A leitura dessas cartas, certamente, é muito reveladora do Cascudo modernista, mas as notas e o estudo introdutório do livro não problematizaram a documentação epistolar a que se referem. Ao contrário, o que percebemos foi o acréscimo de mais um argumento na já fraca tese de Veríssimo de Melo: o público tomou conhecimento de uma carta que Veríssimo batizou de a “carta terrível”.

A “carta terrível” foi escrita por Mário de Andrade no dia 09 de junho de 1937. Nela, o escritor paulista criticava a postura teórica e os temas a que Câmara Cascudo vinha se detendo até aquele momento.⁷⁷ Não há dúvida que o tom da carta é forte e que deve ter causado um profundo impacto em Cascudo. Todavia, para Veríssimo, o maior impacto se deu na obra de Câmara Cascudo que teria mudado radicalmente. Assim sendo, Veríssimo de Melo deslocou o marco temporal e de significação da obra de Câmara Cascudo da Semana de Arte Moderna, em 1922, para o ano de 1937, com a carta terrível. Teria sido, na nova opinião de Veríssimo de Melo, essa carta terrível que influenciara e dera sentido à obra folclórica de Luís da Câmara Cascudo. Nas palavras do próprio anotador das cartas, “A cacetada de Mário de Andrade serviu como aquele hipotético estalo de Padre Vieira: despertou-o para o campo infinito da obra folclórica, agigantando-se e aprofundando-se no estudo e pesquisa da cultura popular”⁷⁸. Mudança nos argumentos, mas manutenção da tese modernista! Afinal, para Veríssimo de Melo, a correspondência havia comprovado o que ele já previa, mesmo sem conhecer o teor dos documentos: “a influência decisiva que ele [Mário de Andrade] exerceu na orientação dos estudos folclóricos de Luís da Câmara Cascudo”.⁷⁹ A conclusão a que chegou Veríssimo de Melo foi que Luís da Câmara Cascudo sempre fora um escritor modernista, desde 1922. Além disso, concluiu que houve uma recíproca influência entre

⁷⁷ Para conhecer o teor completo dessa carta ver MELO, Veríssimo de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*, p. 146-150.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 18.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 16.

Mário de Andrade e Câmara Cascudo: o primeiro apresentando o modernismo ao segundo e este, em contrapartida, apresentando o folclore nordestino àquele. Foi isso que Veríssimo de Melo nos deixou entrever em seu texto, mormente, na seguinte citação:

Não se tem dito até aqui – e precisa ser bastante ressaltado – *Cascudo foi um modernista da primeira hora* ao lado do mais importante coriféu do movimento de renovação das nossas letras. Como também não se tem proclamado – e precisa fazer-se urgentemente – que Mário de Andrade muito deveu a Cascudo na abertura e colheita do campo riquíssimo do folclore nordestino, especialmente no Rio Grande do Norte (Grifo meu).⁸⁰

De todo modo, Veríssimo de Melo vinculou Câmara Cascudo ao Movimento Modernista. Essa vinculação alcançou seus objetivos, pois a obra de Cascudo passou a ser explicada exclusivamente a partir do modernismo. Entretanto, o objetivo inicial foi inserir Cascudo no panteão modernista, fazendo-o ocupar um lugar de destaque junto de escritores como Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e, mormente, Mário de Andrade. Nesse sentido, o resultado não saiu como o esperado, uma vez que o Cascudo modernista passou a ser mero discípulo de Mário de Andrade e como tendo influenciado apenas escritores locais, por exemplo, Jorge Fernandes. Esse discurso modernista, pois, atribuiu mais méritos ao já monumentalizado Mário de Andrade, o mérito de ter determinado os rumos das pesquisas de um dos maiores folcloristas brasileiro: Luís da Câmara Cascudo. Paulatinamente, esse discurso que construiu o personagem modernista silenciou o Cascudo regionalista. O regionalismo, então, foi relegado ao esquecimento.

⁸⁰ MELO, Veríssimo de. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*, p. 20.

1.10 Modernismo e (...): anos 20 no Rio Grande do Norte

O processo que apresentamos ao longo do capítulo consolidou a imagem do Cascudo modernista e, ainda hoje, vem pautando os estudos da obra cascudiana. Através de afirmativas peremptórias do não envolvimento de Cascudo com o regionalismo e através de explicações centradas nos aspectos teóricos do modernismo, o regionalismo foi se tornando tema incoerente com o pensamento de Câmara Cascudo.

Um exemplo dessa perspectiva é o livro organizado por Marcos Silva, em 2003, intitulado *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. Nesse estudo, 91 autores de todo o Brasil analisam a bibliografia cascudiana. Mas é na introdução que encontramos a ressonância do discurso instaurado anos antes. Já nas palavras iniciais, quando Marcos Silva destaca a importância dos estudos de Luís da Câmara Cascudo e, por conseguinte, justifica o trabalho que organizou, encontramos um parágrafo que mais parece ter sido escrito para ser publicado no jornal *A República*. Assim está o parágrafo na íntegra:

Cascudo foi amigo pessoal e colaborador de Mário de Andrade na viagem de pesquisa folclórica, musical e estética que o modernista paulistano fez a Natal na década de 1920, e os dois trocaram correspondências nos anos seguintes. Escreveu em múltiplos campos do saber – etnografia, história, estudos literários etc. – e lecionou no Ateneu Norte-Rio-Grandense, tradicional escola de Natal, a qual também dirigiu, na Faculdade de Filosofia de Natal e na Faculdade de Direito – depois, uma das unidades-piloto da UFRN.⁸¹

Até aí nada de novo. Porém, devemos chamar atenção para essa citação em que aparece um aspecto importante da maneira como os estudiosos ainda hoje concebem a atuação literária de Cascudo nos idos de 1920. Antes de citar a pluralidade do pensamento de Câmara

⁸¹ SILVA, Marcos. (Org). Nota preliminar. In: _____. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, FFLCH/USP; Natal: Ed. da UFRN, Fundação José Augusto, 2003. p. XIII.

Cascudo, Marcos Silva achou necessário destacar a amizade de Cascudo com Mário de Andrade e recordar a correspondência trocada entre esses dois escritores. Só depois é que o organizador do dicionário faz referência às múltiplas facetas do pensamento cascudiano. É interessante notar como, em um mesmo parágrafo, existe uma associação de eventos de significação díspares. A amizade de Cascudo com Mário não é o fator de explicação para os inúmeros lugares de saber que o escritor potiguar ocupou ao longo de sua vida. No entanto, a maneira como o parágrafo foi escrito parte dessa amizade e chega à explicação da variedade de campos de saber em que Cascudo atuou. Sendo assim, no espaço de poucas linhas, contextos diversos são generalizados para toda vida e obra de Câmara Cascudo.

Isso mostra como, mesmo distante do Rio Grande do Norte, Marcos Silva não consegue se desvencilhar da teia discursiva que articulou Cascudo ao modernismo, nem questiona essa imagem, aceitando-a como dada. Assim sendo, o coordenador do referido *Dicionário Crítico* acabou reproduzindo enunciados que foram formulados sem relação direta com o contexto e a documentação da década de 1920. O fato de Marcos Silva ter repetido esse tipo de explicação deriva do grau de aceitação que o discurso modernista atingiu no Rio Grande do Norte e da eficaz construção do Luís da Câmara Cascudo modernista. Os estudos já citados de Veríssimo de Melo e os que agora trataremos de Humberto Hermenegildo e José Luiz Ferreira, sem dúvida, em muito contribuíram para que esse discurso tenha atingido um alto grau de aceitação e autoridade, podendo ser repetido sem questionamentos. Ao passo que representam o silêncio definitivo do Cascudo regionalista.

O ápice dessa escrita da história literária que construiu um silêncio em torno do regionalismo no Rio Grande do Norte se deu quando o discurso modernista foi sistematizado como pesquisa acadêmica. Com os estudos iniciados pelo Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Humberto Hermenegildo, o

regionalismo teve que se curvar ao modernismo e a ele se submeter, dele fazer parte. Partindo da versão modernista já consolidada, Hermenegildo silencia o regionalismo.

Contudo, diferente de Veríssimo de Melo que agenciou elementos dispersos e incoerentes para provar como Cascudo foi um escritor modernista, Hermenegildo levou em consideração as relações intelectuais ocorridas durante a própria década de 1920, e, portanto, efetivou uma interpretação mais coesa e segura. Apoiado nas publicações de Cascudo nessa época, Hermenegildo comenta o teor desses textos, buscando mostrar como eles permitiram a implantação do modernismo em terras potiguares. No entanto, e aí reside nossa crítica, podemos perceber que, no Hermenegildo que escreveu sobre história da literatura norte-riograndense nos anos 20, há a ressonância do discurso exaltador de Mário de Andrade e a abordagem da história do modernismo vista no sentido do maior momento da literatura nacional, de modo a excluir o regionalismo dessa história.

A exemplo de Veríssimo de Melo, Humberto Hermenegildo silencia o Cascudo regionalista. Muito embora faça constantes referências ao regionalismo e a Gilberto Freyre, em livros que versam sobre o pensamento de Cascudo, Hermenegildo o faz somente para acentuar os “raros momentos” de sintonia que ele percebe entre os dois escritores.⁸² Por exemplo, quando Hermenegildo elenca as notícias sobre o regionalismo nos jornais potiguares é apenas para mostrar que essas notícias não estão diretamente relacionadas a Cascudo. Para Hermenegildo, Cascudo seria apenas um “regionalista de ocasião”⁸³, isto é, Cascudo teria tratado de assuntos regionais apenas esporadicamente e porque estava preso a um província, onde o regional fazia parte da realidade cultural.

Não obstante o caráter ocasional que atribui ao regionalismo cascudiano, Hermenegildo apresenta em seu principal estudo sobre o tema, *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*, significados distintos para o termo regionalismo: às vezes, regionalismo

⁸² Acerca disso ver, por exemplo, ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*, p. 49-52

⁸³ *Ibid*, p. 51

aparece como uma tendência cultural provinciana, generalizada nos Estados nordestinos; outras, como sinônimo de local, ou seja, de distanciamento em relação à posição central de São Paulo e do modernismo; e, a mais das vezes, aparece como um movimento literário do qual Cascudo apenas tomou conhecimento. Na primeira acepção, temos: “antes de ser noticiado como um movimento organizado, em 1924, o regionalismo expressava-se no Rio Grande do Norte, como em todo o Nordeste, sob a forma de uma tendência presente na cultura local”.⁸⁴ Na segunda acepção do termo regionalismo, encontramos: “para este trabalho, interessa a compreensão da produção literária de um dos poetas ‘provincianos’, ‘regionais’, do modernismo brasileiro: Jorge Fernandes, poeta natalense situado no contexto da região Nordeste, nos anos 20”.⁸⁵ E na terceira e principal acepção, lemos:

(...) pode-se afirmar que as duas grandes vertentes literárias oponentes e/ou complementares uma a outra, existentes no Nordeste brasileiro, tiveram manifestação no Rio Grande do Norte. No entanto, foi a vertente modernista a que encontrou neste Estado a possibilidade de se manifestar de forma mais organizada, devido ao surgimento da figura de Luís da Câmara Cascudo, numa conjuntura diferente daquela anterior, que era dominada pela oligarquia representante da economia açucareira e que, certamente, seria mais propícia ao fortalecimento da vertente regionalista.⁸⁶

Nesses termos, o Movimento Regionalista-tradicionalista nunca é abordado para explicar uma possível aproximação de Cascudo com esse movimento cultural e literário. O regionalismo é algo exterior a Cascudo, não o pertence. Nessas diversas significações do regionalismo há uma idéia central: Câmara Cascudo pertenceu ao modernismo e não ao regionalismo. Muito embora tenha estudado o Movimento Regionalista-tradicionalista,

⁸⁴ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*, p. 31.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 12.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 44.

Humberto Hermenegildo afasta esse movimento do pensamento de Câmara Cascudo e, portanto, também não consegue se desvincular da construção do modernista, reproduzindo-a.

No já citado livro, *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte* que, claramente, foi inspirado no livro *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, da autoria de Neroaldo Pontes de Azevedo, Humberto Hermenegildo retirou o regionalismo não só do título do livro como também do eixo explicativo. Só o modernismo teria se manifestado com amplitude no Rio Grande do Norte, tendo sido o regionalismo reduzido pelo autor a uma marca cultural local. No lugar destinado à explicação do regionalismo só existe o silêncio, o Luís da Câmara Cascudo regionalista se transforma em reticências, com significação inexistente. Humberto Hermenegildo cria um não-lugar para o regionalismo, no qual esse movimento existe, mas sem ter influenciado ninguém no Rio Grande do Norte. Afinal, o modernismo foi “um movimento literário que ultrapassou, aprofundou e alargou o próprio conceito de literatura até então vigente”⁸⁷ e, como tal, deve merecer especial destaque.

As idéias de Humberto Hermenegildo não se restringiram a ele, ressoaram com os trabalhos de seus orientandos, em especial, com José Luiz Ferreira, que desenvolveu uma dissertação de mestrado, também na área das Letras, sobre tema semelhante: *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*.⁸⁸ Ferreira mostra, na sua dissertação, como o envolvimento de Câmara Cascudo com o modernismo teria pautado toda a produção cascudiana dos anos 20 e levado o crítico literário a um forte apego pela tradição, notadamente, a tradição cultural sertaneja, que estaria sendo deturpada com a modernização. Assim como Hermenegildo, as relações que Ferreira estabelece com o regionalismo foram utilizadas para provar que Cascudo não esteve próximo ao Movimento Regionalista-Tradicionalista nem ao Centro Regionalista do Nordeste.

⁸⁷ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*, p. 9.

⁸⁸ Ver FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20*.

Sendo assim, alguns trechos do estudo de José Luiz Ferreira são muito semelhantes a passagens dos estudos de Humberto Hermenegildo. Para Ferreira, o regionalismo também estava reduzido à condição cultural provinciana do Rio Grande do Norte, mais especificamente, da cidade do Natal. Assim escreve Ferreira:

Como percebemos, Câmara Cascudo está à procura de escritores que imprimiam, nas suas obras de artes, as cores locais. Neste caso, o elemento local pode até confundir-se com a pregação regionalista, porém, como já dissemos, o elemento regional está impregnado na alma de muitos escritores nordestinos como uma tendência cultural.⁸⁹

O regionalismo seria, portanto, uma herança cultural, da qual os escritores da região não podiam se afastar no todo, permanecendo presos a ela, mesmo sendo modernos. Sendo assim, o regionalismo não representaria um movimento cultural e literário, seria apenas uma instância menor no pensamento dos escritores nordestinos, especificamente, os norte-rio-grandenses, em virtude da tradição conservadora de um passado regional. Isso se verificaria, por exemplo, no pensamento do Câmara Cascudo escritor modernista. Com efeito, José Luiz Ferreira também apresenta uma tese argumentativa do não envolvimento de Cascudo com o regionalismo-tradicionalista.

“Como se sabe”, escreve José Luiz Ferreira, “Câmara Cascudo está mais ligado diretamente ao ideário do movimento modernista, liderado pelos paulistas, do que ao regionalismo de Gilberto Freyre”.⁹⁰ Essa citação nos revela um ponto primordial do modo como a argumentação de Luiz Ferreira foi construída, o trecho “como se sabe” merece especial destaque. Essas três palavras denotam que a citação foi pré-concebida, ou seja, a sua

⁸⁹ FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20*, p. 64.

⁹⁰ Id., O modernismo na província: divulgação e produção poética. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.). *Histórias de letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção Nação Potiguar, 5). p. 72

explicação é resultado do conhecimento já existente sobre o tema. Todo mundo já deveria saber que Cascudo esteve mais ligado ao modernismo do que ao regionalismo e, por isso, Ferreira pode ser peremptório ao afirmar sua tese. Seu trabalho viria confirmar o modernista que todo mundo já conhecia, a novidade trazida por Ferreira estaria em mostrar como o modernismo levou Cascudo a pensar o conceito de tradição e utilizá-lo em seus escritos.

Contudo, a tese de Ferreira tornou-se radical quando ele analisou um trecho em que Cascudo avaliava a poesia de Segundo Wanderley. De acordo com o trecho citado por Ferreira e escrito por Cascudo, o poeta Wanderley seria

(...) o pregador da Belleza, um plantador de arvores cujas sombras se estiram, saudáveis e acolhedoras, aos nossos ombros modernos. Foi um dos que ajudaram a lançar, nua escura do dilúvio, a arca onde se reuniu toda a manifestação de literatura provinciana. Poeta grande em sua grandeza imaginativa, em sua bondade serena, com sua modestia agasalhadora, em sua capacidade comunicativa. Era um suporte artístico da cidade. Elle, o rio, a fortaleza e os morros caracterizavam Natal. Não foi regionalista porque era brasileiro (...) (sic).⁹¹

Na leitura que Ferreira faz desse trecho, ele percebe a aproximação de Cascudo com o modernismo. No final da década de 1920, momento em que o texto citado por Ferreira foi escrito (1928), Cascudo realmente se encontrava vinculado ao Movimento Modernista. Porém, Ferreira utiliza os anos de 1928 e 1929 para mostrar que Cascudo, definitivamente, não se envolveu com o regionalismo, tomando esses dois anos por toda uma década. Eis a leitura que Ferreira fez do trecho citado acima:

⁹¹ FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20*, p. 92-93.

Neste caso, a pregação e a atitude modernistas de Câmara Cascudo tornam-se bastante acentuadas, haja vista os termos utilizados no trecho transcrito acima: “moderno”, “manifestação de literatura”, “regionalista”, “brasileiro”, referentes à crítica ao poeta Segundo Wanderley. A utilização desses termos, entendida no texto esboçado pelo crítico, reforça a sua filiação ao projeto modernista, como ainda, serve para acentuar o argumento que desenvolvemos com relação à sua não filiação ao *Regionalismo nordestino*, no momento em que ele descarta a **pecha** de regionalista a Segundo Wanderley (Grifos meus).⁹²

Fica evidente, ao lermos a palavra “pecha”, de que modo José Luiz Ferreira concebeu a relação de Cascudo com o regionalismo: como não tendo ocorrido qualquer aproximação de Cascudo com esse movimento. Além disso, Ferreira rebaixa o regionalismo frente ao modernismo, através do uso desse termo pejorativo e preconceituoso. De acordo com Ferreira, o fato de Cascudo preferir não aplicar o termo “regionalista” para definir a obra de Segundo Wanderley seria uma prova que Cascudo não concordava com as idéias desse movimento.

Convém, ainda, citarmos os argumentos usados por esse autor para destacar o Cascudo modernista. Esses argumentos se encontram em um artigo posterior à dissertação já comentada, em que esse autor resume e comenta as principais idéias de seu estudo acadêmico.

Vejamos:

Fica evidente, também, que a posição tomada pelo escritor norte-rio-grandense em relação aos movimentos [modernista e regionalista-tradicionalista] e aos seus respectivos líderes se deu, de fato, em favor do movimento modernista liderado pelo paulista Mário de Andrade. A esta comprovação se aliam fatos que vão desde as duas visitas feitas por Mário ao Estado do Rio Grande do Norte, até a popularidade do mesmo na cidade. Outro fato que revela a posição do escritor potiguar é a intensa correspondência que este manteve com Mário de Andrade.⁹³

⁹² FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição*: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20, p. 93.

⁹³ Id., O modernismo na província: divulgação e produção poética. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.). *Histórias de letras*: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte, p. 74-75.

Apesar de todo o esforço explicativo de José Luiz Ferreira, ele incorreu em uma frágil argumentação, ainda mais vacilante do que a argumentação de Veríssimo de Melo. Os motivos citados, antes de expressarem um posicionamento literário, representam o início de uma amizade entre dois escritores. Aliás, amizade que foi e ainda é constante explorada como justificativa para o Cascudo modernista, conforme já pudemos observar. Além disso, “como se sabe”, Cascudo foi um exímio epistológrafo, correspondendo-se com personalidades do Brasil e do exterior com uma frequência diária.⁹⁴ De fato, Cascudo e Mário trocaram inúmeras correspondências, mas julgar que seja esse um caso único é inadequado porque Cascudo, certamente, também manteve correspondência ativa com outros escritores. Só a análise total dessas correspondências permitiria afirmações desse tipo.⁹⁵

Portanto, esses dois autores – Humberto Hermenegildo e José Luiz Ferreira – seguiram a tendência estabelecida por Veríssimo de Melo e transformaram o Cascudo modernista em explicação única. Partindo da construção do modernista, desenvolveram argumentos que chamaram de tese e definiram um silêncio: o Cascudo regionalista. Assim, o que resultou desse processo foi a mitificação do modernismo no Rio Grande do Norte, de modo a silenciar todas as marcas que o pensamento de Câmara Cascudo herdou do Movimento Regionalista-Tradicionalista e, por conseguinte, todo seu envolvimento com o regionalismo deixou de fazer parte das narrativas biográficas que o tomam por tema. O regionalismo, desde então, não pôde mais fazer parte do conjunto de discursos dizíveis sobre a vida de Cascudo.

⁹⁴ De acordo com Daliana Cascudo, neta do escritor e diretora do Memorial Câmara Cascudo, o acervo de correspondências recebidas por Cascudo, que estão guardadas no Memorial é de aproximadamente 15.000 cartas.

⁹⁵ É intenção da direção do Memorial Câmara Cascudo criar, em 2007, a Fundação Câmara Cascudo para adquirir o direito de solicitar verbas públicas e privadas para digitalizar essa documentação e disponibilizá-la ao público.

CAPÍTULO 2

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, UM REGIONALISTA DE OCASIÃO?

*A cidade ataca de frente essa força humana que sobrevive [a vizinhança]. Ataca com a mesma violência impessoal e surda com que a usina de açúcar enfraquece e vai asfixiando, um a um, todos os elementos emocionais e velhos do solidarismo rural.*⁹⁶

Luís da Câmara Cascudo

Esse enunciado que serve de epígrafe para nosso segundo capítulo foi escrito por Câmara Cascudo no início da década de 1970. Seu sentido está pautado por um tipo de regionalismo – já exposto no capítulo anterior – que via nos avanços da sociedade moderna uma ameaça ao ambiente harmônico da sociedade nordestina tida por tradicional. No seu entender, Cascudo estaria a criticar, por meio dessa citação, uma possível ação da cidade moderna sobre a solidária relação social existente entre os vizinhos. Para reforçar seu enunciado, Cascudo se utilizou de uma imagem muito recorrente nesse tipo de discurso regionalista: o ímpeto das usinas sobre o solidarismo das relações humanas em sociedade.

Nesse sentido, o pensamento de Cascudo se aproximava do pensamento de Gilberto Freyre. Foi por essa razão que escolhemos o trecho acima para nos servir de epígrafe. Queremos mostrar que as aproximações no pensamento desses dois escritores são bem maiores do que podemos, à primeira vista, supor. Remontam à década de 1920, momento em que os dois autores surgiram no meio cultural e intelectual da região. Foram as experiências vividas naquele momento pelos dois jovens rapazes que permitiram o caráter regional de suas obras, possibilitando-os uma maneira sentimental e saudosista de olharem, sentirem e transmitirem a história, a sociologia e a cultura do Nordeste.

⁹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Complexo sociológico do vizinho. In: _____. *Ensaios de etnografia brasileira: pesquisas na cultura popular do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. p. 26.

Todavia, conforme vimos, alguns autores contemporâneos têm se recusado a abordar, ou pelo menos têm se recusado a reconhecer, os pontos de aproximação que existem entre a obra de Câmara Cascudo e a de Gilberto Freyre e que nos leva ao Movimento Regionalista-Tradicionalista.

Poderíamos, então, nos perguntar: seria Luís da Câmara Cascudo apenas um “regionalista de ocasião”⁹⁷ como quer Humberto Hermenegildo? Porém, já de imediato, podemos responder não a esse intento de reduzir o efetivo envolvimento de Câmara Cascudo com o Movimento Regionalista-Tradicionalista, uma vez que essa corrente de idéias aparece na obra de Cascudo com maior representatividade do que nos faz crer a leitura dos estudiosos já comentados. Para maior visualização de nossa problemática, que visa romper o silêncio em torno do Luís da Câmara Cascudo regionalista, convém verificarmos as posturas assumidas por Cascudo nos anos de 1920 e que apontam para uma posição próxima ao regionalismo, ainda que fronteira ao modernismo.

2.1 Cascudo entre passadistas e futuristas

Um aspecto importante que aponta para a participação de Luís da Câmara Cascudo no Movimento Regionalista-Tradicionalista foi o campo de litígio que se travou em torno dos Movimentos Modernista e Regionalista, no Nordeste. No já apresentado campo minado em que se formou em torno da busca do reconhecimento individual por parte de Gilberto Freyre e de Joaquim Inojosa para se firmarem como o real precursor da renovação literária da região, Câmara Cascudo foi chamado por ambos a participar da disputa. A cada momento, Cascudo

⁹⁷ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. p. 51.

foi sendo transferido do bloco modernista para o bloco regionalista e vice-versa, quando as respostas de Freyre a Inojosa e deste a Freyre surgiam. Esse verdadeiro “cabo de guerra” durou até o ponto em que os modernistas acalmaram a celeuma, venceram o pânico e “a vitória lhes sorriu na solidariedade e na simpatia dos espíritos”.⁹⁸

Já em 1924, quando o modernismo ganhou repercussão no Rio Grande do Norte, Joaquim Inojosa atribuiu a Cascudo a prioridade do Movimento Modernista no Estado. Na já citada plaquete *A Arte Moderna*, que representou a divulgação do modernismo em toda a região, Inojosa declarou: “No Rio Grande do Norte, o jornalista Luís da Câmara Cascudo, espírito estudioso e de longos conhecimentos literários, abraçou as idéias da Arte Moderna, e o fez com a convicção própria das inteligências moças e fortes.”⁹⁹

Em resposta, Mário Melo, passadista convicto, imediatamente protestou:

Admirava-me a pendência daquele espírito juvenil para as coisas sérias numa época em que certa gente de cabelos brancos se envereda pela literatura de ficção, quando não se alista nesse budionismo que tem aqui o nome impróprio de Arte Nova...

(...).

Seria pouco classificar esse jovem de 23 anos, autor de vários trabalhos de crítica, de História e de Literatura, como uma simples esperança, porque já me afigura uma realidade e dentro em pouco estará no pelotão dos Pereiras da Costa do Rio Grande do Norte, emaranhado no cipoal das escavações históricas – misto de mineiro de datas e de lapidário sociólogo.

O que mais me admira é ter sido esse jovem catalogado na Arte Nova do Sr. Joaquim Inojosa como um dos adeptos do futurismo, no Rio Grande do Norte.

Se há uma coisa incompatível é o estudo do passado, como acaba de fazer o Sr. Luís da Câmara Cascudo, dentro das normas do bom-senso refreado pelas datas e pelos fatos históricos, com as rédeas soltas desse futurismo anarquizador. A que um confrade da Academia Pernambucana classificou de bolchevismo das letras.

Histórias que o Tempo leva, bem vale por uma afirmação do escritor criterioso e seguro e por *um protesto contra a pecha de “futurista” com que foi injuriado esse admirável talento do moço culto a serviço de causas nobres* (Grifos meus).¹⁰⁰

⁹⁸ PEREGRINO JUNIOR. A ação renovadora dos modernos. *A Imprensa*, Natal, 20 fev. 1924.

⁹⁹ INOJOSA, Joaquim. *A arte moderna (1924-1974); O Brasil brasileiro (1925-1975)*, p. 72

¹⁰⁰ MELO, Mário. Histórias que o Tempo leva.... *Jornal Pequeno*, Recife, 20 ago. 1924.

Mário Melo – amigo de Câmara Cascudo desde 1922 e que o tornou sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, em 1925 – não admitia a “pecha de futurista” com que Cascudo havia sido injuriado.¹⁰¹ Na curiosa semelhança retrospectiva com José Luiz Ferreira, Mário Melo utilizou um termo pejorativo para aliar Cascudo ao passadismo e, sobretudo, para desvinculá-lo do futurismo de Joaquim Inojosa.

Do mesmo modo e comentando o mesmo trabalho, *Histórias que o Tempo leva...*, Gilberto Freyre também buscou definir, naquele momento, em qual movimento cultural e literário Cascudo ia beber das suas fontes. De acordo com Freyre,

O Sr. Luis da Câmara Cascudo é dos que, no Brasil, vão procurando viver no fecundo contato das realidades e das tradições regionais.

Seu livro “Histórias que o tempo leva” é um livro regional no bom e puro sentido da palavra.¹⁰²

Portanto, o jovem Luís da Câmara Cascudo já possuía muitos contatos e notoriedade no Recife dos anos de 1920. Já nesse período sua presença era reclamada tanto pelos modernistas como pelos regionalistas, usando termos da época, entre os futuristas e passadistas, para que aderisse ao movimento do qual participavam. Mesmo assim, o próprio Cascudo não tinha ainda, em 1924, uma preferência clara em qual jogo de idéias estava mais envolvido. Comentando a acima citada plaquete de Joaquim Inojosa, *A Arte Moderna*, Cascudo demonstrava o quanto ainda estava indeciso. Após elogiar a repercussão da plaquete e sugerir aplausos à iniciativa de Inojosa, Cascudo concluiu o artigo apontando para as dúvidas que ainda possuía. Ao que escreveu:

¹⁰¹ CASCUDO, Luís da Câmara. O jornalista dos “Mascates”, *A República*, Natal, 25 jan. 1980.

¹⁰² FREYRE, Gilberto. “Histórias que o tempo leva”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 de ago. 1924.

No Rio G. do Norte coube-me os galões do generalato. Vindos de tais mãos dadivosas não recuso. Mas ponho restrições. Não sei sob qual bandeira me bato e ajo.

Até aqui a única teoria literária que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito.¹⁰³

O próprio Cascudo, que era apontado como a ponte de ligação do modernismo com o Rio Grande do Norte, declarava não está de todo incorporado a esse movimento. Os anos se passaram e essa indefinição de Cascudo continuou sendo explorada por Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre, que queriam tê-lo entre o seus. Em pelo menos dois momentos Inojosa e Freyre ainda buscaram atrelar Cascudo às idéias que eles mesmos representavam.

Inicialmente, vejamos as declarações de Joaquim Inojosa, que podem ser encontradas nos livros *O movimento modernista em Pernambuco* e *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Nesses dois livros, Inojosa retomou as declarações de Mário Melo para refutá-las. Em *O movimento modernista em Pernambuco*, livro de 1968, Inojosa argumentou:

Estultícia seria também atrelar ao carro do regionalismo de Recife a figura ímpar do folclorista Luís da Câmara Cascudo, intimamente ligado a Mário de Andrade, e antes disso, desde 1922, simpatizante do modernismo paulista que o autor dêste livro, seu amigo particular e ex-colega de pensão de estudante, divulgava no Recife. Nenhuma influência de G.F. [Gilberto Freyre] sobre “Joio”, “Histórias que o Tempo Leva”, livros da época; sobre os versos modernistas inéditos que me enviava com o pedido de divulgação – “Kakemono” e “Symmy” (...) (sic).¹⁰⁴

No livro *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*, Inojosa reproduziu o já citado depoimento de Mário Melo e, em seguida, argumentou com o seguinte ponto de vista:

¹⁰³ CASCUDO, Luís da Câmara. Registro Bibliográfico – A Arte Moderna. *A Imprensa*, Natal, 22 ago. 1924.

¹⁰⁴ INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*, v.1. p. 205.

Ora, acontece que, apesar de mineiro de datas ou lapidário sociólogo, Luís da Câmara Cascudo aderiu francamente ao “bolchevismo das letras” e sacudiu os nervos da geração da sua terra em favor da nova estética que São Paulo implantara em 1922 e viera transformar-se numa constante de propaganda pelo Nordeste. Provara que, ao contrário da predição de MM [Mário Melo], o estudo do passado podia cavalgar sob as mesmas rédeas soltas do futurismo anarquizador, sem o anunciado perigo de incompatibilizar o sociólogo com a arte moderna.¹⁰⁵

Assim sendo, para Inojosa, Luís da Câmara Cascudo, era notoriamente um escritor modernista. O passar dos anos teria mostrado, segundo Inojosa, que Mário Melo estava enganado, pois o folclorista Câmara Cascudo conseguiu lidar com o passado histórico mesmo sendo adepto da arte moderna.

Por outro lado, Gilberto Freyre não desistiu de articular Cascudo ao regionalismo. Também em dois momentos da obra freyreana detectamos tentativas de incorporar Cascudo ao regionalismo. Contudo, os enunciados são mais discretos. Ao mesmo tempo em que se referiu a Câmara Cascudo, Freyre fez referência a outros escritores, estabelecendo um grupo de pensadores que estariam vinculados ao Movimento Regionalista-Tradicionalista ou que teriam sido por esse movimento influenciados.

Uma primeira associação feita por Freyre em seus livros pode ser encontrada no prefácio ao *Manifesto Regionalista*, em sua edição do ano de 1976. Nesse prefácio, com o título de *O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife*, Freyre construiu uma imagem ideal do regionalismo e citou inúmeros autores e artistas que representavam a vitória do Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordeste. Em dado momento do texto, Freyre colocou Câmara Cascudo entre os regionalistas:

¹⁰⁵ INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975. p. 9.

Lembre-se ainda os estudos de história regional de Celso Mariz, além do Amaro Quintas, já recordado, e de Manuel Lubambo. Os de pesquisa etnográfica, folclórica, podendo ser destacados dentre outros, *os magistrais trabalhos de Luís da Câmara Cascudo*, os de seus discípulos de Natal, os de excelentes folcloristas, em Alagoas, os de genealogia do pernambucano Orlando Cavalcanti (Grifo meu).¹⁰⁶

Em outro estudo, na 6ª edição do livro *Nordeste*, publicado em 1989, consta duas referências de Freyre ao Câmara Cascudo regionalista. O intuito foi o mesmo: a tentativa de criar uma panteão regionalista com diversos pensadores e artistas da região. Assim se referiu Gilberto Freyre: “é esse estilo – um estilo regional susceptível e até sôfrego de transregionalizar-se – que caracteriza (...) o folclorismo de um Luís da Câmara Cascudo – autor de recentes e bons estudos sobre a rede e a jangada do Nordeste (...).”¹⁰⁷ Mais a frente, em uma nota ao segundo capítulo (A cana e a água), Freyre reiterou seu ponto de vista: “Com a mesma orientação [dedicada a assuntos regionais] vêm aparecendo nos últimos anos várias revistas, inclusive *Região* (Recife), (...) e em Natal, *Bando*, inspirada nas tendências regionalistas do historiador e folclorista Luís da Câmara Cascudo.”¹⁰⁸

Deste modo, para Gilberto Freyre, o folclorista Luís da Câmara Cascudo possuía uma tendência regionalista que foi fruto da repercussão das idéias do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Todavia, o discurso pouco enfático de Gilberto Freyre não se equiparou à grandiloquência de Joaquim Inojosa.

A exemplo do modernismo, Inojosa também saiu vitorioso na disputa pelo escritor Câmara Cascudo e, mais uma vez, foi o Cascudo modernista que seguiu existindo, porque o regionalista foi silenciado. Esse cabo-de-guerra, no qual Cascudo foi disputado por passadistas e futuristas, regionalistas e modernistas, deve-se ao fato de Cascudo não assumir uma postura clara diante dos dois movimentos, uma vez que seu pensamento mantinha pontos

¹⁰⁶ FREYRE, Gilberto. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife, p. 21.

¹⁰⁷ Id., *Nordeste*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

¹⁰⁸ Id., *Ibid.*, p. 68. Nota 10. A revista *Bando*, citada por Gilberto Freyre, circulou em Natal entre 1949 e 1959, contando com a colaboração assídua de Câmara Cascudo.

de aproximação com ambos. Mantendo-se neutro, Cascudo podia participar do processo de construção tanto do Movimento Modernista, quanto do Movimento Regionalista-Tradicionalista.

2.2 O crítico literário e o folclorista: herdeiros de um legado regionalista provinciano

Uma outra necessidade interpretativa de nossa questão-problema concerne à inserção de Cascudo em uma tradição intelectual norte-rio-grandense, notadamente, regionalista provinciana. Conforme bem observou Raimundo Arrais, deve-se “situar Cascudo dentro de uma tradição intelectual que se manifesta em Natal, sublinhando dentro dessa tradição os nomes de Manoel Dantas, Eloy de Souza e, especialmente, Henrique Castriciano.”¹⁰⁹ Esses três escritores representavam, no alvorecer do século XX, a elite intelectual e política norte-rio-grandense, ocupando uma posição de destaque à frente de outros escritores locais. Mesmo sem serem o foco de nossa explanação, cumpre esclarecer que esses escritores praticavam um tipo de escrita muito próxima ao regionalismo. No entanto, o regionalismo por eles praticado, esse sim, dizia respeito às peculiaridades de uma província afeita às condições de vida ainda não modernas.

Os escritos de Henrique Castriciano, sobretudo, foram frutos de um regionalismo existente a partir do final do século XIX e que perdurou até, pelo menos, os anos de 1920. Regionalismo ainda não tradicionalista e que, de acordo com Durval Muniz, fez emergir “o narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas

¹⁰⁹ ARRAIS, Raimundo. (Org.). *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: Ed. da UFRN, 2005. p. 11.

províncias e das parentelas dominantes.”¹¹⁰ Para os adeptos desse tipo de regionalismo, o espaço que devia circunscrever a escrita era o Estado, ou seja, para esses regionalistas provincianos, o Estado onde viviam seria herdeiro de um passado tradicional e portador de costumes tidos por mais autênticos, posto que não influenciados pela modernização da sociedade. Do que decorre um apego ao popular e ao campo, semelhante ao que foi observado por Certeau para a Europa, que representaria a resposta ao temor da “cidade perigosa e corruptora porque as hierarquias tradicionais aí se dissolvem. De onde esse retorno a uma pureza original dos campos, símbolo das virtudes preservadas desde os tempos mais antigos.”¹¹¹

Portanto, quando Cascudo surgiu para a escrita, foi com um meio intelectual provinciano que seus textos dialogaram. Muito embora os artigos de Câmara Cascudo não se assemelhem em temas aos de Henrique Castriciano, ambos apresentam uma escrita conservadora. Cascudo, sob a influência de Henrique Castriciano, nasceu para a escrita como herdeiro de um legado, em grande medida, regionalista provinciano.

Foi ainda em uma cidade afeita a saraus e agremiações literárias que Cascudo começou a se projetar no mundo das letras, ou seja, uma cidade de beletistas. Se analisarmos os artigos escritos por Cascudo nesse momento – nos primeiros anos da década de 1920 – poderemos, claramente, identificar como o próprio autor se inseriu nessa tradição regionalista provinciana. Especificamente, em um artigo escrito em 1922 e que trata justamente de Henrique Castriciano, Câmara Cascudo foi enfático ao mostrar como Castriciano devia ser considerado um mestre em virtude de sua influência educacional, política e, mormente, literária. Vejamos o que escreveu Cascudo:

¹¹⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*, p. 52.

¹¹¹ CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: _____. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995. p. 58.

Literariamente H. Castriciano é o Mestre. Não possui o título por velhice, porque é moço; ou vaidade dos conterrâneos, porque é modesto. Henrique foi o elemento de reação ao Condorismo, ao ritmo barulhador e inútil das antíteses e parvoíces sacodidas à granel em revistolas e jornais efêmeros.

(...).

Cedo aclamado “Mestre”, Henrique não podia ser o que Dioclécio [Duarte] estranha ele não ter sido: um coordenador. Na literatura brasileira, desde Teixeira Pinto aos futuristas da “Klaxon” não há um só literato que haja sido coordenador. A ação dos *nostros mestres* em cultura, visão estética ou escolar é exclusivamente influenciadora. Henrique tem influído, não coordenado. No Brasil os Mestres não têm discípulos que continuem em fora vida, a obra encetada (Grifos meus).¹¹²

Muito embora Cascudo acabe alegando que, no Brasil, “os Mestres não têm discípulos que os continuem”, esse trecho representa, de fato, uma crítica à literatura brasileira. Para Cascudo, na literatura nacional não havia existido até então casos de mestres que coordenassem movimentos e que deixassem discípulos, mesmo que esses mestres tenham em muito influenciado sua geração. Há nessa citação, inclusive, uma referência “a ação dos futuristas da ‘Klaxon’”, já demonstrando que Cascudo era conhecedor das novas idéias em arte e literatura, mas que ainda em 1922 nada representavam em sua obra. Fôra, ao contrário, o regionalista provinciano Henrique Castriciano que o influenciara. Portanto, Cascudo deixou aparecer em suas idéias o quanto a obra do “Mestre” Henrique Castriciano havia influído na literatura local, da qual ele Cascudo alçava vãos à literatura nacional.

Foi ainda dentro dessa tradição regionalista que surgiu um outro sujeito de saber: o folclorista Luís da Câmara Cascudo. De acordo com o que está escrito nos estudos de Veríssimo de Melo, o autor do clássico *Dicionário do folclore brasileiro* teria dado seus primeiros passos, ou melhor, garatujado seus primeiros escritos sobre o folclore, na década de 1920. Realmente, o folclorista foi um lugar de sujeito ocupado por Cascudo já no início da década de 20. Todavia, ao contrário do argumento usado por Veríssimo de Melo, não foi a partir do Movimento Modernista que a obra folclórica de Cascudo ganhou forma, mas sim a

¹¹² CASCUDO, Luís da Câmara. Henrique Castriciano: educador-literato-político. *A Imprensa*, Natal, 09 ago. 1922.

partir do regionalismo de Manoel Dantas. Como pioneiro nos estudos folclóricos no Rio Grande do Norte, Manoel Dantas foi a primeira influência de Cascudo para o estudo desse tipo de saber. Em um artigo publicado em 1940, tratando do folclore norte-rio-grandense, podemos perceber o contato de Cascudo e Manoel Dantas: “Foi [Manoel Dantas] um dos primeiros norte rio grandenses a estudar nossas tradições e transmiti-las não escrevendo, mas contando (sic).”¹¹³

Então, para mapearmos o momento em que o folclore se inseriu no pensamento cascudiano e entendermos a partir de que influências se deu essa inserção, podemos, inicialmente, analisar o primeiro livro sobre folclore escrito por Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores*, de 1939. Conforme é corrente encontrarmos nas obras folclóricas de Câmara Cascudo, notadamente em *Vaqueiros e cantadores*, seu contato com o folclore teria se dado na infância, quando teria visto a cultura e a vida “tradicional” do sertão norte-rio-grandense e paraibano, e seu “scholarship”, como escreve Cascudo, teria se dado em Natal no contato com os livros que só ativaram a memória de sua infância.¹¹⁴ A infância do folclorista Câmara Cascudo é sempre narrada como sendo a vida do sertão, repleta de experiências formadoras e marcantes na memória do renomado folclorista. Todavia, essa experiência formadora só ganhou significação na década de 1920, momento em que a vivência passou a ser transposta para o saber e para a erudição.

Não obstante, no prefácio a esse mesmo livro, além de mostrar sua vivência infantil no sertão como tendo sido seu primeiro contato com o folclore, Cascudo declarou que aquele estudo teria sido resultado de 15 anos de sua vida. Assim sendo, se lermos retrospectivamente, como fez Veríssimo de Melo, hipoteticamente chegaremos ao ponto em que o folclore teria sido resignificado por Câmara Cascudo. Contudo, a questão não é tão simples como nos impôs Veríssimo. Há um conjunto de citações que deslocam

¹¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. Folk Lore norte rio grandense. *A República*, Natal, 21 mar. 1940.

¹¹⁴ Ver Id., *Vaqueiros e Cantadores*. São Paulo: Global, 2005.

constantemente esse momento inaugural para um triênio que vai de 1920 a 1922. A princípio, vejamos o que está escrito no livro:

Reúno neste livro quinze anos de minha vida. Notas, leituras, observações, tudo compendiei pensando um dia neste “VAQUEIROS E CANTADORES”. Em parte alguma dos meus depoimentos de testemunha a imaginação supriu a existência do detalhe pitoresco. O material foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente, vieram reforçar, retocando o “instantâneo” que meus olhos meninos haviam fixado outrora. É o que fielmente se continha em minha alma. Dou fé.¹¹⁵

Como o prefácio está datado de dezembro de 1937, se subtrairmos 15 anos teremos o ano de 1922 como o marco inicial dessa obra. Além disso, nas cartas de Cascudo para Mário de Andrade há referências remetendo para o ano de 1922 esse estudo, que viria se tornar, mais tarde, o livro *Vaqueiros e cantadores*. Em uma carta datada de 21 de maio de 1925, Cascudo escreveu: “estou *folclorizando* (Grifo do autor)”. Mais tarde, em 12 de julho do mesmo ano, acrescentou: “mando incluzo (sic) o índice do meu livreco. Desde 1922 que lia e reunia notas, viajava e observava. Vamos ver [se] o bicho viverá”.¹¹⁶

Isso mostra que a idéia de escrever o livro *Vaqueiros e cantadores* pode ter surgido sim em 1922. Todavia, o grande erro de Veríssimo de Melo foi ter atribuído o surgimento desse estudo e de todo o universo folclórico explorado por Cascudo à Semana de Arte Moderna ocorrida naquele ano de 1922. Nesse sentido, aquilo que Ângela de Castro Gomes chamou de “tempo dos inícios”, ou seja, uma experiência normativa inicial que serve como ponto de identificação e, conseqüentemente, serve como ponto de significação e iniciação

¹¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*, p. 11.

¹¹⁶ Id., [Correspondência enviada a Mário de Andrade]. Natal, 21 maio 1925. Carta. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999. p. 237 e 241.

para determinada visão de mundo, jamais poderia ser a Semana de Arte Moderna de São Paulo, posto que a repercussão desse acontecimento em Natal não é verificável nos jornais norte-rio-grandenses de 1922.¹¹⁷ O futurismo, como então era chamado o Movimento Modernista, só aparece em textos de Câmara Cascudo do ano de 1922, e nos jornais locais do mesmo período de maneira muito difusa e superficial, sem demonstrar qualquer tipo de influência na publicação desse jornal.¹¹⁸ Do mesmo modo, o jornal de 1922, pôs Cascudo como aquele que “aprofundou o estudo da nossa história e [que] é um dos tradicionalistas de maiores recursos do folc-lore nacional (sic).¹¹⁹ O verbo aprofundar usado no passado empurra o folclorista para antes da data em que o jornal foi escrito, ou seja, antes de 1922 Cascudo já havia ampliado os estudos folclóricos locais.

Além disso, no já referido artigo de 1940 sobre o folclore norte-rio-grandense, Cascudo declarou em que momento começou a se interessar pelos estudos folclóricos. Assim escreveu: “ai ao redor de 1921 comecei a estudar o Folk-Lore (sic) e reunir elementos para a análise.”¹²⁰ Será que podemos levar em consideração essa citação tão posterior aos fatos de modo a identificarmos o ano de 1921 como sendo um marco na obra folclórica de Câmara Cascudo, representando o “tempo dos inícios” a que se refere Ângela de Castro Gomes?

De fato, podemos recuar ao ano de 1921 e o considerarmos como sendo o marco inicial dos estudos folclóricos de Cascudo, visto que a documentação nos permite essa afirmação. Já em janeiro de 1922, Câmara Cascudo resenhou o livro *Cantadores*, da autoria de Leonardo Motta, escrito em 1921. Nessa resenha, publicada no jornal *A Imprensa*, Cascudo criticou, em tom de lamento, os efeitos da modernização sobre o sertão e sobre a vida dos sertanejos. Em contrapartida, elogiou o trabalho de Leonardo Motta, a quem chamou de

¹¹⁷ Ver GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=25>. Acesso em: 11 set. 2006.

¹¹⁸ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-à-brac: o mundo literário. *A Imprensa*, Natal, 05 jul. 1922. Id., Henrique Castriciano: educador-literato-político. *A Imprensa*, Natal, 09 ago. 1922.

¹¹⁹ LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 29 dez. 1922.

¹²⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Folk Lore norte rio grandense. *A República*, Natal, 21 mar. 1940.

“Embaixador dos Sertões”, pelo respeito e pela preservação às cantorias sertanejas. Para Cascudo,

O sertão dos cantadores, o ambiente romântico de desafios e lundúns, as serenatas, as histórias estranhas, o baile roncante, as rifas, as semanas santas originalíssimas, os satíricos anônimos, sertão de amor livre e poderoso, está vivendo quase nos (sic) comédias regionais e nos versos de Catulo Cearense. Os cantadores decrescem.¹²¹

Para a morte da riqueza sertaneja só existente ainda nas “comédias regionais”, Cascudo proclamou a ação dos escritores, que deveriam fugir do furor imitativo europeu e se dedicar à beleza do sertão. É isso que nos mostra pelo menos duas citações de Câmara Cascudo.

A primeira está ainda nessa resenha ao livro *Cantadores*, quando Cascudo concluiu seus comentários acerca desse livro de Leonardo Motta: “Esqueçamos um pouco as importações mentais e, pelas nossas belezas, volvamos à messe loira da infinita seara da alma sertaneja.”¹²² Isto demonstra que era na “alma sertaneja” que Cascudo encontrava a nacionalidade que ele tanto defendia em seus artigos do início dos anos de 1920. A segunda manifestação de Cascudo contra a literatura européia e em favor da literatura nacional, particularmente a regionalista, pode ser encontrada em um artigo por ele publicado no ano de 1924, no Diário de Pernambuco, e ainda tratando do livro de Leonardo Motta. Leiamos a citação:

Encanto novo e sempre renovado ter o Brasil integral, dentro dele mesmo, com todas as disfonias, cadências, vãos e imagens de um credo nosso, longe doutro sermão que não seja o da montanha patricia.

¹²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. Registro bibliográfico – *Cantadores*, *A Imprensa*, Natal, 22 jan. 1922.

¹²² *Ibid.*

E era talvez aconselhável pendurar um sr. Leonardo Motta com todo o peso de sua inteligência e carinho pelo sertão esquecido e bravo, nas asas do espírito misterioso do brasileiro, o mais teimoso de todos os ícaros...¹²³

Deste modo, Luís da Câmara Cascudo tomou Leonardo Motta como exemplo para a literatura patricia, pois, ao contrário do brasileiro, “o mais teimoso de todos os ícaros”, que estaria produzindo uma literatura moldada nos padrões europeus, Motta não estaria perdendo de vista a riqueza do sertão.

Anos mais tarde, mais precisamente no ano de 1960, o já consagrado folclorista Luís da Câmara Cascudo prefaciou, exatamente, a 3ª edição do livro de Leonardo Mota, que ele resenhara em 1922: *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. Nesse novo texto sobre o referido livro, mais uma vez o ano de 1921 aparece como marco temporal para os estudos folclóricos na região, notadamente, para os do próprio Cascudo. Após se referir à indiferença e ao preconceito que existia em torno do folclore até a década de 1920, Cascudo escreveu: “assim, antes de 1921, o cantador não tomara, normalmente, contacto com a ‘terra grande’, cidades, jornais. Não era, e foi muitíssimo depois, um assunto noticioso.”¹²⁴ É, portanto, no ano de 1921, isto é, antes da Semana de Arte Moderna de 1922, que estão as referências aos primeiros passos do folclorista Luís da Câmara Cascudo.

Inclusive, o primeiro artigo escrito por Cascudo sobre o folclore – *O aboiador* – apesar de está datado de 1920, foi publicado em 1921, na *Revista do Brasil*, que era editada por Monteiro Lobato, em São Paulo. Portanto, o que queremos mostrar é que Luís da Câmara Cascudo teve o ano de 1921 como ponto inicial para seus estudos folclóricos. Nesse sentido, o

¹²³ CASCUDO, Luís da Câmara. Estudos & opiniões – In terra aliena.... *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 set. 1924.

¹²⁴ Id., Prefácio. In: MOTA, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

É necessário explicar que essa edição não possui paginação e por isso não a citamos.

livro *Cantadores*, de Leonardo Motta, e a herança da tradição intelectual de Manoel Dantas possibilitaram a Cascudo o interesse e o contato com a dimensão folclórica.

Retomando a idéia de Ângela de Castro Gomes, é o ano de 1921 que pode ser chamado de “tempo dos inícios”, em virtude de ter sido nesse ano que Câmara Cascudo viveu alguma experiência que deu significação à sua obra folclórica. Para essa autora, o ano não representa apenas um marco em si, ele diz mais do que isso. O marco é o momento em que toda uma experiência e um legado anterior são postos a funcionar em um determinado sentido. Nesse caso, as experiências da infância sertaneja, os contatos com Manoel Dantas e com Leonardo Motta possibilitaram que no ano de 1921 tenha surgido o jovem folclorista. Pelo exposto, vemos que o ano de 1921 não só representou o surgimento do folclorista, como representa, também, a desarticulação desse sujeito do saber do Movimento Modernista, como construiu Veríssimo de Melo.

Fica evidente, assim, que não foi o modernismo que levou Câmara Cascudo ao folclore, mas sim a tradição intelectual regional e provinciana. Portanto, tendo surgido a partir de uma tradição regionalista provinciana, Cascudo muito herdou dessa escrita estadual e a ela esteve vinculado no início da década de 1920. Posteriormente, essa postura regionalista provinciana foi resignificada. Luís da Câmara Cascudo passou de uma escrita mais localista, ou seja, regionalista provinciana e estadual, para um estilo mais tradicionalista. A partir de 1924, Câmara Cascudo se aproximou do regionalismo-tradicionalista nordestino, movimento que não era mais circunscrito pela idéia de Estado e província, mas pela idéia de região Nordeste. Os escritos de Cascudo, então, até meados da década de 1920, estiveram ligados a uma tradição provinciana da qual ele não tinha como se desprender tão facilmente após o simples contato inicial com o modernismo.

2.3 Caros amigos: a projeção intelectual de Câmara Cascudo em outras plagas

As relações intelectuais e de amizades entre Luís da Câmara Cascudo e outros escritores fora do Rio Grande do Norte também representam um dos aspectos importantes que o aproxima do Movimento Regionalista-Tradicionalista. A atividade de escritor e de jornalista o possibilitava ter contatos com seus pares de outros Estados, notadamente de Pernambuco, principal Estado da região. É impossível ter uma dimensão ampla das relações que Cascudo manteve com escritores de outros Estados sem ter acesso ao seu arquivo de correspondências recebidas que ainda permanece fechado à consulta, no Memorial Câmara Cascudo. Mesmo assim, através dos artigos em jornais e revistas, além de algumas cartas expedidas por ele, localizadas em Pernambuco, podemos dar um pequeno panorama da amizade intelectual e da projeção de Câmara Cascudo na década de 1920. Certamente, na referida década, Cascudo já havia feito amigos na Paraíba, no Ceará, na Bahia, no Rio de Janeiro e, até mesmo, na Argentina, mas interessa-nos, sobremaneira, seus contatos com pernambucanos e paulistas.

Nesse sentido, o Centro Polymathico do Rio Grande do Norte, agremiação artístico-cultural existente nos anos 20, teve um papel importante na projeção de Cascudinho. É interessante chamarmos atenção para o fato de, segundo o jornal *A República*, essa “associação de letras” composta por “beletristas” norte-rio-grandenses ainda funcionar, no seu segundo ano de existência, provisoriamente nas instalações do periódico de propriedade do coronel Francisco Cascudo e dirigido por Câmara Cascudo: na sede do jornal *A Imprensa*.¹²⁵

Embora raros os exemplares da revista publicada por essa agremiação intelectual, conseguimos ter acesso a dois de seus primeiros volumes. Se lermos os estatutos do Centro Polymathico, reproduzidos no primeiro volume desse periódico – publicado em janeiro de

¹²⁵ CENTRO Polymathico. *A República*, Natal, 12 nov. 1921.

1920 –, perceberemos mais uma vez a relação de Cascudo com uma tradição literária provinciana e a construção de alguns vínculos que demonstram sua projeção fora de Natal. Os estatutos do Centro Polymathico deixam claros os ideais desta agremiação: promover conferências, concursos e horas literárias, realizar excursões a regiões do interior e, sobretudo, estabelecer a “comunicação constante com os centros intelectuais do país e do estrangeiro, ao seu alcance”.¹²⁶

No tocante ao diálogo com outros centros intelectuais, é ainda o primeiro volume da revista que nos faz ampliar nossa explicação, na medida em que analisamos o expediente da *Revista do Centro Polymathico*, o qual, a partir daquele momento, passava a ser dirigida por Luís da Câmara Cascudo. Nesse expediente foram apresentados os novos membros do quadro de sócios do Centro Polymathico: os senhores Henrique Coêlho Neto e Rocha Pombo como sócios honorários e os senhores Gustavo Barroso, Viriato Correia e Monteiro Lobato como sócios correspondentes. Esses nomes, por si só, já representam como o meio literário local já esboçava relações com o meio literário nacional. Mas a presença dos nomes de Rocha Pombo e Monteiro Lobato nessa lista também possibilita associá-los a Cascudo, antes mesmo do contato deste com Mário de Andrade.

A escolha de Rocha Pombo para sócio honorário deveria enquadrar-se na definição dada pelos estatutos ao ocupante desse cargo, que deviam ser aqueles a quem, “a juízo do Centro, merecerem tal distinção por seu reconhecido saber e elevada situação intelectual”.¹²⁷ Já a escolha de Monteiro Lobato, editor do livro de Cascudo intitulado *Histórias que o tempo leva...*, estava apoiada no critério que os sócios correspondentes seriam aqueles “intelectuais de merecimento que residirem fora da sede social e forem propostos por algum sócio e aceites

¹²⁶ ESTATUTOS do Centro Polymathico do Rio G. do Norte. *Revista do Centro Polymathico do Rio Grande do Norte*, Natal, a. 1, v. 1, n. 1, jan. 1920.

¹²⁷ Ibid.

As relações de Rocha Pombo com o Rio Grande do Norte foram bastante constantes nos anos de 1920. Nessa década, Rocha Pombo escreveu o livro *História do Rio Grande do Norte* (1922) e prefaciou o terceiro livro de Câmara Cascudo, *Histórias que o tempo leva...* (1924).

pela Diretoria”.¹²⁸ Não significa, com isso, afirmar que tenha sido Cascudo que os indicou ao Centro Polymathico, mas mostrar que, sendo integrante do referido Centro, Cascudo pôde manter contatos com esses dois escritores.

A amizade com Rocha Pombo e Monteiro Lobato se configura como a primeira projeção de Câmara Cascudo fora de Natal, em termos de publicação. Através desses dois escritores, os contatos de Cascudo passaram de amizades à divulgação de sua escrita. No caso de Rocha Pombo, como um historiador renomado à época, ao prefaciar o referido livro *Histórias que o tempo leva...*, autorizou o discurso do jovem Cascudo, que dava seus primeiros passos no gênero historiográfico. Já Monteiro Lobato, em especial, teve uma importância ainda maior para a repercussão dos primeiros passos do jovem escritor Cascudinho. Entre 1921 e 1923, Lobato divulgou três artigos de Cascudo sobre folclore na *Revista do Brasil: O aboiador* (1921), *Jesus Christo no sertão* (1923) e *Lycanthropia sertaneja* (1923).¹²⁹ A *Revista do Brasil* era, a essa época, a principal revista do país e inúmeros intelectuais tiveram seus artigos divulgados por ela.

Além disso, Monteiro Lobato, através de sua editora Monteiro Lobato & Co., publicou justamente o livro que Rocha Pombo prefaciou: *Histórias que o tempo leva...* Porém, antes, é conveniente que saibamos que, de acordo com o jornal *A Imprensa*, seria o Governo do Estado do Rio Grande do Norte que iria publicar esse livro já em 1922. Em nota sobre o Centro Polymathico, o jornal noticiou que esse Centro, na ocasião sob a presidência de Manoel Dantas, havia montado uma comissão para dar o parecer acerca do livro *Histórias que o tempo leva...* “com que o brilhante intelectual [Luís da Câmara Cascudo] vai concorrer para as festas do Centenário [da Independência do Brasil] no Estado, a ser publicado dentro das

¹²⁸ ESTATUTOS do Centro Polymathico do Rio G. do Norte. *Revista do Centro Polymathico do Rio Grande do Norte*, Natal, a. 1, v. 1, n. 1, jan. 1920.

¹²⁹ Ver CASCUDO, Luís da Câmara. O aboiador, *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 67, p. 296-298, jul. 1921.

Id., Jesus Cristo no sertão. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 79, p. 245-247, jul. 1923.

Id., Lycanthropia sertaneja. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 94, p. 129-133, out. 1923.

Não consultamos os originais do artigo Jesus Cristo no sertão, mas agradecemos a Daliana Cascudo que conseguiu a transcrição desse artigo junto a Academia Brasileira de Letras.

normas da lei estadual que regula aquelas publicações”.¹³⁰ Um mês depois, ainda se noticiava a ação do Centro Polymathico, junto ao Governador Antonio de Souza, para publicar o livro de Câmara Cascudo, “cumprindo com grandes aplausos, a sua alta finalidade de impulsionar a nossa cultura”.¹³¹ O fato é que, de balde o esforço do Centro Polymathico, o Governo do Estado não publicou o livro, mas Monteiro Lobato o editou. Destarte, foi a ação de Monteiro Lobato que divulgou os estudos de Luís da Câmara Cascudo, em São Paulo.

No entanto, devido às críticas que fez ao modernismo, Monteiro Lobato hoje não faz parte da história desse movimento. A obra regionalista de Monteiro Lobato, quando muito, recebe a denominação vazia de pré-modernista, ganha um prefixo que reduz o valor de sua obra e não mostra a relevância desse escritor e editor na evolução e divulgação do modernismo. Por esse modo, a importância de Monteiro Lobato na divulgação da obra de Cascudo é ignorada por quem a estuda, uma vez que estes preferem explorar a relação de Cascudo com Mário de Andrade, que se consagrou junto ao modernismo e se tornou o principal nome da história deste movimento, iniciado em 1922.

Então, permitam-nos traçar uma ordem discursiva que, mesmo visível e longa, não foi explorada pelos estudiosos da vida e da obra de Câmara Cascudo nos anos 20: nós tínhamos uma academia de beletistas – o Centro Polymathico – que desejava publicar um livro de história escrito por um dos seus diretores – Luís da Câmara Cascudo. Esse livro foi publicado por um sócio correspondente deste Centro – Monteiro Lobato – que, teoricamente, não fazia parte da história do modernismo e que, na ocasião, já havia divulgado, na revista por ele dirigida, alguns artigos sobre folclore escritos pelo mesmo autor do livro que se desejava publicar. Esses estudos folclóricos tinham sido influenciados por Manoel Dantas – escritor regionalista-provinciano.

¹³⁰ CENTRO Polymathico. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1922.

¹³¹ HISTÓRIAS que o Tempo leva.... *A Imprensa*, Natal, 12 jul. 1922.

Dito de outro modo, nós podemos perceber uma regularidade discursiva que, incessantemente, passa pelos mesmos autores e temas, atribuindo a Cascudo uma enorme proximidade com uma tradição regional e provinciana. Diante disso, os escritos cascudianos dessa época – até por volta de 1923 – muito mais do que representarem uma condição modernista como, por exemplo, vê neles José Luiz Ferreira, representaram uma movimentação, uma agitação e, até mesmo, uma evolução no meio literário norte-riograndense.

Ainda nessa tradição regional, no sentido provinciano do termo, Cascudo também interagiu nos anos 20 com alguns escritores pernambucanos, notadamente aqueles de postura regionalista, como Mario Sette, Mário Melo e Lucilo Varejão. Através dos jornais, podemos constatar que, no ano de 1922, já existia fortes relações entre Cascudo e esses três escritores, de modo a possibilitar maiores vínculos entre eles do que, simplesmente, o fato de serem colegas de profissão. Naquele ano de 22, o jornal *A Imprensa* publicou uma série de artigos sobre a ida de Câmara Cascudo ao Recife, “onde fôra tratar de sua saúde e rever amigos e admiradores”.¹³² Nessa ocasião, Cascudo teria sido tratado com enorme distinção e acolhimento pelos seus pares – intelectuais e jornalistas – pernambucanos. Após Cascudo retornar a Natal, o mesmo jornal destacou a receptividade e o reconhecimento dos pernambucanos com “o diretor desta folha [*A Imprensa*] acadêmico Luís da Câmara Cascudo”. Ao que noticiou:

O meio intelectual recifense distinguiu o escritor patricio, pelos seus representantes mais autorizados com demonstrações honrosas que muito nos sensibilizam por se refletirem sobre a nossa mentalidade, de que Luís Cascudo é o expoente entre os da sua geração.

Sem propósito de declinar nomes sempre mencionaremos pelo seu valor sem duas opiniões os de Mário Sette e Lucilo Varejão, romancistas ilustres, (...), Mário Mello,

¹³² LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 13 set. 1922.

Rodolfo Lima, historiógrafo, (...), todos cercando o nosso confrade das mais penhorantes demonstrações de estima e admiração, a que nos confessamos gratos.¹³³

É notório que houve uma intenção por parte do jornal em enaltecer a imagem de seu diretor, noticiando ao público uma calorosa acolhida que Luís da Câmara Cascudo teria recebido. Por outro lado, não temos motivos para suspeitar do fato relatado pelo jornal e podemos em dúvida o bom acolhimento ofertado a Cascudo pelos escritores do Estado de Pernambuco. Então, a citação denota que, dentre os escritores citados, três passadistas estavam entre os amigos e admiradores a quem Cascudo havia ido visitar e que tê-lo-iam cercado de demonstrações de estima e admiração, a saber: Mário Sette, Mário Mello e Lucilo Varejão. Analisaremos aqui a relação com Mario Sette, visto que ainda não foi explorada e, com efeito, diz muito da postura regionalista de Câmara Cascudo.

A amizade de Cascudo com Mário Sette, em especial, pode ser lida e entendida a partir da divulgação editorial e repercussão, em Natal, dos estudos desse escritor regionalista pernambucano. O regionalismo de Sette, em grande medida, era herdeiro do regionalismo provinciano de Pernambuco e apontava para o regionalismo-tradicionalista nordestino que, pouco tempo depois, Gilberto Freyre iria desenvolver. Assim sendo, Mario Sette estaria em um ponto de ruptura na trajetória do Movimento Regionalista. Seus escritos, pois, com paisagens e personagens tradicionais, possibilitaram o direcionamento do regionalismo provinciano para o tradicionalismo literário e cultural, que pensava a região, durante a década de 1920. Foi com esse autor que Cascudo dialogou, em um primeiro momento, no Estado de Pernambuco.

Também em 1922, algum tempo depois de Câmara Cascudo ter regressado da citada viagem à cidade do Recife, o mesmo jornal divulgou, sob a forma de propaganda, a venda de

¹³³ LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 13 set. 1922.

um livro de Mário Sette.¹³⁴ O jornal *A Imprensa*, com efeito, seria o representante comercial para as vendas do livro de Sette, *Palanquim Dourado*, em Natal. O anúncio foi breve, mas deixou claro como o jornal dirigido por Câmara Cascudo manteve vínculos com autores regionalistas, divulgando-os e, nesse caso, possibilitando a aquisição de romances regionais. Para maior clareza vejamos o que expressava o anúncio:



Figura 4 Propaganda do livro *Palanquim Dourado*, da autoria do escritor pernambucano Mário Sette, publicada no jornal *A Imprensa*.

Fonte: PALANQUIM dourado. *A Imprensa*, Natal, 29 dez. 1922.

Para nossa interpretação, a partir dessa nota de venda de livros, segundo a qual Luís da Câmara Cascudo seria o representante de Mario Sette, temos um outro documento do qual se depreende a mesma explicação. Em uma carta escrita por Cascudo, em Natal, e datada de 10 de maio de 1922, portanto, antes da estada de Cascudo em Recife noticiada pelo jornal *A Imprensa*, podemos deduzir algumas informações acerca da relação que existiu entre esses dois escritores. O primeiro trecho da carta contém informações do papel de Cascudo como representante de Mario Sette no Rio Grande do Norte, quando Cascudo acusa o recebimento de exemplares do livro *Senhora de engenho*, escrito por Sette. É o que percebemos na leitura

¹³⁴ PALANQUIM dourado. *A Imprensa*, Natal, 29 dez. 1922.

das seguintes linhas: “recebi *os livros* hoje. Mandei ao [José] Gobat o cumprimento (sic) da promessa feita aí, na sua casa silenciosa e quieta, onde tão dignamente descreve as grandes cenas da vida campesina. Gratíssimo pela dedicatória (Grifo meu).”¹³⁵ Isso mostra que, apesar da dedicatória recebida em um exemplar específico do livro, Cascudo havia recebido mais de um exemplar, uma vez que faz referência, no plural, aos livros recebidos. Estaria, então, a cargo de Cascudo, divulgar o trabalho de Sette no Rio Grande do Norte.

Essa mesma citação ainda revela outra questão. Percebemos nela referência à maneira “digna” com que Sette, ao ver de Cascudo, descreveria “as grandes cenas da vida campesina”. Para Cascudo, Mário Sette seria capaz de (d)escrever em suas páginas a riqueza da vida no campo, causando-lhe, por isso, emoção. Nesse sentido, ainda na mesma carta, acrescentou Cascudo: “Senhora de Engenho foi lido de uma vez. Relido ou trelido, não vem ao caso, senão a intensa emoção que me causou as suas páginas. Em paisagem eu não conheço coisa alguma semelhante as suas descrições”.¹³⁶ A representação regionalista, por esse modo, produzida por Sette, representaria para Câmara Cascudo algo singular, que tocaria nas emoções de um “neto de vaqueiros” como ele se define na carta.

Mesmo com o freqüente hábito de Câmara Cascudo de comentar em artigos de jornal os livros que lia, não conseguimos localizar alguma recensão, por menor que fosse, de algum livro de Mário Sette. Todavia, o jornal *A Imprensa* republicou duas cartas comentando o romance *Palanquim Dourado*, de Mário Sette, o que nos permite estabelecer associações, em virtude dessas cartas terem sido transformadas em artigos de jornal e publicadas no momento em que Cascudo dirigia esse periódico e que, portanto, obedecem a linha de publicação que ele e seus companheiros de trabalho davam ao jornal.

A primeira carta publicada n’*A Imprensa* foi escrita no Rio de Janeiro por Ezequiel Ubatuba, em 19 de dezembro de 1922, e foi endereçada a Mário Sette. Essa carta, tendo sido

¹³⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. [*Correspondência enviada a Mario Sette*]. Natal, 10 maio 1922. 2p. Carta. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

¹³⁶ Ibid.

escrita no Rio de Janeiro, teoricamente, estaria fora da realidade local do Rio Grande do Norte, mas o fato do jornal *A Imprensa* a ter publicado indica que, no mínimo, havia uma consonância de idéias entre os dirigentes do jornal e o autor da carta. Podemos, então, supor que o próprio Sette tenha repassado a carta para publicação. A carta de Ezequiel Ubatuba, publicada em jornal no dia 07 de fevereiro de 1923, com o título de *O Palanquim dourado*, expressava a seguinte opinião:

As nobres tentativas de regionalismo, o único capaz de criar a literatura nacional esboroam ante a indiferença de muitos e o desprezo de quase todos.

De mim para mim, maiores que sejam os esforços e a vontade de acompanhar a corrente modernista, dia a dia menos alcanço o valor do penumbrismo ou do futurismo. Pode bem ser que se resuma o fato na incapacidade intelectual, mas quero crer também que isso não seja a boa evolução literária.

(...).

O PALANQUIM DOURADO, ombreia com a SENHORA DE ENGENHO se não for melhor ainda.

A sinceridade da descrição, a par da beleza artística, as emotivas considerações do meio ambiente das cenas, a preocupação regionalista e patriótica dão ao teu livro um cunho da mais perfeita e sentida obra de arte, que imaginar eu podia como um tema que é o eterno tema do amor sobreposto a todas as vicissitudes e exigências sociais.¹³⁷

A principio é necessário dizer que a carta foi escrita por um regionalista, Ezequiel Ubatuba, para outro regionalista, Mario Sette, e que, deste modo, só pode ter sido transformada em artigo por alguém que concorde com ambos, outro regionalista, posto que ao conteúdo da carta não esteja acrescido nenhum tipo de crítica. Na citação acima, o quadro traçado por Ubatuba de um regionalismo que sofria “ante a indiferença de muitos e o desprezo de quase todos” devido à ação da “corrente modernista”, dizia respeito ao lugar de onde ele escrevia, o Rio de Janeiro, que já respondia à vanguarda paulista, logo, a carta não se relacionava diretamente a Natal.

¹³⁷ UBATUBA, Ezequiel. *O Palanquim dourado*. *A Imprensa*, Natal, 07 fev. 1923.

Por outro lado, uma vez publicadas em periódico natalense, essas informações mais uma vez reforçam que a repercussão inicial do futurismo-modernismo, no Rio Grande do Norte, foi discreta e difusa. Isto quer dizer que o regionalismo, em 1923, era a corrente de pensamento aceita e divulgada no Estado e, também, que Cascudo não foi modernista de primeira hora como argumentou Veríssimo de Melo. Além disso, a divulgação desse texto poderia servir de propaganda para os exemplares do livro *Palanquim dourado*, que estavam sendo vendidos pelo Jornal *A Imprensa*. Assim sendo, um instrumento de propaganda, o jornal se utilizou dos enunciados que podiam surtir efeito sobre o público leitor, ou seja, para leitores regionalistas *A Imprensa* reproduziu uma carta regionalista que ressaltava o livro de um escritor, também regionalista, Mário Sette.

A segunda carta publicada pelo jornal dirigido por Câmara Cascudo foi escrita por José Gobat – o mesmo que Cascudo se referiu na carta que escreveu a Sette. Publicada em 02 de fevereiro de 1923, essa carta não se assemelha a anterior, uma vez que não expressa claramente as relações com o regionalismo. De todo modo, o artigo obedece ao mesmo intento da carta anterior: ressaltar o valor de *Palanquim dourado*. Nesse sentido, José Gobat ressaltou o caráter artístico do livro e, mais que isso, destacou o caráter patriótico do romance, ao escrever:

Lembro-me de ter dito do “Senhora de Engenho” que V. mais do que obra de artista, fez obra de patriota, salvando do desaparecimento em que se ia afundar a característica de uma fase da vida social do Norte, tão rico de curiosas perspectivas.

Agora v. continua com o mesmo fervor a missão alta de patriota, reconstituindo o feito colonial de Pernambuco nesse modelo encontrados de novela que é um desvanecedor título de honra para as nossas irregulares letras.¹³⁸

¹³⁸ GOBAT, José. “Palanquim dourado”. *A Imprensa*, Natal, 02 mar. 1923.

Diante disso, para Gobat, *Palanquim dourado* já seria uma obra tradicionalista, isto é, já possuía preocupações com a vida social da região – que ele ainda chama de Norte –, preocupando-se em criar uma tradição apoiada no passado colonial.

Portanto, isso já é o suficiente para mostrarmos como Cascudo divulgou os escritores e escritos regionalistas. Obviamente que Mario Sette não deve ter sido o único autor representado por Câmara Cascudo em Natal. Ao que tudo indica, Cascudo também representou, por exemplo, Monteiro Lobato, divulgando os livros comercializados pelo editor paulista. Porém, o recebimento de livros era algo comum na vida de Câmara Cascudo como podemos inferir das páginas do jornal *A Imprensa* que, constantemente, referem-se a títulos já recebidos e que seriam brevemente comentados por Câmara Cascudo.¹³⁹

Desse modo, jamais se poderia classificar Luís da Câmara Cascudo como um regionalista de ocasião, de modo a apagar toda uma tradição provinciana e regional(ista) e ignorar a postura de neutralidade que ele manteve diante do modernismo e do regionalismo-tradicionalista nordestino. O importante é percebermos que essa tradição regionalista foi desconsiderada pela historiografia a qual nos referimos, de modo a passar uma imagem de que esses fatos não fazem parte da trajetória intelectual de Câmara Cascudo e não contribuíram na formação de seu pensamento. Quando, ao contrário, essa tradição esteve muito presente no pensamento cascudiano do início dos anos 20, tornando-se ainda mais forte nos anos posteriores, momento em que ele se vinculou ao Movimento Regionalista-Tradicionalista e, também, interagiu com o Centro Regionalista do Nordeste.

¹³⁹ Ver, por exemplo, CASCUDO, Luís da Câmara. Registro Bibliográfico – Uma tragédia florentina. *A Imprensa*, Natal, 13 ago. 1924.

CAPÍTULO 3

DE RECIFE: O CASCUDO PASSADISTA E TRADICIONALISTA

Surgiu no chamado “provincianismo”, liderado por Gilberto Freyre, logo após o “modernismo ou morte” da Semana de Arte Moderna de 1922.

Ligado, pois, a um movimento que deveria dar “dentro do critério regionalista ou provincial, solução a problemas atuais ou novos da cidade ou do interior” (Gilberto Freyre), Câmara Cascudo afirmou-se logo como o estudioso mais esclarecido, mais ponderado e mais talentoso do popular brasileiro.¹⁴⁰

Neli Dutra

Cascudo esteve vinculado à tradição regionalista e provinciana, a que já nos referimos, até o ano de 1923. A partir do ano de 1924, novas experiências redirecionaram ou, pelo menos, resignificaram o seu pensamento, muito embora não possamos perceber aí um ponto de inflexão na trajetória intelectual cascudiana. Assim sendo, o ano de 1924, realmente, veio acompanhado de uma repercussão das idéias modernistas no Rio Grande do Norte e dissipou a penumbra que existia em torno desse movimento no Estado. No entanto, na mesma época, Cascudo esteve em Recife cursando a Faculdade de Direito, adquirindo vivências que apontam para sua aproximação junto ao Centro Regionalista do Nordeste, mesmo que ainda hoje haja um silêncio em torno dessa aproximação.

Nesse sentido, só uma pesquisa realizada em Recife junto a documentação deixada por essa instituição tradicionalista poderia trazer alguma clareza para a interpretação do possível pertencimento de Câmara Cascudo ao Movimento Regionalista-Tradicionalista. Mesmo assim, essa documentação permanecia inédita aos estudiosos potiguares, sobretudo, àqueles que estavam fascinados pelo Modernismo e por seu coriféu Mário de Andrade – para usarmos

¹⁴⁰ DUTRA, Neli. Dicionário do folclore brasileiro. *Diálogo*. Revista de cultura, São Paulo, n. 5, p. 74-77, out. 1956.

expressão de um desses estudiosos. Fascinados pela imagem mítica do modernismo, esses estudiosos não puderam resistir a uma interpretação que preteriu o regionalismo de suas narrativas. Narrativas essas que, incessantemente, repetiram os mesmos documentos e caíram em um puro fetichismo das fontes acerca do modernismo.¹⁴¹

Então, se apenas a pesquisa em Recife poderia respaldar com propriedade a nossa afirmação de que Cascudo não foi um regionalista de ocasião, porque ele foi sim um tradicionalista, fomos ao Recife verificar nossas suspeitas. Isso não quer dizer que toda a explicação que se segue esteja pautada, exclusivamente, por documentos oriundos de Pernambuco, posto que documentos localizados em Natal também foram utilizados em nossa interpretação, visto poderem articular o intercâmbio cultural entre os dois Estados. Afirmamos, no entanto, que foi *de Recife* que Câmara Cascudo assumiu uma postura regionalista-tradicionalista e transmitiu suas idéias e preceitos, mesmo o modernismo já tendo repercutido localmente.

3.1 Novas Instituições, antigos saberes: Luís da Câmara Cascudo, aluno da Faculdade de Direito do Recife e sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano

No dia 27 de fevereiro de 1924, o jornal *A Imprensa* noticiou a ida do “adestrado jornalista” Luís da Câmara Cascudo para a cidade do Recife, decorrente da intenção de

¹⁴¹ Os documentos mais comumente usados são CASCUDO, Luís da Câmara. O sr. Mário de Andrade. *A Imprensa*, Natal, 11 jun. 1924.
Id., Registro Bibliográfico – A Arte Moderna. *A Imprensa*, Natal, 22 ago. 1924.
Id., O que eu diria ao sr. Graça Aranha. *A Imprensa*, Natal, 24 ago. 1924.

matricular-se na Faculdade de Direito para realizar o curso jurídico.¹⁴² Para esse fim, a estada de Câmara Cascudo no Recife durou quase dois meses, tendo ele retornado a Natal por volta do final do mês de abril do mesmo ano.¹⁴³ Além disso, na mesma ocasião, o jornal citado veiculou que o “brilhante intelectual [Câmara Cascudo], que obteve notas distintas nos exames a que se submeteu para habilitar-se aos estudos de direito que vai cursar na Faculdade daquela capital, serviu-se da oportunidade para dilatar o círculo das suas relações com os intelectuais pernambucanos”.¹⁴⁴

De fato, durante esses dois meses, Câmara Cascudo circulou entre a intelectualidade pernambucana. A entrada de Cascudo na Faculdade de Direito do Recife, portanto, configurou-se como uma potencial possibilidade de intercâmbio de idéias entre a provinciana cidade do Natal e a metrópole do Recife – é com esse termo que o Recife aparece no jornal *A Imprensa*. Para entendermos essa movimentação, acompanhemos etapas significativas do itinerário da estada de Cascudo em Pernambuco, a que tivemos acesso através da documentação.

A primeira notícia que localizamos sobre a passagem de Câmara Cascudo por Recife, está publicada no *Diário de Pernambuco*, do dia 04 de março de 1924. De acordo com esse jornal, Gilberto Freyre havia oferecido, no dia anterior, um almoço, no Restaurante Leite, aos “brilhantes confrades Dr. Ademar Vidal, d’‘A União’, de Paraíba (sic) e Sr. Luís da Câmara Cascudo, d’‘A Imprensa’, de Natal” e que também tinha contado com a presença de Olívio Montenegro e José Lins do Rego.¹⁴⁵ A conclusão a que podemos chegar indica, minimamente, algum tipo de aproximação já existente entre Gilberto Freyre e Câmara Cascudo.

Corroborava nossa afirmação uma série de cinco artigos que foi publicado no jornal norte-rio-grandense *A Imprensa*, com o título *De Recife*, nos quais, sobretudo, Cascudo

¹⁴² LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 27 fev. 1924.

¹⁴³ LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 23 abr. 1924.

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ DIÁRIO social – almoço. *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 mar. 1924.

demonstrou sua circulação por saraus literários e exposições de pintura e ressaltou sua amizade com Gilberto Freyre.¹⁴⁶ Teria o título desta série de artigos alguma inspiração na série que Freyre publicara, anos antes, no *Diário de Pernambuco*, com o título *Da outra América?* Talvez, mas o fato é que há, comprovadamente, referências a Freyre em três dos cinco artigos da série *De Recife*. Por esse prisma, o primeiro artigo, datado de 09 de março daquele ano de 1924, versou sobre as pinturas de Joaquim do Rego Monteiro e, já nas primeiras linhas, Cascudo ressaltou que havia conhecido o referido pintor por intermédio de Gilberto Freyre.¹⁴⁷ Além disso, o segundo artigo da série chegou ainda mais próximo às idéias de Freyre, uma vez que foi dedicado exclusivamente ao escritor pernambucano.

Nesses termos, o artigo *A bengala de Gilberto Freyre*¹⁴⁸, da série *De Recife*, ao contrário do que analisou José Luiz Ferreira, por exemplo, não pode ser lido como uma crítica a Gilberto Freyre ou como uma tomada de posição contrária ao regionalismo.¹⁴⁹ A impossibilidade de tal interpretação reside no fato de que, nesse momento, Freyre era o articulador de Cascudo em Recife, ciceroniano-o e apresentando-o a outros renomados intelectuais e artistas. Além disso, há inúmeros trechos no artigo em que Cascudo projetou sobre Freyre valores constantemente defendidos por ele em seus artigos na coluna *Bric-à-brac*, que mantinha no jornal *A Imprensa* desde 1918, notadamente, a originalidade e o estilo.

Sendo assim, Cascudo identificou na postura intelectual de Freyre “duas coisas absolutamente originais e próprias – o estilo e a bengala”.¹⁵⁰ Para Cascudo, o estilo do escritor

¹⁴⁶ Em virtude do mau estado de conservação em que se encontra o jornal *A Imprensa*, é possível que tenham sido publicados outros artigos na série *De Recife*. No entanto, trabalhamos com os cinco que localizamos, muito embora três deles já estejam faltando um parágrafo, devido à deterioração.

Os cinco artigos da série são: CASCUDO, Luís da Câmara. De Recife: Joaquim do Rego Monteiro. *A Imprensa*, Natal, 09 mar. 1924.

Id., De Recife: a bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924.

Id., De Recife: a paisagem nos romancistas pernambucanos. *A Imprensa*, Natal, 19 mar. 1924.

Id., De Recife: hora poética de João Barreto. *A Imprensa*, Natal, 30 mar. 1924.

Id., De Recife: do riso e da seriedade. *A Imprensa*, Natal, 02 abr. 1924.

¹⁴⁷ Ver Id., De Recife: Joaquim do Rego Monteiro. *A Imprensa*, Natal, 09 mar. 1924.

¹⁴⁸ Id., De Recife: a bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924.

¹⁴⁹ Acerca desse ponto de vista ver FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20*, p. 58-59.

¹⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. De Recife: a bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924.

pernambucano era audacioso e ousado, mas seria a bengala que melhor equivaleria a maneira de perceber o “modo estético” de Freyre. Dito de outra maneira, ao ver de Cascudo, Freyre possuía um estilo simples, audacioso e, principalmente, próprio. Do mesmo modo, Cascudo percebeu a bengala de Gilberto Freyre como sendo, rústica, segura e, mormente, exclusiva, ou seja, não inspirado em modelos alheios e, metaforicamente, estrangeiros. A leitura do seguinte trecho evidencia tal interpretação:

Gilberto Freyre é um espírito ávido de evolução incessante. Sua cultura acentuadamente reflectiva acelera-se num ritmo aceso e vivo d’alta tensão anímica. Seu método de ler justifica Tzara quando diz que o melhor método é não possuir nenhum. (...).

A bengala segue de perto o dono. Diz no assimetrismo de sua nervura vegetal e segura possança de seu conteúdo. Volutas, arabescos, curvas fechadas, nodosidades, vem no minuto necessário da prova, gritar a razão absoluta de ser assim.

Não se acusará Gilberto Freyre de grafar seu pensamento com a tinta de estilo alheio. Bengala e estilo fê-los ele próprio (sic).¹⁵¹

Cascudo, pois, descreveu a bengala de Gilberto Freyre na tentativa de servir como metáfora ao estilo freyriano, que seria absolutamente próprio. Some-se a isso um pequeno trecho no qual seria essa bengala “comum e apta a qualquer Darlington provinciano. Entre outras que a moda multiplica e consagra, desaparecerá de certo, sem o rumor de uma revolta”.¹⁵² A nosso entender, essa citação recebeu uma interpretação incoerente para a relação de Cascudo com o regionalismo, por parte de José Luiz Ferreira. No estudo de Luiz Ferreira, essa citação é posta a funcionar de forma a provar uma tomada de posição por parte de Cascudo em favor do modernismo. Ainda segundo Ferreira, esse trecho mostraria que Cascudo teve a intenção de declarar sua discordância com o regionalismo e sua crença no desaparecimento desse movimento.

¹⁵¹ CASCUDO, Luís da Câmara. De Recife: a bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924.

¹⁵² Ibid.

Entendemos, ao contrário, que esse trecho, a exemplo de todo o artigo, é uma exaltação a Gilberto Freyre e, por conseguinte, ao Movimento Regionalista-Tradicionalista. Se pensarmos, conforme sugere Cascudo, que a bengala era “comum e apta a qualquer Darlington provinciano”, teremos a noção de que a bengala seria algo ordinário e útil a qualquer indivíduo provinciano, ou seja, seria prática às pessoas afeitas ao regionalismo e, por isso, “de certo, [sumiria] sem o rumor de uma revolta”. Afinal, revolução não era a tônica do Movimento Regionalista-Tradicionalista, o ideal regionalista era a reação, de modo que, ao entender de Cascudo, esse movimento sumiria sem ter revolucionado, ou seja, sem ter provocado rupturas no saber. Além disso, era uma maneira de Cascudo mostrar que o tipo de saber produzido por Gilberto Freyre estava inserido em uma ordem regionalista já existente na região e, por isso, não representava inovação, era algo comum à época. Daí decorre a necessidade de pensarmos que o regionalismo estava novamente em destaque. Porém, para Cascudo, essa retomada não estava provocando grandes rupturas em relação ao regionalismo provinciano da passagem do século XIX para o século XX.¹⁵³ Assim sendo, esse trecho foi apenas uma crítica sutil ao caráter não renovador que Cascudo percebia no regionalismo, mas, de modo algum, uma demonstração de inadequação com o regionalismo nem uma tomada de posição em favor do Movimento Modernista. Em sua totalidade, o texto exalta Gilberto Freyre e, paralelamente, o regionalismo.

Por fim, um último trecho a destacarmos desse artigo sobre Gilberto Freyre diz respeito, ainda, a percepção de Cascudo quanto ao estilo próprio que Freyre possuía, para o qual, se o leitor desejasse verificar, bastaria “ler o numerário amoedado semanalmente no “Diário” e que por aí anda reluzindo ousadia, faulhando audácia”.¹⁵⁴ Destacamos essa citação porque ela nos possibilita fazer uma ponte com um outro artigo escrito por Cascudo que

¹⁵³ Conforme já ressaltamos, as maiores mudanças instauradas pelo Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordeste em relação ao seu predecessor, o regionalismo provinciano, foi o acréscimo da idéia de tradição e a postura regional em detrimento da postura estadual e localista dos provincianos.

¹⁵⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. De Recife: a bengala de Gilberto Freyre. *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924.

também versava sobre o escritor pernambucano. Esse outro artigo, intitulado *Cigalhos... a propósito do numerário de Gilberto Freyre*, que fora publicado quase um ano antes, em 15 de junho de 1923, permitindo-nos mostrar como a opinião de Cascudo em relação aos escritos de Freyre não havia sofrido alteração do ano de 1923 para o ano de 1924.

Em 1923, Cascudo escrevera que havia amanhecido sem idéias, como não conseguira tê-las teria ido buscá-las em outros autores. Após muita procura, melancolicamente, acabara lendo jornais. Mas, para surpresa própria, Cascudo diz que encontrara no “‘Diário de Pernambuco’ uma série de crônicas sob títulos numerados. Li até a 8ª (...). Li e, para melhor dizer, andei vagamente invejoso do cronista”.¹⁵⁵ Isso mostra que, mesmo antes de ir residir no Recife, Cascudo já percebia em Freyre um modelo de escritor e um estilo peculiar de escrita. Fato que fica ainda mais explicitado diante da seguinte afirmativa: “Gilberto Freyre é um... é melhor dizer que é ele mesmo. Não encontrei sócia mesmo transplantado, para o equilíbrio comparativo. Leu, viajou, e melhor, sabe ler, viajar e ver. A primeira dessas virtudes é rara no Brasil”.¹⁵⁶ Então, se para Cascudo o ideal era ter um estilo próprio, Freyre era um exemplo de tal postura. As mesmas idéias que Câmara Cascudo defendera em 1923 sobre Gilberto Freyre, notadamente a originalidade, continuaram sendo percebidas no ano de 1924.

Retomando nosso trajeto explicativo pelo ano de 1924, veremos que, nesse momento, Cascudo não estava ainda articulado ao Movimento Modernista. Estava, ao contrário, ainda freqüentando ambientes marcadamente tradicionalistas. Um bom exemplo desses lugares tradicionalista freqüentados por Cascudo, pode ser extraído das anotações que ele mesmo

¹⁵⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Cigalhos... a propósito do numerário de Gilberto Freyre*. *A Imprensa*, Natal, 15 jun. 1923.

Vale ressaltar que, nesse artigo, Cascudo chamou atenção para as crônicas de Gilberto Freyre de números 3, 5 e 8. Nessas crônicas, Freyre comentava a relação do brasileiro com a leitura e, principalmente, criticava o fato dos brasileiros não gostarem de ler autores “clássicos” (Cervantes e Shakespeare, por exemplo). Nesse mesmo sentido, Freyre criticava a “mocidade de São Paulo” que sofria a “nevrose de que entre nós se chama indistintamente de *futurismo*”, ao invés de ler os clássicos (Grifo do autor). Câmara Cascudo, como freqüente leitor de autores clássicos, encontrara outra aproximação entre seu pensamento e o de Gilberto Freyre.

Para as crônicas freyreanas em questão ver FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor – 1918-1926*. v. 1. p. 253-255; 259-261; 268-270.

¹⁵⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit.

costumava fazer nos livros que lia: é o caso do livro *Violeiros do Norte*, da autoria de Leonardo Motta, editado em 1925. O exemplar desse livro que é guardado na biblioteca particular de Câmara Cascudo, abrigada pelo Memorial Câmara Cascudo, em Natal, está repleto de marcas de leitura e anotações deixadas por seu proprietário. Em determinado momento do livro, Leonardo Motta transcreveu uma poesia que teria ouvido “cantada no Recife pelo cantador negro João da Catingueira, por ocasião de um serão de letras matutas na residência do Dr. Samuel Hardman, Secretário da Agricultura de Pernambuco”¹⁵⁷. Na lateral direita do parágrafo Cascudo anotou, a lápis, o seguinte comentário: “estive presente a esta festa, assim como Aníbal Fernandes, Gilberto Freyre e outros”¹⁵⁸, ou seja, Cascudo participou de um evento tipicamente regionalista, na companhia de dois outros regionalistas: Aníbal Fernandes e Gilberto Freyre.

Não podemos afirmar em que data, precisamente, ocorreu esse “serão de letras matutas”, pois, ao contrário do que geralmente Cascudo costumava fazer em suas anotações, ele não datou esse comentário. Mesmo assim, é presumível que tenha sido por volta de 1924, a julgar pela data de edição do livro de Leonardo Motta, 1925, e pelas referências presentes no prefácio de Cascudo à já citada segunda edição de *Cantadores*, de Leonardo Motta, apontando para uma amizade entre os dois a partir daquele ano.¹⁵⁹ Isso mostra, portanto, como ao longo do ano de 1924, Cascudo esteve acompanhado de Gilberto Freyre, em Recife. Juntos freqüentaram os mesmos lugares, conviveram com o mesmo grupo de pessoas, enfim, vincularam-se ao mesmo mundo regionalista.

Alguns dias após ter retornado a Natal, de sua estada em Recife, Cascudo escreveu um artigo que, apesar de ser aparentemente intrigante, é emblemático da postura tradicionalista

¹⁵⁷ MOTTA, Leonardo. *Violeiros do Norte: poesia e linguagem do sertão nordestino*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925. p. 57.

¹⁵⁸ Ver o mesmo livro referido acima, mas apenas o exemplar particular de Câmara Cascudo, abrigado pelo Memorial Câmara Cascudo, pois esse exemplar é o que possui a anotação citada.

¹⁵⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. Prefácio. In: MOTA, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

A edição consultada não possui numeração de páginas, por isso não indicamos a página que consta essa informação. De todo modo, o trecho comentado encontra-se na segunda e terceira páginas do prefácio.

que seu autor possuía naquele momento. A coluna *Bric-a-brac*, publicada no dia 07 de maio de 1924, que versava sobre a atuação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), mostra de maneira clara em que sentido Câmara Cascudo concebia o uso da história e, também, demonstra sua opção passadista. Esse artigo foi escrito como uma crítica à ação do Instituto Histórico local, uma vez que Cascudo percebia nessa instituição uma postura pouco atuante para uma “sociedade histórica”. Assim escreveu Cascudo:

Perto da Sé existe a Biblioteca Pública. É neste prédio que o Instituto Histórico e Geográfico se reúne... quando se reúne. A revista sai quando estamos encomendando as exéquias. Sinteticamente, como Instituto, é nulo. Pessoalmente, cada sócio vale. Alguns, como o dr. Nestor Lima, valem muito. A nulidade do Instituto cifra-se na abstenção à vida das sociedades congêneres.¹⁶⁰

Para Cascudo, os membros do Instituto possuíam valor em si, mas enquanto agremiação cultural o IHGRN seria nulo por não conseguir obter uma inserção social, por não realizar alguma tarefa que respondesse aos anseios que ele entendia ser os da sociedade natalense: o resgate da memória norte-rio-grandense. Além disso, Cascudo acrescentou:

O Instituto está vivendo de comemorações. Semelha estes velhos “ancien regime” que vivem de olhar os retratos dos antepassados.

A festa de 1917 [Centenário do Movimento Republicano de 1817] era necessária. A atual, do nosso primeiro Presidente, o velho Thomaz de Araújo Pereira é patriótica. Quero dizer com isto que estas solenidades realçam e brilham o fim de uma sociedade histórica, mas o que a prestigia, eleva e dignifica são os trabalhos realizados, os vultos roubados ao esquecimento e restituídos a admiração pública. Isto de viver rodeando uma mesa e fazendo discurso – *Fazem tantos anos que morreu Parrudo* (sic), não é coisa que personalize um esforço (Grifo do autor).¹⁶¹

¹⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Bric-a-brac: Instituto Hist. e Geo. Do Rio. G. do Norte. *A Imprensa*, Natal, 07 maio 1924.

¹⁶¹ Ibid.

Obviamente que, nesse momento, Cascudo ainda não fazia parte do IHGRN.¹⁶² Isso justifica o teor de forte crítica que possui o artigo. No entanto, mas do que nos atermos à força das palavras escritas, devemos pensar qual a postura que havia pautado tamanha censura. Ao escrever que o Instituto estava “vivendo de comemorações” e “o que a prestigia, eleva e dignifica são os trabalhos realizados, os vultos roubados ao esquecimento e restituídos a admiração pública”, Cascudo estava respondendo a uma visão historiográfica notadamente clássica, na qual o papel dos Institutos era resgatar a memória dos “grandes nomes” da história, evitando o esquecimento dos “vultos” que foram exemplares e que, por isso, mereciam a “admiração pública”. Nesse sentido, podemos perceber também uma crítica à modernidade, para qual o IHGRN deveria reagir com um esforço mais incisivo, roubando do esquecimento indivíduos singulares do passado norte-rio-grandense.

Nesse momento, portanto, quem estava escrevendo e criticando o IHGRN era o historiador Luís da Câmara Cascudo, autor do livro *Histórias que o tempo leva* – livro já em voltas de ser publicado desde 1922 e que viria a ser lançado exatamente em 1924. Não nos deteremos em analisar qual o conceito de história dessa obra, mesmo porque nosso objetivo é mostrar as posturas regionalistas de Câmara Cascudo e não tentar encontrar um regionalismo, pretensamente, refletido em seus escritos. Contudo, interessa-nos demonstrar como a publicação dessa obra e, mais tarde, a vinculação de Cascudo aos Institutos Históricos representaram a emergência do historiador, calcada na articulação com um jogo de idéias, em grande medida, passadistas e conservadoras.

A admissão de Cascudo em Institutos Históricos se deu, inicialmente, a partir do contato com o historiador e jornalista Mário Melo, que estava em torno do Instituto

¹⁶² De acordo com a relação de sócios do IHGRN para 1927, Cascudo entrara naquele ano para o quadro de sócios efetivos dessa instituição. Ver INSTITUTO Histórico e Geográfico – Relação dos sócios existentes em 30 de setembro de 1927. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal, v. 79/80, p. 9-75, 1988.

Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP), reduto de inúmeros escritores passadistas da década de 1920. Conforme já mostramos, Mário Melo foi um dos autores que tentaram articular Câmara Cascudo ao conjunto de idéias regionalistas. De acordo com Mário Melo, os dois escritores haviam se conhecido após o envio de uma carta sua a Cascudo, felicitando-o por um artigo sobre “crendices populares: lobisomens, mulas-sem-cabeça, caiporas, etc” que havia lido em uma revista do Rio Grande do Norte.¹⁶³ Ao que tudo leva a crer, o artigo escrito por Cascudo que Mário Melo diz ter lido foi o texto *Animais fabulosos do Norte* – ao qual não tivemos acesso – publicado na *Revista do Centro Polymathico*, em 1921.¹⁶⁴ Mais uma vez nós temos o Centro Polymathico incorporando Cascudo ao regionalismo, na medida em que o saber produzido por essa revista chegou às mãos de escritores passadistas.

Ainda de acordo com Mário Melo, após cartas trocadas, os dois escritores se encontraram e se conheceram pessoalmente no Congresso de Geografia na Paraíba, ou seja, em maio de 1922 – nunca é demais lembrar que, nesse Congresso, Cascudo estava representando justamente o Centro Polymathico.¹⁶⁵ Além disso, escreveu Mário Melo: “tive-o depois, no Instituto Arqueológico, a indagar por manuscritos coloniais, a pesquisar fatos históricos, em convívio com suas traças”.¹⁶⁶ É aí, nessa citação, que se encontra o ponto principal de aproximação entre os dois escritores: o gosto pela história e o vínculo às instituições passadistas, como o Instituto Histórico. Foi nesse mesmo sentido que também escreveu Câmara Cascudo, anos mais tarde, por ocasião da morte de Mário Melo:

¹⁶³ MELO, Mário. Histórias que o tempo leva.... *Jornal Pequeno*, Recife, 20 ago. 1924.

¹⁶⁴ Conforme MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 1. t. 1. p. 117.

¹⁶⁵ Ver LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 24 maio. 1922.

E também LUÍS da Câmara Cascudo. *A Imprensa*, Natal, 26 maio. 1922.

¹⁶⁶ MELO, Mário. Op. cit.

Conheci-o [Mário Melo] em 1922. Fez-me pertencer ao Instituto Arqueológico Pernambucano, seu patrimônio emocional. Nunca perdemos a retilinidade cordial e as nossas quinze ou vinte brigas não tiveram o direito de interromper uma amizade que o tempo cimentara na coincidência da mesma paixão pela História.¹⁶⁷

Essa citação nos forneceu indícios para pensarmos a relação de Cascudo com os Institutos Históricos durante a década de 1920. Não se trata, reitero, de abordarmos o conceito de história ou que tipo de saber essa instituição divulgava a época, mas de percebermos que Cascudo manteve relações com essa instituição, no sentido de voltar seus esforços para o passado, recusando-se a aceitar as mudanças culturais oriundas da modernidade. Com efeito, o mesmo Cascudo que se jubilava com a modernização, condenava as alterações sócio-culturais trazidas pela modernidade, particularmente, o demérito que ele percebia vir sendo atribuído ao passado. Assim sendo, a entrada de Câmara Cascudo no IHGRN, em 1927, e, antes disso, sua entrada no IAHPG, em 1925, materializam a concepção passadista do jovem historiador Luís da Câmara Cascudo.

A elevação de Câmara Cascudo à categoria de sócio correspondente do IAHPG ocorreu no ano de 1925. Em reunião do dia 08 de janeiro daquele ano, na presença do próprio Cascudo, foi lançada a proposta para torná-lo sócio correspondente. Na mesma ocasião, Cascudo ofertou um exemplar de seu livro *Histórias que o tempo leva*, para a biblioteca desse Instituto.¹⁶⁸ Quase um mês depois, no dia 05 de fevereiro de 1925, “votados e aprovados os pareceres da comissão de sindicância, foram proclamados sócios os Srs. Manoel Caetano Filho e Luís da Câmara Cascudo”.¹⁶⁹ Também no ano de 1925, mais precisamente no dia 01 de abril, Cascudo já assinava um artigo no jornal *A Imprensa* como “Luís da Câmara Cascudo, do Instituto do Ceará”.¹⁷⁰

¹⁶⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. O jornalista dos “Mascates”, *A República*, Natal, 25 jan. 1980.

¹⁶⁸ INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 09 jan. 1925.

¹⁶⁹ INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 06 fev. 1925.

¹⁷⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Jornais do Ceará e Rio G. do Norte. *A Imprensa*, Natal, 01 abr. 1925.

O fato de Câmara Cascudo ter começado a fazer parte de instituições como os Institutos Históricos no ano de 1925, ou seja, exatamente no momento em que as idéias modernistas repercutiam no Rio Grande do Norte, é um indício de que as relações deste escritor com o saber ainda estavam sustentadas por uma tradição intelectual interna à própria região Nordeste. De modo que, mesmo estando na metade da década de 20, Cascudo ainda não assumia uma postura nitidamente modernista como querem que depreendamos alguns estudiosos já citados.

Essa afirmação parte, também, da própria idéia de história inerente ao Movimento Regionalista-Tradicionalista e, em menor grau, ao Movimento Modernista. Assim sendo, embora os dois movimentos tenham agido no sentido de criar uma tradição para o tipo de saber que produziam, o modernismo possuía, eminentemente, uma proposta para a literatura e para a arte e não para a história; enquanto o regionalismo-tradicionalista, ao contrário, possuía um projeto muito mais histórico-cultural que literário.¹⁷¹ A tradição modernista, assim, era pensada no sentido de criar uma arte e uma literatura nacionais que, muitas vezes, podia ser encontrada no elemento popular, nas observações e anotações feitas *in loco* e, até mesmo, no folclore. Os modernistas buscavam criar uma tradição literária nacional para se legitimarem, para surgirem como um corte, uma ruptura estética. Por outro lado, os regionalistas construíram uma tradição muito mais aristocrática, formulada no intuito de se manterem vinculados a lugares sociais já obsoletos. Assim sendo, para os regionalistas, a história seria o saber ideal em que essa tradição poderia ser criada, uma vez que poderiam se apoiar em uma história na qual eles mesmos seriam os personagens principais e, de tal modo, permaneceriam ligados à essa tradição.

Portanto, quando Cascudo se articulou aos Institutos Históricos, particularmente, ao de Pernambuco, esteve se relacionando com indivíduos que produziam um tipo de saber estático,

¹⁷¹ Acerca da idéia de criar tradições ver HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: Ranger, Terence; HOBBSAWM, Eric. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55). p. 9-23.

segundo o qual a ação de uma “sociedade histórica” devia ser a de criar uma tradição que mantivesse vivo um passado áureo e que não permitisse a pura e simples destruição desse passado, evitando todo e qualquer tipo de ruptura social e, paralelamente, epistemológica.

Apesar dos membros do Instituto Arqueológico não serem os mesmos do Centro Regionalista, havia uma similaridade de pensamentos, sobretudo, quanto ao modo de pensarem a história. Ambos viam no passado o momento épico da região e, por esse modo, tencionavam defender as raízes naturais e históricas comuns que serviam de traço de unificação do espaço regional.

Por isso mesmo, no modo de ver desses homens, dos quais podemos destacar o exemplo de Mário Melo, havia uma incompatibilidade entre a forma que o modernismo e o regionalismo concebiam o uso da história, permitindo, inclusive, que a seguinte afirmação já citada fosse possível: “se há uma coisa incompatível é o estudo do passado, como acaba de fazer o Sr. Luís da Câmara Cascudo, dentro das normas do bom-senso refreado pelas datas e pelos fatos históricos, com as rédeas soltas desse futurismo anarquizador”.¹⁷² Então, ao vincular-se aos Institutos Históricos, ambientes dos quais os modernistas a grosso modo não faziam parte, Cascudo permanecia com livre trânsito entre os passadistas, muito embora já tivesse, a essa altura, esboçado contatos com o modernismo.

Deste modo, ainda em 1925, quando o sócio correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, “o jovem historiógrafo Luís da Câmara Cascudo” foi orador nas solenidades do primeiro centenário do nascimento de Dom Pedro II, realizadas por essa instituição, dissertando sobre a “tradição e a moral” do Imperador, ainda não se podia catalogá-lo como exclusivamente modernista.¹⁷³ De acordo com o noticiário deste evento no IAHP, Cascudo “leu uma brilhante conferência em que, com elevação de vista, agudeza e clareza nos conceitos, estuda sobre vários aspectos a personalidade do sábio

¹⁷² MELO, Mário. Histórias que o Tempo leva.... *Jornal Pequeno*, Recife, 20 ago. 1924.

¹⁷³ INSTITUTO Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 03 dez. 1925.

Imperador, cuja memória o Brasil republicano consagra nesse momento”, deixando “ao auditório [uma] magnífica impressão”.¹⁷⁴ Mais uma vez Cascudo esteve entre seus pares na região, os passadistas, foi também por essa via que ele tornou-se um regionalista-tradicionalista.

3.2 Um tradicionalista em destaque: o envolvimento de Luís da Câmara Cascudo com o Centro Regionalista do Nordeste, com o Livro do Nordeste e com o I Congresso Regionalista do Nordeste

Retornando ao ano de 1924, mais precisamente voltando ao momento em que Luís da Câmara Cascudo havia ido ao Recife prestar vestibular para a Faculdade de Direito, temos um acontecimento muito significativo para a história do Movimento Regionalista-Tradicionalista: a criação do Centro Regionalista do Nordeste. A criação desse Centro ocorreu no dia 28 de abril de 1924, ou seja, dias depois do regresso de Câmara Cascudo a Natal. Conforme já acentuamos, Cascudo esteve freqüentando eventos sociais, em sua passagem por Recife, nos quais esteve acompanhado por Gilberto Freyre. Nesses termos, não seria incoerente cogitarmos que Câmara Cascudo tomou conhecimento da criação dessa “sociedade para divulgação e defesa do Nordeste mental” – para usarmos a definição que deu o jornal.¹⁷⁵

Entretanto, quando o Centro foi criado Cascudo estava em Natal, como podemos perceber pelas páginas do jornal *A Imprensa*, que não noticiou qualquer afastamento de seu diretor da cidade do Natal por aqueles dias – pois qualquer afastamento de Cascudo da cidade costumava ser acompanhado de uma nota na coluna de notícias sociais deste jornal. Além do

¹⁷⁴ O CENTENÁRIO de Dom Pedro II - Instituto Arqueológico. *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 dez. 1925.

¹⁷⁵ CENTRO Regionalista. *A Imprensa*, Natal, 09 maio 1924.

que, a coluna escrita por Cascudo, para esse jornal, manteve sua regularidade de publicação, atestando sua permanência em Natal. Portanto, não podemos afirmar o envolvimento inicial de Cascudo com esse Centro, em termos de que ele seja um dos seus fundadores.

Mesmo assim, como já dissemos, até podemos cogitar o conhecimento prévio da criação dessa sociedade cultural, contudo, o que temos de palpável no Rio Grande do Norte sobre o ato de criação do Centro Regionalista do Nordeste foi a sua repercussão através do jornal *A Imprensa*. Esse jornal, em sua edição do dia 09 de maio de 1924, noticiou a criação dessa agremiação cultural, destacando, sobretudo, a figura de Odilon Nestor à sua frente.

De acordo com essa notícia, o programa do Centro Regionalista era “um exemplo de quanto altas e nobres realizações espirituais podem ser construídas desde que um estímulo e uma vontade as dirija e congrege”.¹⁷⁶ A exemplo desse trecho, todo o artigo trata de elogiar a iniciativa dos pernambucanos em criar esse Centro, destacando os principais envolvidos, que o jornal lista como sendo: Amaury de Medeiros, Alfredo Freyre, Antonio Ignácio, Moraes Coutinho, Gilberto Freyre e, com maior ênfase dada pelo jornal, Odilon Nestor. O artigo traz ainda a reprodução literal de dois parágrafos da notícia publicada no *Diário de Pernambuco*, no dia 30 de abril de 1924, que noticiou a criação desse Centro Regionalista, destacando seus propósitos. Vejamos o que está escrito n’*A Imprensa*:

(...) se propõe o Centro a exercer viva atuação intelectual e social, uma vez congregados em seu seio os elementos mais representativos da cultura do Nordeste. Anima-o largo patriotismo nordestino, que se exprime na defesa das nossas coisas e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivos de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste, região cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só.

É idéia do “Centro” publicar uma revista, de colaboração rigorosamente seleta, dedicada aos antecedentes e às atualidades nordestinas.¹⁷⁷

¹⁷⁶ CENTRO Regionalista. *A Imprensa*, Natal, 09 maio 1924.

¹⁷⁷ Ibid.

Nessa citação temos, antes de tudo, a percepção de que o jornal *A Imprensa* não deixou passar sem ser percebida a criação do Centro Regionalista, divulgando e, principalmente, elogiando a iniciativa. Além disso, estão presentes nesse trecho, resumidamente, as idéias principais do programa do Centro Regionalista que era a “defesa das nossas coisas [da região] e das nossas tradições, no aproveitamento delas como motivos de arte, no desenvolvimento dos interesses do Nordeste”.¹⁷⁸

Disso decorre o diálogo com o artigo já exposto sobre o IHGRN, escrito por Câmara Cascudo, no qual se percebe a história como o tipo de saber ideal para construir a idéia de tradição, porque seria através da história que a unidade regional podia ser pensada. Por esse motivo, também, o Centro Regionalista queria construir uma tradição que parecesse ininterrupta, mostrando uma forte ligação com o passado da região, “cujas raízes naturais e históricas se entrelaçam e cujos destinos se confundem num só”.¹⁷⁹ Para os intelectuais regionalista, pois, o saber histórico os ligaria por uma tradição cultural que, em grande medida, eles mesmos definiram, fazendo forte uso do passado.

Por fim, o desconhecido autor do artigo sobre o Centro Regionalista do Nordeste o concluiu da seguinte forma: “desejamos ao ‘Centro Regionalista’ larga vida batalha da (sic) e ruidosa com o clarão destas inteligências sadiamente votadas ao movimento regenerador nas letras do nordeste, tudo podemos esperar. Esperamos”.¹⁸⁰ Fica notório através da postura do autor desse artigo que o regionalismo não se configurava como algo condenável como, muitas vezes, hoje se apresenta em alguns estudos. Ser regionalista e, mais, tradicionalista, era algo possível durante a década de 1920, em virtude de todo um meio cultural regional.

¹⁷⁸ CENTRO Regionalista. *A Imprensa*, Natal, 09 maio 1924.

Para mais informações sobre o programa do Centro Regionalista ver CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 maio 1924.

¹⁷⁹ CENTRO Regionalista. *A Imprensa*, Natal, 09 maio 1924.

¹⁸⁰ Ibid.

Deste modo, a pequena distância temporal entre a publicação do artigo sobre o IHGRN (07 de maio de 1924) e o artigo sobre o Centro Regionalista (09 de maio de 1924) acentua qual a postura do periódico *A Imprensa* quanto aos acontecimentos culturais da região naquele momento, a clara aceitação do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Além disso, pelo estilo de escrita, há uma clara semelhança entre esse artigo e os escritos de Câmara Cascudo. Muito embora não possamos provar, deixamos em aberto a hipótese de ter sido o próprio Cascudo quem escreveu esse texto em elogio ao Centro Regionalista.

Dias mais tarde, esse mesmo artigo publicado pelo jornal *A Imprensa*, transformou-se em um dos pontos de pauta de uma das reuniões do Centro Regionalista. Na reunião do dia 23 de maio de 1924, conforme notícia publicada no dia 25 do mesmo mês, no *Jornal do Comércio*, do Recife, consta a seguinte afirmação:

Realizou-se, anteontem, sob a presidência do Dr. Odilon Nestor, e na sua residência, mais uma reunião do “Centro Regionalista do Nordeste”.

Aberta a sessão, foi pelo secretário geral, Sr. Gilberto Freyre, lido o expediente que constou da leitura de telegramas do Deputado Eurico Chaves, desculpando-se do não comparecimento a sessão, motivos imperiosos, e, do Dr. Olívio Álvares, hipotecando sua inteira solidariedade ao “Centro”, e *de um artigo d’“A Imprensa”, de Natal, apoiando vivamente a criação daquela sociedade* (Grifo meu).¹⁸¹

O simples fato desse artigo ter sido lido entre os regionalistas diz muito, porque demonstra como o elogio oriundo de Natal ganhou resposta em Recife, na medida em que o Centro Regionalista usou esse artigo para tentar mostrar como seus objetivos estariam ecoando para além dos limites territoriais de Pernambuco. Por esse modo, para o Centro Regionalista, receber apoio de outras cidades era uma forma de repercutir suas idéias e, ao mesmo tempo, divulgar o apoio recebido era uma maneira de se afirmar, de mostrar aos

¹⁸¹ CENTRO Regionalista do Nordeste. *Jornal do Comércio*, Recife, 25 maio 1924.

pernambucanos como a iniciativa de “defender as tradições nordestinas”¹⁸² e “promover os interesses do Nordeste”¹⁸³ era um objetivo comum entre pernambucanos e norte-rio-grandenses, ou seja, seria um interesse comum de todo o Nordeste. Faltam-nos, no entanto, dados mais precisos para entendermos quem possa ter levado esse artigo e sugerido sua leitura em uma reunião do Centro Regionalista do Nordeste.

De todo modo, mais importante do que saber quem estabeleceu o intercâmbio entre o jornal natalense e o Centro Regionalista – que, inclusive, pode até ter sido Cascudo – é saber quais norte-rio-grandenses estiveram presentes, nesse momento, nas instalações ou nos eventos organizados pelo Centro Regionalista. Nossa pesquisa localizou duas passagens de norte-rio-grandenses pelo Centro, em Recife, a saber: Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo. Assim sendo, o *Diário de Pernambuco*, de 13 de julho de 1924, noticiou:

O Centro Regionalista do Nordeste recebeu anteontem [11 de julho de 1924] a visita do ilustre senador federal pelo Rio Grande do Norte, Sr. Dr. Eloy de Souza.

O Dr. Eloy de Souza a todos encantou pelo brilho de sua conversa sobre assuntos nordestinos, especialmente os “cantadores” – interessante aspecto da vida regional que ele tem estudado de perto.¹⁸⁴

A visita de Eloy de Souza ao Centro Regionalista é simbólica para o que já afirmamos segundo o qual Eloy de Souza, como representante do regionalismo a que chamamos de provinciano, articulou-se facilmente às idéias do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Além disso, a referência à “conversa sobre assuntos nordestinos, especialmente os ‘cantadores’” – tema que Eloy de Souza dissertaria um ano mais tarde no *Livro do Nordeste* –, demonstra uma associação que exploraremos a seguir, de acordo com a qual as

¹⁸² CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 maio 1924.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 jul. 1924.

comemorações do Centenário do *Diário de Pernambuco*, cujo *Livro do Nordeste* foi o ápice das festividades, foi representado no Rio Grande do Norte pelos mesmos nomes que estiveram articulados com o Centro Regionalista do Nordeste.

No que concerne à visita que localizamos de Câmara Cascudo ao Centro Regionalista, ocorreu em torno das discussões para realização da “Semana das árvores”, a qual foi efetivada pelo Centro entre os dias 06 e 12 de novembro de 1924.¹⁸⁵ Na reunião do dia 09 de setembro daquele ano, publicada pelo *Diário de Pernambuco* a 11 de setembro, consta a visita do “jornalista e escritor Luís da Câmara Cascudo”. Essa reunião, a que o referido jornal chamou “das mais interessantes”, está resumida do seguinte modo:

Foram hóspedes do Centro, na reunião de anteontem [09 de setembro de 1924], interessantes figuras de *nordestinos que vieram trazer à obra de patriotismo regional a força de sua simpatia e do seu entusiasmo*: o dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, ex-governador do Piauí e ex-senador federal e figura simpática de “gentleman farmer”; o dr. Leonardo Motta, do Ceará, apreciado folclorista, autor dos “Cantadores”; o jornalista e escritor Luís da Câmara Cascudo, do Rio Grande do Norte, cujo recente trabalho “História que o tempo leva” (sic) veio trazer novo interesse aos estudos desse gênero, na região do Nordeste.

Os ilustres hóspedes mostraram o maior entusiasmo pela idéia da “Semana das árvores”, prometendo cooperar com o “Centro”, dos seus respectivos Estados, para que o movimento adquira extensão e significação regionais (Grifo meu).¹⁸⁶

Sabemos que as notícias constantemente publicadas no *Diário de Pernambuco* sobre o Centro Regionalista, mesmo sem autoria especificada, foram escritas pelos próprios regionalistas, que estavam congregados em torno desse jornal, por isso as notícias dessas colunas estão repletas de um interesse discursivo em exaltar o movimento. Todavia, não podemos desconsiderar o fato de Câmara Cascudo ter estado presente àquela reunião do Centro Regionalista. Com maior ou menor entusiasmo, Cascudo esteve presente à reunião,

¹⁸⁵ Para mais informações sobre a Semana das árvores ver AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*, p. 148

¹⁸⁶ CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 set. 1924.

levando seu apoio às iniciativas do Centro Regionalista e, portanto, seria um dos “ilustres hóspedes” que o jornal diz ter prometido “cooperar com o ‘Centro’ dos seus respectivos Estados, para que o movimento adquira extensão e significação regionais”.¹⁸⁷ Além disso, cumpre notar também a presença do folclorista Leonardo Motta na sessão – autor que, conforme já argumentamos, influenciou no início da obra folclórica de Cascudo –, mostrando, mais uma vez, como os mesmos nomes estiveram sempre em diálogo, em aproximação.

Se já não bastasse o fato de não haver referências a essa passagem de Cascudo pelo Centro Regionalista nos trabalhos a que tivemos acesso, Humberto Hermenegildo ainda foi mais incisivo no silenciamento do Cascudo regionalista ao escrever, em trabalho recente, que Câmara Cascudo não esteve presente “em dois momentos marcantes do movimento regionalista nordestino liderado por Gilberto Freyre: a organização do *Livro do Nordeste*, em 1925, e a realização do Congresso Regionalista do Nordeste, em 1926”.¹⁸⁸

Todavia, veremos que não foi bem assim que ocorreu. Além da visita ao Centro Regionalista, Luís da Câmara Cascudo participou de outros eventos organizados pelo Centro Regionalista, através de Gilberto Freyre. Luís da Câmara Cascudo, por exemplo, participou das comemorações do centenário do *Diário de Pernambuco*, em 07 de novembro de 1925, muito embora seu artigo não tenha sido publicado no *Livro do Nordeste*.¹⁸⁹ Esse livro foi organizado por Gilberto Freyre e contou com a participação de inúmeros regionalistas, dentre eles, os norte-rio-grandenses Eloy de Souza e Henrique Castriciano.

A presença de Henrique Castriciano e Eloy de Souza no *Livro do Nordeste* deixa notório, mais uma vez, o envolvimento dos dois escritores também no Movimento Regionalista-Tradicionalista. Henrique Castriciano, a quem Cascudo definiu como “Mestre”,

¹⁸⁷ CENTRO Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 set. 1924.

¹⁸⁸ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. O escritor Câmara Cascudo. In: ARRAIS, Raimundo. (Org.). Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. *Continente Documento*, Recife, ano 4, n. 48, ago. 2006. p. 27-28.

¹⁸⁹ FREYRE, Gilberto. (Org.). *Livro do Nordeste*. Edição fac-similar. 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

Além de artigos de Gilberto Freyre, há no *Livro do Nordeste*, textos de Aníbal Fernandes, Samuel Hardman, Luiz Cedro, Odilon Nestor, Julio Belo e Mário Melo.

escreveu um artigo sobre Nísia Floresta,¹⁹⁰ e Eloy de Souza escreveu, justamente, sobre o mesmo tema que ele havia abordado em sua visita ao Centro Regionalista: os cantadores nordestinos.¹⁹¹ Particularmente, o artigo de Eloy de Souza foi um dos assuntos discutidos em uma carta enviada por Gilberto Freyre a Câmara Cascudo que, mesmo não estando datada, podemos afirmar ter sido escrita em 1925.¹⁹²

Essa carta não possui data, devido ao fato de estar faltando uma parte do texto. Porém, ela foi escrita em papel timbrado com indicação da comemoração do centenário de fundação do *Diário de Pernambuco*.

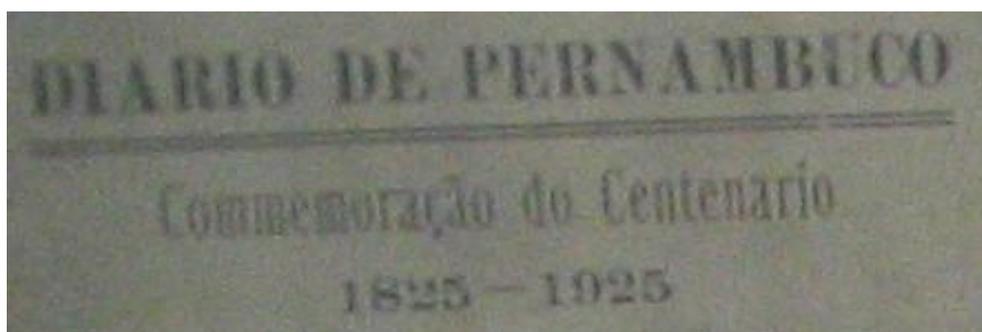


Figura 5 Timbre do papel utilizado por Gilberto Freyre para escrever uma carta a Luís da Câmara Cascudo. Há, no timbre, a indicação da comemoração do centenário da fundação do jornal recifense *Diário de Pernambuco*.

Fonte: FREYRE, Gilberto. [*Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo*]. Recife, 17 mar. 1925. 2p. Carta. Acervo Memorial Câmara Cascudo.

Além disso, pudemos cotejar essa carta com uma outra missiva escrita em Natal, a 06 de junho de 1925, por Câmara Cascudo, e enviada a Gilberto Freyre, na qual Cascudo fez referência a um tema que havia sido discutido exatamente na carta sem data.

¹⁹⁰ CASTRICIANO, Henrique. Uma figura literária do Nordeste: Nísia Floresta. In: FREYRE, Gilberto. (Org.). *Livro do Nordeste*. p. 138-139.

¹⁹¹ SOUZA, Eloy de. Os últimos cantadores do Nordeste. In: FREYRE, Gilberto *Livro do Nordeste*, p. 66-67.

¹⁹² FREYRE, Gilberto. [*Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo*]. Recife, 17 mar. 1925. 2p. Carta. Acervo Memorial Câmara Cascudo.

A primeira carta, a sem data, foi iniciada com a solicitação de Freyre a Cascudo para o envio de exemplares do livro *Histórias que o tempo leva* para Francis B. Sinkins e Rüdiger Bilden, nos Estados Unidos.¹⁹³ Do mesmo modo, na carta que está datada, Cascudo abordou essa solicitação do envio de seu livro, ao responder a Freyre: “há uns três dias lhe escrevi enviando as letras do Sr. Bilden. (...). Estou pedindo a Deus que a carta não se atrapalhe pelo correio. Inda não respondi o teuto-yankee gentilíssimo”.¹⁹⁴ Isso mostra que a carta de Cascudo foi a resposta da carta sem data enviada por Freyre. Sendo assim, quando Cascudo escreveu que “sua carta [de Freyre] de 17 de março veio chegar a 05 de junho em minhas mãos. O carimbo do correio d’aqui é desta data”, ele nos possibilitou compreender em qual circunstância essa carta sem data foi escrita: junto à organização do *Livro do Nordeste*, em 17 de março de 1925.¹⁹⁵ Através dela foi possível, ao menos, perceber como ocorreu a participação do Rio Grande do Norte nas comemorações do centenário do periódico pernambucano e, principalmente, possibilitou a certeza de que Cascudo foi convidado a participar dessas festividades.

Nesse sentido, fragmentos dessa carta sem data aparente, mas de 17 de março de 1925, podem atestar o envolvimento de Câmara Cascudo nas comemorações do Centenário do *Diário de Pernambuco*. No primeiro trecho, Freyre escreveu a Cascudo, dizendo que leu as boas páginas de *Joio*, mas, ainda assim, diz ter preferido *Histórias que o tempo leva*, uma vez que *Joio* seria “um livro apressado que não justifica o sub-título Literatura e Crítica. É antes jornalismo posto em livro”.¹⁹⁶ Por esse motivo Freyre, em seguida, acrescentou:

¹⁹³ FREYRE, Gilberto. [Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]. Recife, 17 mar. 1925. 2p. Carta. Acervo Memorial Câmara Cascudo.

¹⁹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Gilberto Freyre]. Natal, 06 jun. 1925. 2p. Carta. Acervo Fundação Gilberto Freyre.

¹⁹⁵ Ibid.

¹⁹⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit.

Acho que a sua veia é antes histórica do que crítica. E é por isto que espero um trabalho sugestivo sobre estes cem anos de vida de Natal.

(...).

Parece-me difícil a ida aí. Peço-lhe a possível empenho (sic) na remessa do artigo, que peço acompanhado de seu retrato e breve nota biográfica. Também notas biográficas de Eloy e Henrique Castriciano.¹⁹⁷

Analisando esse trecho, perceberemos sutis referências de Gilberto Freyre ao *Livro do Nordeste*, indicando uma solicitação de artigo para compor o livro que estava organizando. Quando Freyre disse estar esperando por “um trabalho sugestivo sobre estes cem anos de vida de Natal”, devemos recordar que a maior parte dos artigos que foram publicados no referido livro possuem como corte cronológico os anos de 1825 e 1925, portanto, cobrindo cem anos de história. De modo que, pelo menos doze artigos presentes no *Livro do Nordeste*, possuem no título “Um século de...” ou “Cem anos de...”.¹⁹⁸

Assim sendo, Freyre propôs para Cascudo a produção de um texto semelhante ao que outros escritores estavam produzindo nos demais Estados da região. Além disso, Freyre pediu empenho na remessa do artigo, devendo estar “acompanhado do seu retrato e breve nota biográfica”. Se consultarmos o *Livro do Nordeste*, veremos que todo o artigo era precedido por uma nota biográfica e resumo do artigo. Então, mesmo Cascudo não tendo na carta resposta se comprometido a fazer o artigo, era a intenção de Gilberto Freyre incluí-lo no *Livro do Nordeste*.

Em outro trecho desta mesma carta, Freyre escreveu sobre o artigo de Eloy de Souza, enviado para compor o mesmo livro. Acerca disso, assim está escrito na carta:

¹⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *[Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]*. Recife, 17 mar. 1925. 2p. Carta. Acervo MCC.

¹⁹⁸ Ver Id., *Livro do Nordeste*.

Recebi do Eloy os trechos da conferência. Consulte-me sobre o seguinte: (1) si posso dar as vistas o título “Os últimos cantadores do Nordeste”; (2) si posso eliminar os “meus senhores e minhas senhoras” e dar assim um ar de artigo especial para o livro, pois a colaboração será só de inéditos. Estão bem interessantes as notas. Que figura deliciosa é o Fabião! Vou mandar fazer um aumento de retrato.¹⁹⁹

Mais uma vez, se consultarmos o *Livro do Nordeste*, veremos que, realmente, o artigo de Eloy de Souza, intitula-se *Os últimos cantadores do Nordeste*, particularmente, Fabião das Queimadas. Isso mostra que o regionalista provinciano, Eloy de Souza, tornou-se um regionalista-tradicionalista e manteve contatos com o Centro Regionalista através de Câmara Cascudo. Por sinal, Cascudo não só foi convidado a participar do *Livro*, como esteve envolvido na participação de outros norte-rio-grandenses, como no exemplo da participação do próprio Eloy de Souza.

Todavia, como a história lida com fatos, e o fato é que não consta artigo de Câmara Cascudo no *Livro do Nordeste*, somado ao desconhecimento da referida carta, era natural que os estudiosos tenham escrito que Luís da Câmara Cascudo não esteve envolvido com esse momento marcante do Movimento Regionalista-Tradicionalista. Mesmo não possuindo um artigo no *Livro do Nordeste*, Cascudo não deixou de participar das festividades do Centenário do *Diário de Pernambuco*.

Muito embora Zila Mamede cite, os estudiosos também desconhecem que Câmara Cascudo publicou um artigo sobre folclore na edição do *Diário de Pernambuco*, do dia 07 de novembro de 1925, isto é, na edição especial do centenário desse periódico.²⁰⁰ O artigo intitulado *Dos cultos esquecidos no Nordeste brasileiro*²⁰¹ está datado como sendo escrito em outubro de 1925, e não sabemos por que motivo ele saiu na edição diária do jornal, nesse

¹⁹⁹ FREYRE, Gilberto. [Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]. Recife, 17 mar. 1925. 2p. Carta. Acervo Memorial Câmara Cascudo.

²⁰⁰ Conforme MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. v. 1. t. 1. p. 449.

²⁰¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dos cultos esquecidos no Nordeste brasileiro*. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 nov. 1925.

caso, uma edição especial, ao invés de compor o *Livro do Nordeste*. Talvez pelo fato de não versar sobre o tema desejado por Freyre – cem anos de vida em Natal –, trata das superstições religiosas no Nordeste do Brasil. Só a leitura das cartas de Freyre para Cascudo esclarecerá essa questão, posto que não conste no acervo da Fundação Gilberto Freyre outras cartas de Cascudo escritas nessa época, muito embora tenhamos localizado referências à existência de tais missivas. O importante, portanto, é percebermos que, mais uma vez, Luís da Câmara Cascudo envolveu-se com um evento organizado pelo Movimento Regionalista-Tradicionalista, participando das comemorações do centenário do *Diário de Pernambuco*.

Por fim, trataremos do Congresso Regionalista do Nordeste, ápice das ações do Centro Regionalista. Conforme já estava presente no programa de criação do Centro Regionalista era dever do Centro “promover cada ano ou de dois em dois anos, em uma cidade do Nordeste, um Congresso Regionalista”.²⁰² Passado quase um ano da criação do Centro Regionalista, na reunião de 03 de março de 1925, o Congresso Regionalista do Nordeste ainda não havia ocorrido e Gilberto Freyre “propôs a dissolução do Centro, em face de sua nenhuma ação nesses últimos meses”.²⁰³ De acordo com o *Diário de Pernambuco*, “a proposta foi vigorosamente combatida”, sendo destacado “o grande sucesso alcançado pela ‘Semana das Árvores’ e outras oportunas expressões de força e vida da jovem associação”.²⁰⁴

Diante disso, na opinião de Moraes Coutinho, “parecia-lhe absurdo deixar morrer uma sociedade cujo começo fora verdadeiramente vitorioso; que era uma força independente e uma reunião de vontades sinceras”.²⁰⁵ Em solução, decidiu-se “que o ‘Centro’ cogitasse de organização do Primeiro Congresso Regionalista, de acordo com o seu programa”.²⁰⁶ Aceita a proposta, na mesma reunião, foi definida a comissão para a organização das teses para o

²⁰² CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07 maio 1924.

²⁰³ CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 05 mar. 1925.

²⁰⁴ Ibid.

²⁰⁵ Ibid.

²⁰⁶ Ibid.

Primeiro Congresso Regionalista: Carlos Lyra Filho, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre.²⁰⁷ Dias após, na reunião de 24 de março de 1925, foi apresentado o plano geral das teses, definindo-se o período de 07 a 15 de novembro de 1925 para a realização do Primeiro Congresso Regionalista.²⁰⁸ Foi nesse momento que, em nossa documentação, a atividade intelectual de Luís da Câmara Cascudo, novamente, esteve em aproximação com o Centro Regionalista.

Mais uma vez o periódico dirigido por Luís da Câmara Cascudo em Natal, o jornal *A Imprensa*, dedicou um significativo espaço para noticiar as atividades do Centro Regionalista. Na edição de 01 de abril de 1925, dias depois do plano geral de teses ter sido aprovado em Recife, o jornal norte-rio-grandense o reproduziu na íntegra – apenas com a substituição de uma poucas palavras que não comprometeram o sentido das teses. Além do plano geral de teses, o artigo d’*A Imprensa* tratou de outros pontos em torno do Centro Regionalista. Para conhecermos melhor esses pontos, a princípio, convém chamarmos atenção para o título do artigo – *O Primeiro Congresso Regionalista Brasileiro*²⁰⁹ – o uso do adjetivo pátrio “brasileiro”, ao invés de “nordestino” denota como o desconhecido autor do texto quis dar um caráter mais nacionalista ao texto, colocando-o como um evento patriótico, de brasileiros, não apenas de nordestinos.

O artigo, em termos de conteúdo, começa destacando o evento e a iniciativa do Centro Regionalista do Nordeste, “o esplêndido núcleo que está realizando uma verdadeira integralização artística em Recife, promove para novembro próximo, dos dias 7 a 15 o Primeiro Congresso Regionalista”.²¹⁰ Em seguida, refere-se às solenidades que iriam ocorrer no teatro Santa Isabel e às excursões a pontos de interesse turístico e histórico; reproduz as teses gerais; e, por fim, transcreve um artigo de Gilberto Freyre – *Regionalismo Criador* –

²⁰⁷ CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 05 mar. 1925.

²⁰⁸ CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 mar. 1925.

²⁰⁹ PRIMEIRO Congresso Regionalista Brasileiro. *A Imprensa*, Natal, 01 abr. 1925.

²¹⁰ Ibid.

“para a melhor compreensão dos fins eficientes patrióticos do Primeiro Congresso Regionalista”.²¹¹

A exemplo do artigo d’*A Imprensa*, transcreveremos um trecho desse artigo de Gilberto Freyre, pois as idéias contidas no texto de Freyre foram usadas para ampliar o alcance das idéias regionalistas:

Será um esforço de concentração, esse Primeiro Congresso Regionalista anunciado para o fim do ano.

Aliás o movimento regionalista não é senão isto: um esforço de concentração.

Há quem o confunda com o separatismo. Mas sem razão. Idiotamente. Seu esforço é um sentido contrário.

O que o regionalismo quer é, pela concentração de afinidades que apenas dormitam sono leve, libertar o Nordeste da sistematização de sua inferioridade de feudo econômico; de parasita intelectual; de burgo podre da vida brasileira.

(...).

O Regionalismo Nordestino de modo nenhum cogita de separar ou isolar esse conjunto de tradições e valores próprios para uma vida de estreito e estéreo bairrismo. Visa, ao contrário, desenvolver os mesmos valores e tradições, refugindo a tirania da Distância; visa colaborar na obra de integração brasileira, em vez de simplesmente repetir o que Rio [de Janeiro] vem, nesses últimos anos, repetindo dos piores modelos estrangeiros.

Freyre, através desse artigo, quis retirar o caráter separatista que era atribuído ao Movimento Regionalista-Tradicionalista e, particularmente, ao Congresso Regionalista do Nordeste, mostrando-o como um esforço de integração da região Nordeste ao Brasil. Do mesmo modo, o autor do artigo do jornal *A Imprensa*, queria mostrar como o ideal do Primeiro Congresso Regionalista era mostrar o valor do Nordeste como parte integrante do Brasil e, por isso, substituiu o adjetivo nordestino pelo brasileiro. O Congresso Regionalista não seria, então, só para nordestinos, mas para brasileiros, para homens que tencionassem valorizar a Nação.

²¹¹ PRIMEIRO Congresso Regionalista Brasileiro. *A Imprensa*, Natal, 01 abr. 1925.

Na expectativa deste evento, em carta de 22 de agosto de 1925²¹², Luís da Câmara Cascudo enviou a Mário de Andrade um convite para o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

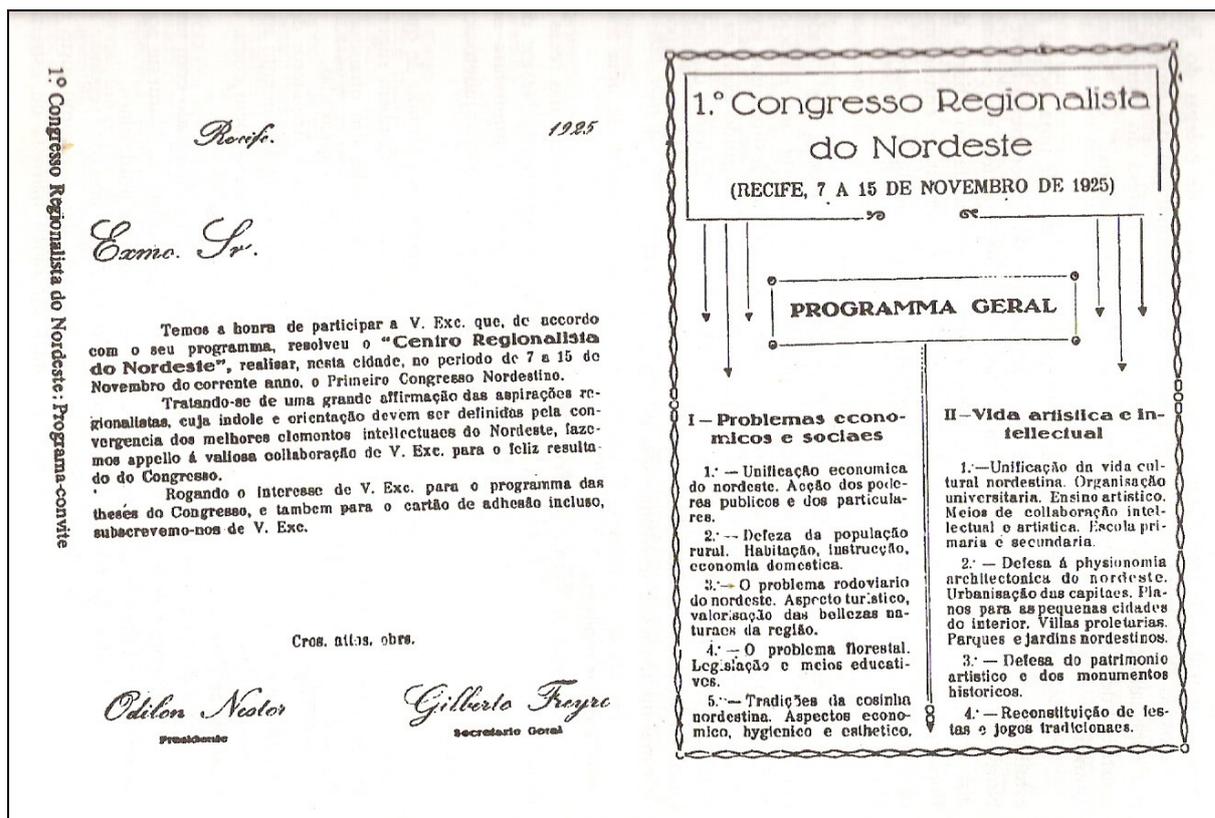


Figura 6 Programa-convide do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. O convite enviado a Mário de Andrade por Luís da Câmara Cascudo, ao que depreendemos da documentação, deve ter se tratado de um exemplar semelhante a este.

Fonte: AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996. p. 159

Não podemos menosprezar a remessa desse convite a Mário de Andrade por motivos imperiosos, que apontam, novamente, à aproximação de Cascudo com o Centro Regionalista

²¹² CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Mário de Andrade]. Natal, 22 ago. 1925. Apud GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, p. 243.

do Nordeste. Todavia, antes, é necessário observarmos a leitura que Humberto Hermenegildo dá para esse mesmo convite:

Sobre o assunto, a correspondência entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo é esclarecedora, pois registra o envio de um convite, de Câmara Cascudo, para Mário de Andrade participar do Congresso Regionalista do Nordeste. Em resposta, Mário opina sobre o assunto, em carta de 06 de setembro de 1925:

“Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da idéia de nação e sobre esse ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o caracter individual psicológico duma raça porém os seus lados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? (...) Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo. Entre as teses dos “Problemas econômicos e sociais” vocês se esqueceram inteiramente do Brasil o que acho positivamente um erro. A primeira de todas as teses devia de ser: Contribuição do Nordeste para a constituição da Brasilidade psicológica, econômico-social, lingüística e artística.”

Em resposta, Câmara Cascudo afirma em carta de 12 de outubro de mesmo ano: “Quanto ao Congresso... Que tenho eu com ele? As suas idéas ficaram justinhas na minha cabeça. Como se diz por aqui – direito que nem dedo em venta”. Significativamente, o assunto Congresso Regionalista não aparece mais na correspondência referida e Luís da Câmara Cascudo não participa do evento.²¹³

Quem lê esses dois trechos das cartas trocadas por Mário e Cascudo e que foram citadas por Hermenegildo, acompanhadas pela interpretação que ele as dá, certamente acreditará que a resposta de Mário de Andrade foi, absolutamente, contrária e avessa ao regionalismo. Aparenta que Mário discordou do evento, que não aceitou dele participar e que, principalmente, Cascudo teria enviado o convite apenas por enviar, sem concordar com as idéias implícitas no convite. No entanto, ao contrário do que sugere Hermenegildo, esse convite não foi acompanhado de uma recusa, foi acompanhado, apenas, de algumas ressalvas que Mário de Andrade esclareceu bem tratarem-se de discordâncias quanto às teses do evento.

²¹³ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. O escritor Câmara Cascudo. In: ARRAIS, Raimundo. (Org.). Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. *Continente Documento*, Recife, ano 4, n. 48, ago. 2006. p. 28-29.

Portanto, o que ocorreu foi que Hermenegildo descontextualizou as cartas. Nos lugares em que Mário de Andrade abordou o regionalismo, Hermenegildo o substituiu por reticências e seguiu silenciando o regionalismo, dando a impressão limitada de que Mário de Andrade e Câmara Cascudo possuíam uma ojeriza ao Primeiro Congresso Regionalista.

Como ouvi certa vez, texto sem contexto é pretexto para heresia. Então, recontextualizemos as correspondências para acompanharmos com clareza o diálogo entre Mário e Cascudo acerca do evento regionalista que estava para ocorrer. Eis, pois, o que consta na carta em que o convite foi remetido: “remetto um convite para o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Se V. não tem tempo de rabiscar em cima de alguma these, assignale uma ou umas. No mínimo como curiosidade pelo inedito-brasileiro (sic)”.²¹⁴ Percebam que Cascudo não estava enviando um convite “do” Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste e sim um convite “para” o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

A solicitação para que Mário observasse e analisasse as teses deveu-se ao motivo de ser o convite “para” o Congresso Regionalista do tipo convite-programa, isto é, continha a reprodução do programa geral de teses que foi composto para o evento. O que nos permite compreender que o intuito de Câmara Cascudo não era apenas mostrar a Mário de Andrade o convite-programa com as idéias regionalista-tradicionalistas, era seu objetivo, na verdade, convidar o escritor modernista para participar do evento e saber o que Mário pensava a respeito das idéias do “inédito-brasileiro”. Além disso, por si só, o fato de Cascudo possuir um convite e ainda o de ter o poder de convidar alguém para dele participar já demonstra que ele possuía influência entre os organizadores e, até mesmo, que ele compactuava com as ideais do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Em resposta, Mário de Andrade escreveu uma carta, em 06 de setembro de 1925, na qual comentou, em detalhes, o convite-programa que recebeu de Câmara Cascudo. O trecho é

²¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *[Correspondência enviada a Mário de Andrade]*. Natal, 22 ago. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, p. 243.

longo e citá-lo de uma única vez tornaria a leitura cansativa e a apreensão de seu significado seria difícil. Deste modo, para não limitarmos a compreensão, fragmentaremos o texto, sem, no entanto, suprimirmos nenhum trecho do comentário nem alterarmos a ordem em que o texto foi produzido. Sendo assim, intercalaremos partes do comentário de Mário de Andrade com nossas observações pessoais acerca do teor da carta.

A princípio, Mário de Andrade declarou: “o tal de Congresso Regionalista me deixou besta de entusiasmo”.²¹⁵ Já de saída podemos verificar que Mário de Andrade ficou de algum modo interessado pelo Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Logo em seguida, Mário ponderou:

Em tese sou contrário ao regionalismo. Acho desintegrante da ideia de nação e sobre esse ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o carácter individual psicológico duma raça porêem os seus lados exóticos. Pode-se dizer que exóticos até dentro do próprio país, não acha? (sic).²¹⁶

Esse trecho mostra que Mário de Andrade possuía ressalvas contra qualquer tipo de regionalismo, na medida em que percebia nessa postura um esfacelamento da idéia de nação. Além do que, para ele, o regionalismo acentuaria a idéia de diferenças regionais e culturais internas ao próprio país em detrimento da unidade da nação, alcançada através de um sentimento conjunto de brasilidade. Por outro lado, Mário teceu observações positivas que percebia na idéia de regionalismo, quando escreveu:

²¹⁵ ANDRADE, Mário de. *[Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]*. São Paulo, 22 ago. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, p. 141.

²¹⁶ *Ibid.*

É certo no entanto que regionalismo bem entendido traz benefício grande sobre o ponto-de-vista da propria discriminação dos caracteres gerais psicologicos e outros dum povo. Si a minha adesão vale de alguma coisa aí vai sincera como uma enorme sodade mandada pra êsse Nordeste que amo como eu mesmo, que sou eu. Que pena eu não poder ir até aí! Si tivesse cobres e descobrisse tempo, ia de deveras. (sic).²¹⁷

Com efeito, Mário de Andrade, entendia que o regionalismo bem compreendido traria benefícios a um povo, que poderia melhor conhecer-se. Nesse sentido, as reservas de Mário de Andrade diziam respeito ao regionalismo pensado como postura epistemológica que produz o saber a partir de um recorte sócio-cultural localizado: a região. Não diz respeito, especificamente, ao regionalismo-tradicionista. Além disso, como o programa-convite continha um cartão de adesão incluso, Mário ainda escreve sua adesão “sincera” ao regionalismo.

Só na continuação de seu comentário é que Mário de Andrade analisou as idéias do programa do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Vejamos o que Mário de Andrade escreveu acerca disso:

Como não vou mando estas rabugens pra você. Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo. Entre as teses dos “Problemas economicos e sociais” vocês se esqueceram inteiramente do Brasil o que acho positivamente um êrro. A primeira de todas as teses devia de ser: Contribuição do Nordeste para a constituição da Brasilidade psicologica, economico-social, linguistica e artistica. Prás pessoas que veem muito largo ou veem amorosamente como é o meu caso, isto está implicito no programa geral. O malentendido nasceu de haverem mais noventa-e-nove pessoas que se ajuntaram à primeira. Noventa-e-nove malentendidos quasi sempre é a porcentagem. Veja si corrige isso com tempo. Si eu pudesse estudar mais seria essa a tese que escolheria ou então furava o programa falando sobre o “Conceito de regionalismo”.²¹⁸

²¹⁷ ANDRADE, Mário de. *[Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]*. São Paulo, 22 ago. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. p. 141.

²¹⁸ *Ibid.*

Nesse trecho, a bem da verdade, podemos perceber uma crítica de Mário de Andrade. No entanto, a crítica é dispensada para a maneira como o regionalismo aparece no programa das teses do Congresso. Esse programa estava dividido em duas partes: 1) Problemas econômicos e sociais e 2) Vida artística e intelectual.²¹⁹ Quanto à primeira parte do programa – problemas econômicos e sociais –, Mário achava necessário ser precedido por uma análise da “contribuição do Nordeste para a constituição da brasilidade”. É sempre ressaltando a idéia de brasilidade que Mário de Andrade concebia o uso do regionalismo, pois, caso contrário, essa postura seria fragmentária da idéia de Nação. Por esse motivo, Mário argumentou que, se pudesse, propor-se-ia a discutir tal lacuna ou, até mesmo, explicaria o conceito de regionalismo tal qual ele entendia.

Não podemos esquecer um outro aspecto muito importante presente ainda no trecho acima. Mário de Andrade se refere a Câmara Cascudo usando um pronome pessoal de tratamento, no plural: “vocês”. Ao escrever que “entre as teses dos ‘Problemas economicos e sociais’ *vocês* se esqueceram inteiramente do Brasil o que acho positivamente um êrro (sic) (Grifo meu)”²²⁰, Mário de Andrade incluiu Cascudo entre os regionalista-tradicionalistas. Mário não estaria falando apenas com Cascudo, mas com todos os envolvidos no Primeiro Congresso Regionalista, que teriam esquecido de explorar a idéia de brasilidade na primeira parte do plano de teses. Portanto, o próprio autor que, nos dias de hoje, é usado para explicar o Luís da Câmara Cascudo modernista, definiu-o como regionalista e o imputou a tarefa de corrigir a tempo a lacuna que havia percebido no plano de teses do Congresso.

Com esse mesmo ponto de vista, Mário de Andrade comentou a segunda parte do plano geral de teses – vida artística e intelectual. Ao que escreveu:

²¹⁹ Para conhecimento integral do programa de teses para o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste ver CENTRO Regionalista. *Diário de Pernambuco*, Recife, 26 mar. 1925.

²²⁰ ANDRADE, Mário de. [*Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo*]. São Paulo, 22 ago. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*, p. 141.

Na “Vida artística e intelectual” quasi com a mesma intenção nacionalizante em oposição à regionalizante das teses teria incluído: Caracteres gerais psicológicos do Brasileiro refletidos ou organizados tradicionalmente nas artes nordestinas. II: Contribuições linguísticas do nordeste para a língua geral do Brasil (lexiologia, fraseologia, sintática, modismos expressivos). III: Folclore nordestino. Não vejo bem aonde a gente poderia tratar disso nas teses do Congresso a não ser de folclore no tratar de festas e jogos tradicionais. E assim mesmo... Aliás reconheço que nessa parte de vida artística e intelectual vocês se preocupam mais com lados práticos que propriamente ideológicos. Em todo caso tudo é prático em última análise entre os temas que apontei. Porém de qualquer maneira que seja o Congresso é interessantíssimo e desejaria estar aí.²²¹

A tônica da crítica ainda era da não percepção da idéia de brasilidade nas teses. A conclusão chegada por Mário seria que, de qualquer maneira, a idéia de um Congresso era interessante e que ele desejaria participar. No entanto, era necessário repensar o conceito de regionalismo utilizado no plano geral de teses.

Por conseguinte, a resposta de Câmara Cascudo é emblemática para mostrar como a correspondência é um espaço de construção subjetiva. Ao responder aos comentários, Cascudo se construiu como um autor modernista e procurou se afastar das idéias regionalistas, difundidas pelo Centro Regionalista e que Mário de Andrade havia criticado. Vejamos o que respondeu Cascudo, na carta resposta de 12 de outubro de 1925: “quanto ao Congresso... Que tenho eu com elle? As suas idéas ficaram justinhas na minha cabeça. Como se diz por aqui – direito que nem dedo em venta (sic)”²²². Portanto, temos um sujeito que se construiu da maneira como deseja ser visto por outro sujeito a quem a carta se destinava: Cascudo quis se mostrar como não adepto do tipo de regionalismo do Primeiro Congresso Regionalista do

²²¹ ANDRADE, Mário de. *[Correspondência enviada a Luís da Câmara Cascudo]*. São Paulo, 22 ago. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 141-142.

²²² CASCUDO, Luís da Câmara. *[Correspondência enviada a Mário de Andrade]*. Natal, 12 out. 1925. *Apud* GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Ibid.*, p. 249.

Nordeste. Cascudo passou, por isso, a não tocar mais no assunto regionalismo em suas cartas a Mário de Andrade.²²³

De todo modo, o Primeiro Congresso Regionalista não ocorreu em 1925, só veio ocorrer entre os dias 07 e 11 de fevereiro de 1926.



Figura 7 Fotografia da solennidade de instalação do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. No alto, da esquerda para a direita, compunham a mesa Netto Campello, Odilon Nestor e Gilberto Freyre. O representante do Rio Grande do Norte, nesse Congresso, foi o jornalista Salomão Filgueira.

Fonte: *Revista de Pernambuco*, Recife, a. 3, n. 21, mar. 1926.

²²³ Acerca da correspondência como espaço de construção do sujeito ver FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: ____. *O que é um autor?*. E também GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: ____. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

Câmara Cascudo não participou desse evento, pelo menos não encontramos qualquer alusão à sua participação. Mas também é preciso dizer que os arquivos potiguares não possuem os exemplares do jornal *A Imprensa* referentes aos anos de 1925 e 1926, de modo que impossibilitam o conhecimento acerca da repercussão desse evento, no Rio Grande do Norte. O único exemplar deste jornal, entre os dois anos citados, a que tivemos acesso, por sorte, foi a edição que consta o já comentado artigo sobre o Primeiro Congresso Regionalista (01 de abril de 1925), uma vez que esse artigo está presente no arquivo de Gilberto Freyre, referente ao Centro Regionalista.

Como não tivemos acesso a essa documentação, o que podemos afirmar é que os jornais pernambucanos só fazem referência à participação do norte-rio-grandense Salomão Filgueira no Congresso, representando o governador José Augusto.²²⁴ Em telegrama enviado ao presidente do Centro Regionalista, Odilon Nestor, e reproduzido no *Diário de Pernambuco*, de 04 de fevereiro de 1926, José Augusto nomeou a Salomão Filgueira seu representante no Congresso: “grato convite prezado amigo telegrafei Dr. Salomão Filgueira meu conterrâneo e amigo pedindo representar Estado Congresso Regionalista do Nordeste que merece toda minha simpatia. Afetuoso abraço – José Augusto, Governador”.²²⁵ Foi, então, Salomão Filgueira quem participou e falou em nome do Rio Grande do Norte, no Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste.

Mesmo sem termos acesso à principal fonte em que esse evento pode ter sido noticiado – o jornal *A Imprensa* –, nem a toda correspondência de Câmara Cascudo na época, podemos afirmar a constante aproximação de Cascudo e o Centro Regionalista, mostrando que não foi apenas em “raros momentos” que as idéias do jornalista e escritor norte-rio-grandense se coadunaram com as idéias de Freyre com o Centro Regionalista do Nordeste.

²²⁴ Salomão Filgueira, jornalista norte-rio-grandense que trabalhava em Pernambuco. Acerca desse jornalista ver DR. SALOMÃO Filgueira. *Revista do Centro Polymathico do Rio Grande do Norte*, Natal, a. 1, v. 1, n. 1, jan. 1920.

²²⁵ CONGRESSO Regionalista do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 fev. 1926.

Além disso, as críticas de Mário de Andrade ao Movimento Regionalista-Tradicionalista, pregando um regionalismo que alcançasse a idéia de brasilidade, foram incorporadas por Cascudo a ponto de, mais tarde, ele terminar uma carta a Gilberto Freyre, escrevendo: “aqui fica, o velho sócio do ‘Centro Nacionalista do Recife’, na sede no Odilon Nestor, a quem V. indigestou fazendo-o comer nove beijus secos. Abraço – Luís da Câmara Cascudo”.²²⁶ Assim, nessa carta, o Centro deixou de ser regionalista para ser nacionalista. Cascudo quis mostrar-se como membro de uma associação que não pensava só a região, mas também a nação. Nacionalista ou regionalista, Cascudo foi, assim, um tradicionalista nordestino.

Portanto, o silêncio que foi construído em torno do Luís da Câmara Cascudo regionalista, ignorou inúmeras ações realizadas por esse escritor junto ao Centro Regionalista do Nordeste e junto a escritores que pensavam o saber a partir dessa postura regional. A influência do regionalismo provinciano de Henrique Castriciano e do regionalismo-tradicionalista nordestino de Gilberto Freyre, particularmente, foi decisiva na maneira como Cascudo escreveu nos anos 20 e, por isso, não deve ser ignorada. Então, entre passadistas e regionalista, Cascudo trouxe *de Recife* o tradicionalismo regional para incorporá-lo ao regionalismo provinciano já existente em Natal. O resultado foi um indivíduo singular que analisou, assimilou e praticou idéias regionalistas. Mesmo que, posteriormente, a máscara regionalista de Luís da Câmara Cascudo tenha sido soterrada pelo discurso modernista, sua face regionalista não pode ser negada, porque pode ser visualizada na documentação da década de 1920, por quem dela se interessar.

²²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. [Correspondência enviada a Gilberto Freyre]. Natal, 1940. 1p. Carta. Acervo Fundação Gilberto Freyre.

CONCLUSÃO

Para concluirmos nosso estudo, gostaríamos de retomar um artigo escrito por Câmara Cascudo em janeiro de 1923. Nesse artigo, publicado no jornal *A Imprensa* daquele ano e reproduzido em *Joio* no ano seguinte, Cascudo versou sobre o escritor pernambucano Lucilo Varejão. Foi esse artigo que Humberto Hermenegildo considerou um “raro momento em que se percebe uma sintonia entre o pensamento cascudiano e as idéias regionalistas de Gilberto Freyre”.²²⁷

Nesse pretense raro momento regionalista, Cascudo comentou os escritos de Lucilo Varejão, ressaltando o valor da obra deste romancista. Mais que isso, Cascudo destacou a necessidade de uma literatura nortista que, para ele, representaria o Brasil legítimo. Assim escreveu: “o romance, como a mais perfeita expressão de cultura ambiente, só representará o Brasil legítimo, se sair do Norte. Não é separatismos (sic) – é exclusivamente a construção artística de um cenário que a Europa tem parcamente influído”.²²⁸

Diante dessa clara postura regionalista, Humberto Hermenegildo não podia continuar a observar, exclusivamente, o modernismo, mesmo porque esse artigo foi escrito antes da chegada desse movimento no Rio Grande do Norte. Apontar esse texto, pois, como um raro momento regionalista era a única maneira de reduzir o significado existente nele e, também, o único modo de não macular a imagem traçada para o Cascudo escritor modernista.

Por isso, não foi à toa que deixamos de citar esse artigo ao longo de nosso estudo. Fazer referência a essa notória postura regionalista de Câmara Cascudo apenas agora, nos permite mostrar que existiram outros inúmeros momentos na trajetória intelectual desse escritor que possibilitam explicá-lo por um enfoque regionalista. Abrir mão de usar a *rara* postura regionalista contida no referido artigo, não nos impediu de visualizar a face

²²⁷ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*, p. 49.

²²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Lucilo Varejão: arabescos em torno de seus livros. *A Imprensa*, Natal, 21 jan. 1923.

regionalista-tradicionista nordestina de Câmara Cascudo. Assim sendo, esse artigo jamais foi apenas um raro momento regionalista, foi mais um dos *vários momentos* tradicionalistas em que se percebe uma afinidade de idéias regionalistas entre Luís da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre.

Então, a primeira conclusão a que chegamos é a de que o Câmara Cascudo modernista, muito embora tenha existido, não atuou da maneira como a bibliografia hoje existente sobre o tema propõe. A imagem modernista de Cascudo, da forma que está presente na escrita da história literária potiguar, é uma construção discursiva que teve mais o intuito de inseri-lo no panteão dos grandes escritores modernistas do que de explicar o sentido dos escritos produzidos pelo jovem crítico literário norte-rio-grandense.

Nesse sentido, a imagem de Mário de Andrade foi tomada como referencial para a obra de Câmara Cascudo. A amizade existente entre os dois escritores, mormente quando da visita de Mário de Andrade a Natal, foi explorada para mostrar como Câmara Cascudo teria sido um modernista de primeira hora e como sua obra folclórica só teria sido possível graças à influência de Mário de Andrade e do Movimento Modernista. Elementos que, conforme vimos ao longo da monografia, foram agenciados indevidamente, ignorando outros aspectos da vida e da obra de Cascudo.

A partir do ano de 1979, esse discurso modernista, oriundo do jornal *A República*, transformou-se em imagem naturalizada e subjetiva no Rio Grande do Norte. Inicialmente sob a égide da tinta de Deífilo Gurgel e, logo depois, sendo amplamente defendido por Veríssimo de Melo, o Cascudo modernista tornou-se uma tese que não mais podia ser questionada. Desde então, a visão regionalista de Câmara Cascudo tornou-se incoerente com o modernista, de modo que foi progressivamente silenciada.

Assim, o Luís da Câmara Cascudo que havia comungado das idéias regionalistas provincianas e das idéias regionalista-tradicionistas nordestinas foi silenciado, uma borracha

foi passada sobre esse capítulo de sua biografia. Os anos compreendidos entre 1931 e 1978, quando o regionalismo era o eixo explicativo da obra de Câmara Cascudo foram ignorados – conforme percebemos no primeiro capítulo.

Os estudos de Humberto Hermenegildo tiveram grande influência nesse processo de silenciamento do Cascudo regionalista. Apesar de Hermenegildo, em alguns momentos, ter chamado a atenção para a tentativa de Câmara Cascudo em manter-se independente em relação aos Movimentos Modernista e Regionalista-Tradicionalista, circulando livremente por ambos, o autor do livro *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte* relegou o regionalismo à informação secundária, às vezes, tornou-o inexistente.²²⁹

Após os estudos de Humberto Hermenegildo, a história do Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordestino no Rio Grande do Norte passou a ser composta por referências fortuitas de eventos ocorridos em Pernambuco, sem nenhuma influência local. Em outros estudos, o de José Luiz Ferreira, por exemplo, o regionalismo ganhou um tom pejorativo, tornou-se uma “pecha”. Desse modo, ser regionalista foi descrito em semelhança com um crime e, obviamente, Cascudo não seria um dos infratores.

No entanto, não podemos exaltar o modernismo a tal ponto, que o regionalismo se torne algo insignificante. Ser regionalista, e mais, tradicionalista, não era um crime. Era, ao contrário, uma das formas possíveis de se pensar o Brasil. Ser regionalista ou modernista era querer pensar a brasilidade. Porém, no caso dos regionalistas era pensar esse sentimento através de um espaço mais localizado, circunscrito pela idéia de região. Muito embora, em Pernambuco, modernistas e regionalistas tenham se postado em oposição uns aos outros, julgar um dos movimentos e condená-lo ao esquecimento é limitar a agitação literária dos anos 1920. É admissível que se explore apenas um dos movimentos artístico-literários, desde que não se ignore a existência do outro, que não se queira, deliberadamente, reduzi-lo.

²²⁹ ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*, p. 40.

Então, se o modernismo entrou para história da literatura brasileira como o grande movimento de renovação estética, foi porque seus princípios tinham esse fim, buscavam criar uma arte nova, futurista, de vanguarda. Na contramão desse processo, os regionalista-tradicionistas não queriam provocar rupturas. Ao contrário, buscavam traçar uma continuidade com o passado, esperavam manter a dinâmica sócio-cultural existente até a década de 1920. E, talvez, por não terem uma postura clara em relação à literatura como tinham os modernistas, tornando-se sujeitos históricos menos importantes para os críticos literários.

Assim sendo, Cascudo como um homem dividido entre a valorização da praticidade trazida pela modernização e as alterações sociais oriundas da modernidade, tidas por ele como degradantes, optou por ocupar um lugar de segurança entre os dois movimentos. Nessa tensão entre passado e futuro, Cascudo via em cada um dessas temporalidades aspectos e posturas com as quais concordava. Por esse modo, pôde se articular, sem contradições, aos dois movimentos, tornando-se representantes de ambos no Rio Grande do Norte.

Por esse modo, inserimos Cascudo em uma outra tradição, local e provinciana. O Luís da Câmara Cascudo crítico literário nasceu para a escrita através do contato com o meio literário de Natal, representado por escritores como Henrique Castriciano e Eloy de Souza, cujo tipo de saber produzido dizia respeito a uma postura notadamente regionalista. Foi a partir de agremiações que reuniam esses escritores regionalistas provincianos, tais como o Centro Polymathico, em Natal, que Câmara Cascudo se projetou para fora do Rio Grande do Norte. Os contatos com Mário Sette, Lucilo Varejão, Mário Melo e Monteiro Lobato, por exemplo, fizeram com que os escritos de Câmara Cascudo ganhassem repercussão antes mesmo do incentivo de Mário de Andrade. Especificamente a amizade intelectual entre Cascudo e Monteiro Lobato, representou a emergência do folclorista norte-rio-grandense,

uma vez que foi a *Revista do Brasil*, dirigida por Lobato, que divulgou os primeiros textos de Cascudo sobre folclore, dando visibilidade aos escritos do jovem folclorista.

A repercussão desses e de outros escritos de Câmara Cascudo, sobretudo no Recife, onde modernistas e regionalistas dialogavam com maior vigor, o tornaram um indivíduo reclamado por membros dos dois movimentos. Joaquim Inojosa, Mário Melo e Gilberto Freyre foram alguns dos escritores que produziram algum texto para definir em qual movimento Cascudo estava vinculado. Mas, em contrapartida, o próprio Cascudo nunca tomou partido nos embates literários existentes em torno das duas correntes. Definir, pois a postura teórica de Cascudo nos anos 20 limitada a uma única corrente é uma leitura reducionista.

Uma outra conclusão a que chegamos concerne à participação de Câmara Cascudo nos principais momentos do Movimento Regionalista-Tradicionalista Nordestino. Concluimos que Luís da Câmara Cascudo, a partir da amizade com Gilberto Freyre, efetivamente participou desse movimento, compactuando com suas idéias. Assim, freqüentou saraus literários, visitou o Centro Regionalista do Nordeste e participou das comemorações do centenário do Diário de Pernambuco. O único grande momento do Movimento Regionalista-Tradicionalista em que Cascudo, ao que parece, não esteve presente, foi durante o Primeiro Congresso Regionalista de 1926.

Portanto, para encerrarmos nosso estudo, propomos uma reflexão cronológica em três momentos acerca da atuação literária de Câmara Cascudo. Essa cronologia vai desde 1918, quando Cascudo escreveu seu primeiro artigo, até 1929, quando o escritor Mário de Andrade retornou a São Paulo, após ter permanecido pouco mais de um mês em Natal.

No primeiro momento por nós aventado, entre 1918 e 1923, os artigos de Câmara Cascudo na coluna *Bric-à-brac* do jornal *A Imprensa* e seu primeiro livro *Alma Patrícia*, refletem um tipo de discurso nacionalista muito comum durante o início do século XX. Esse

discurso tencionava encontrar na arte, principalmente na literatura, a alma da pátria, aquilo que fazia do Brasil uma nação, ou seja, seus grandes escritores. Os artigos desse momento, para além de discutirem o futurismo ou alguma manifestação de passadismo, discutiam os aspectos da literatura nacional. Quando muito, em artigos isolados, faziam referências fortuitas aos futuristas da *Klaxon* ou à “força animadora e moça” dos escritores regionalistas pernambucanos.²³⁰

No segundo momento, que foi de 1924 a 1927, pudemos perceber claramente o livre trânsito de Câmara Cascudo entre modernistas e regionalista-tradicionistas. Isso decorreu do fato de ter sido nesse momento que os dois movimentos estavam ganhando seus contornos, estavam construindo suas idéias. E, como crítico literário, Cascudo buscava conhecer as duas correntes artístico-literárias. Então, seus artigos desse período demonstram restrições tanto às idéias modernistas quanto às regionalistas. Para ele, os movimentos ainda estavam envoltos por certa incompreensão dos objetivos que possuíam.²³¹ Nesse sentido, Cascudo ainda se mostrava indeciso sobre qual corrente deveria seguir, deixando em aberto seu ponto de vista e abrindo mão de qualquer tentativa de classificar o tipo de escrita que produzia.²³²

Por esse modo, é compreensível como ao mesmo tempo em que visitou o Centro Regionalista ou em que participou das comemorações do centenário do jornal *Diário de Pernambuco*, Cascudo tenha escrito um artigo na revista local *Letras Novas*, assumindo uma postura modernista.²³³ Para Câmara Cascudo, esse momento era ainda de indefinição, os Movimentos Modernista e Regionalista-Tradicionalista estavam ainda definindo suas posturas. O regionalismo, que já era uma marca cultural do Estado, estava sendo resignificado

²³⁰ Acerca dos artigos sobre escritores pernambucanos ver CASCUDO, Luís da Câmara. Lucilo Varejão: arabescos em torno de seus livros. *A Imprensa*, Natal, 21 jan. 1923.

Acerca das referências fortuitas aos futuristas ver Id., Henrique Castriciano: educador-literato-político. *A Imprensa*, Natal, 09 ago. 1922.

E também Id., Bric-à-brac: o mundo literário. *A Imprensa*, Natal, 05 jul. 1922.

²³¹ Ver Id., O que eu diria ao sr. Graça Aranha. *A Imprensa*, Natal, 24 ago. 1924.

²³² Ver Id., Registro Bibliográfico – A Arte Moderna. *A Imprensa*, Natal, 22 ago. 1924.

²³³ Ver Id., Actos dos modernos. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.). *Histórias de letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte*. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção Nação Potiguar, 5).

a partir da pregação tradicionalista. Do mesmo modo, o modernismo ainda era divulgado nos jornais locais com pouca clareza; não eram os paulistas da Semana de Arte Moderna o referencial, mas sim a ação dos cariocas através de Graça Aranha. Além disso, Cascudo também era amigo de integrantes dos dois movimentos.

Portanto, até 1927, não se pode rotulá-lo como unicamente modernista ou como exclusivamente regionalista provinciano ou regionalista-tradicionalista. Nos dias atuais, devido à especialização do saber, é até possível ter uma visão específica desses quatro anos que acabamos de nos referir, separando as posturas regionalistas das ações modernistas de Cascudo e se detendo a explicar apenas uma delas. O que não pode ser feito é tomar uma delas como absoluta e, deliberadamente, desconsiderar que a outra existiu, mesmo porque para Câmara Cascudo não havia fronteiras nítidas entre as duas correntes nesse momento. Como não havia um conteúdo programático de Cascudo para os dois movimentos, talvez, nomeá-lo como crítico literário seja a atitude mais ponderada.

Por fim, o terceiro e último momento da trajetória intelectual de Luís da Câmara Cascudo nos anos de 1920, compreende os anos de 1928 e 1929. Para esse momento sim, se pode perceber, nitidamente, uma postura modernista, caracterizada em Câmara Cascudo. A partir de 1928, Cascudo começou a escrever para o jornal *A República*, uma vez que o jornal no qual trabalhava – *A Imprensa* – havia encerrado suas atividades. Desde então, Cascudo começou a conviver com outros escritores que também escreviam sobre o modernismo como, por exemplo, Edgar Barbosa.²³⁴ Desde aquele momento já se podia perceber, através do jornal *A República*, que o modernismo no Rio Grande do Norte já estava consolidado e com seus princípios estéticos definidos.²³⁵

²³⁴ Acerca dos escritos de Edgar Barbosa sobre o modernismo ver, por exemplo, BARBOSA, Edgar. A estética do futurismo e a sua atuação na Arte. *A República*, Natal, 12 out. 1928.

Id., Um “trust” literário. *A República*, Natal, 26 out. 1928.

Id., A concepção modernista do passadismo. *A República*, Natal, 07 dez. 1928.

²³⁵ Ver MACHADO, Antonio de Alcantara. O modernismo na literatura em 1928. *A República*, Natal, 03 fev. 1929.

Nesse mesmo ano, Mário de Andrade chegou a Natal e hospedou-se na residência dos Cascudo. Não nos deteremos a essa passagem de Mário de Andrade por Natal, mas é necessário salientarmos que a estada de Mário na casa de Cascudo representou a incorporação do norte-rio-grandense ao Movimento Modernista. Nesse sentido, a série de seis artigos escritos por Cascudo e publicados *n'A República*, tratando da excursão pelo sertão realizada pelo próprio Cascudo, em companhia de Mário de Andrade e Antônio Bento, como bem observou Margarida Neves, através de frases curtas e de um estilo sincopado, bem como fazendo referências modernas ao automóvel, representou uma tentativa de “demonstrar a seus leitores de então e aos da posteridade a sua auto-afirmação como escritor modernista”.²³⁶

Sendo assim, o Luís da Câmara Cascudo escritor modernista e crítico do regionalismo, data, somente, dos anos de 1928 e 1929. Só em 1929 Cascudo se referiu ao regionalismo tentando manter-se distante deste movimento, chegando a se referir, com uma visão negativa, à pessoa “grudada em regionalismo de gaveta”²³⁷ ou sentenciando: “não quer dizer que eu seja estreitamente regionalista”.²³⁸ Deste modo, ao contrário do que desejava Veríssimo de Melo, Cascudo foi um modernista de última hora, pelo menos de maneira declarada. Mesmo assim, como a história já nos mostrou, a partir da década de 1930, Cascudo trilhou o caminho inverso. Iniciando com um conservadorismo político, passando por uma visão de história, que se propunha a evocar do esquecimento os personagens do passado norte-rio-grandense, e culminando na realização de estudos folclóricos, Cascudo trouxe de volta sua postura regionalista – já explicitada no primeiro capítulo – mantendo novamente a aproximações com o pensamento de Gilberto Freyre.

Destarte, através dessa cronologia que propomos, quisemos historicizar a década de 1920, pensando cada atitude de Câmara Cascudo dentro do contexto em que ocorreu,

²³⁶ NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 244.

²³⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. José Augusto. *A República*, Natal, 04 out. 1929.

²³⁸ Id., Para fazer um romance.... *A República*, Natal, 11 set. 1929.

obedecendo às circunstâncias específicas da época em que se desenrolou. Assim, acreditamos que Cascudo não pode ter sua trajetória intelectual, nos anos 20, explicada puramente a partir do modernismo, como se o seu regionalismo fosse meramente ocasional. Portanto, defendemos que Luís da Câmara Cascudo também foi um atuante escritor regionalista-tradicionista, dentro de um contexto em que tanto os tradicionalistas quanto os modernistas tinham o Brasil como referencial maior. Cada um deles, ao seu modo, queria usar a “cor local” para pintar um novo quadro a ser exposto como uma arte autenticamente nacional.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. (Estudos e pesquisas, 104).

_____. Experiência uma fissura no silêncio. **Territórios e Fronteiras**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFMT, Cuiabá, v. 3, n. 1, p. 61-75, jan./jun. 2002.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **Luís da Câmara cascudo em “As batalhas contra o Tempo”**: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

_____. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de. Luís da Câmara Cascudo – do local ao universal. In: MAIOR, Mário Souto. (Org.). **Folclore 1999**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2000.

ANDRADE, Mário de. **O movimento modernista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ANDRADE, Maristela de. **Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 1999.

ARANHA, Graça. A emoção estética na arte moderna. In: _____. **Espírito moderno**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1925.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

_____. **Asas de Sófia: ensaios cascudianos**. Natal: FIERN: SESI, 1998.

_____. Processos formativos locais e modernização social. **Brouhaha**, Natal, ano 1, n. 4, p. 92-94, abr./jun. 2006.

ARRAIS, Raimundo. (Org.). **Crônicas de origem**: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20. Natal: Ed. da UFRN, 2005.

_____. (Org.). Câmara Cascudo: a vida dentro da obra. **Continente Documento**, Recife, ano 4, n. 48, ago. 2006.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

AZEVEDO, Romildo Teixeira de. **I Painel sobre a vida e a obra de Câmara Cascudo**. Brasília: Senado federal, 1988.

BERMAN, Marshall. Introdução. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 15-35.

BARROS, Souza. Segunda parte. In: _____. **A década 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Rio de Janeiro: Graf. Ed. Acadêmica, 1972.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 183-191.

BYINGTON, Silva Ilg. Prezados modernistas: a correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em cousas miúdas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005. p. 237-262.

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma patricia**: crítica literária. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).

_____. **Joio**: páginas de literatura e crítica. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 749).

_____. **Histórias que o Tempo leva....** Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).

_____. **Lopez do Paraguay.** Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, série C, n. 855).

_____. **Versos de Lourival Açucena.** 1. ed. Natal: Typographia d'A Imprensa, 1927.

_____. **O marquez de Olinda e seu tempo (1793-1870).** 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Brasiliana, 107).

_____. Prefácio. In: MOTA, Leonardo. **Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense.** 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

_____. **Gente viva.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.

_____. Complexo sociológico do vizinho. In:____. **Ensaio de etnografia brasileira: pesquisa na cultura popular do Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. p. 18-26. (Coleção consulta científica, 1).

_____. **Literatura oral no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; INL. (Coleção documentos brasileiros, 186).

_____. **Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações.** Natal: Editora da UFRN. 1998.

_____. **Na ronda do tempo: diário de 1969.** Natal: Ed. da UFRN, 1998.

_____. et all. **Rio Grande do Norte: 500 anos.** Natal: IHGRN, 2001.

_____. **Vaqueiros e Cantadores.** São Paulo: Global, 2005.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In:____. **A cultura no plural.** Campinas: Papirus, 1995. p. 55-85.

COSTA, Fernando Hippolyto da. A fundação do Instituto – 1902. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte,** Natal, v. 79/80, p. 9-75, 1988.

COSTA, Américo de Oliveira. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio biobibliográfico.** Natal: Fundação José Augusto, 1969.

COSTA, Maria Suely da. Revistas literárias do Rio Grande do Norte: ícones das letras novas de nossa terra e outras terras nos anos 20. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.).

Histórias de letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção Nação Potiguar, 5).

CUNHA, Diva. Regionalismo e universalismo em Câmara Cascudo. **Odisséia**, Natal, v. 4, n. 6, p. 37-46, jul./dez. 1998.

FERREIRA, José Luiz. **Modernismo e tradição:** leitura da produção literária de Câmara Cascudo nos anos 20. 2000. 135p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

_____. O modernismo na província: divulgação e produção poética. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. (Org.). **Histórias de letras:** pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção Nação Potiguar, 5).

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder.** 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **O que é um autor?.** 4. ed. Lisboa: Vega, 2000.

_____. **A ordem do discurso.** 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista de 1926.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

_____. Presença do Recife no movimento modernista brasileiro. Separata de **Caderno Moinho Recife.** Recife, n. 10, 1972.

_____. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife. In: _____. **Manifesto regionalista.** 6. ed. Recife: INPJS: Ministério da Educação e Cultura, 1976. p. 12-36.

_____. (Org.). **Livro do Nordeste.** Edição fac-similar. 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

_____. **Nordeste.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: _____. **Correspondências:** leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

_____. Introdução. In: _____. **Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 7-41.

_____. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=25>. Acesso em: 11 set. 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HOBBSAWM, Eric. Introdução. In: Ranger, Terence; HOBBSAWM, Eric. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55). p. 9-23.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Graf. Tupy, 1968/1969. v. 1 e 2.

_____. **Um “movimento” imaginário: resposta a Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: Graf. Tupy, 1972.

_____. Cascudo e o modernismo. In: _____. **Os Andrades e outros aspectos do modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975. p. 7-10.

_____. **A arte moderna (1924-1974); O Brasil brasileiro (1925-1975)**. Rio de Janeiro: Ed. Meio-dia, 1977.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

LANDERS, Vasda Bonafini. Introdução ao pensamento de Monteiro Lobato. In: _____. **De Jeca à Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. cap. 1, p. 17-35.

LE GOFF, Jacques. Introdução. In: _____. **São Luís: biografia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-32.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. p. 167-182.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo**, um brasileiro feliz. Natal: RN Econômico, 1978.

LUÍS da Câmara Cascudo: sua vida e obra. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3v.

MELO, Veríssimo de. (Org.). **Livro de poemas e outras poesias**. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

_____. (Org.). **Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo**. Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1989.

_____. **A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1998. (Coleção Mossoroense, série B, n. 1480).

_____. (Org.). **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História em cousas miúdas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 237-262.

OLIVEIRA, Giovana Paiva. **De cidade A Cidade: o processo de modernização do Natal 1889/1913**. Natal: Ed. da UFRN, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista: discurso do confronto velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. c. 1, p. 25-37; c. 2, p. 38-44.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48.

SILVA, Marcos. (Org). Nota preliminar. In: _____. **Dicionário crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, FAPESP, FFLCH/USP; Natal: Ed. da UFRN, Fundação José Augusto, 2003.